

Caderno Pedagógico: Educação Quilombola

Funtamental (anos finais) e Ensino Médio







**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO
SECRETARIA ADJUNTA DE GESTÃO EDUCACIONAL
SUPERINTENDENCIA DE DIVERSIDADES EDUCACIONAIS
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO E QUILOMBOLA**

MAURO MENDES

GOVERNADOR DO ESTADO DE MATO GROSSO

OTAVIANO PIVETTA

VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DE MATO GROSSO

ALAN RESENDE PORTO

SECRETÁRIO DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

AMAURY MONGE FERNANDES

SECRETÁRIO ADJUNTO EXECUTIVO

IRENE DE SOUZA COSTA

SECRETÁRIA ADJUNTA DE GESTÃO EDUCACIONAL

LUCIA APARECIDA DOS SANTOS

SUPERINTENDENTE DE POLÍTICAS DE DIVERSIDADES EDUCACIONAIS

CLEOMARA NUNES DO AMARAL (2019)

MARIA LECY DAVID DE OLIVEIRA (2020)

COORDENADORAS DE EDUCAÇÃO DO CAMPO E QUILOMBOLA

CADERNO PEDAGÓGICO: EDUCAÇÃO QUILOMBOLA

FUNDAMENTAL (ANOS FINAIS) E ENSINO MÉDIO

EQUIPE TÉCNICA:

CLEOMARA NUNES DO AMARAL (SUDE/COCQ)

CLEUZA APARECIDA DE SANTANA GONÇALVES (SUDE/COCQ)

EMERSON JOSÉ BELO DE SOUZA (SUDE/COCQ)

EUZEMAR FATIMA LOPES SIQUEIRA (SUDE/COCQ)

LUANA SOARES DE SOUZA (SUDE/COCQ)

LUCIA APARECIDA DOS SANTOS (SUDE)

LUZINEIA GUIMARÃES ALENCAR (SUDE/COCQ)

MARCELO JOSÉ DA SILVA JUNIOR (SUDE/COCQ)

MARIA LECY DAVID DE OLIVEIRA (SUDE/COCQ)

NADIR DE ARRUDA SILVA OLIVEIRA (SUDE/COCQ)

COLABORADORES:

MARINEI ALMEIDA (UNEMAT)

EDSON FLÁVIO SANTOS (UNEMAT)

*AS FOTOS CONTIDAS NESSE CADERNO PEDAGÓGICO PERTENCEM AO ARQUIVO DA COORDENADORIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E QUILOMBOLA

ESCOLAS QUILOMBOLAS DO ESTADO DE MATO GROSSO:

E.E.Q VERENA LEITE DE BRITO (VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE)

E.E.Q MARIA DE ARRUDA MULLER (SANTO ANTÔNIO DO LEVERGER)

E.E.Q TEREZA CONCEIÇÃO DE ARRUDA (NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO)

E.E.Q JOSÉ MARIANO BENTO (BARRA DO BUGRES)

E.E.Q REUNIDAS DE CACHOEIRA RICA (CHAPADA DOS GUIMARÃES)

PREZADOS LEITORES

Nosso Estado é extremamente diverso, marcado por uma grande extensão territorial e por uma ampla diversidade natural, em todos os sentidos, sendo composto de Cerrado, Amazônia e Pantanal e de uma enorme diversidade cultural. Considerando essa diversidade, pensar e repensar a Educação Quilombola como política pública educacional e discuti-la com a sociedade, focando-a como política articulada e conectada com o mundo e com o tempo real, é a meta estabelecida pelos gestores públicos que perpassam pelos caminhos da Educação Pública do Estado de Mato Grosso.

A Superintendência de Políticas de Diversidades Educacionais (SUDE), através da Coordenadoria de Educação do Campo e Quilombola (COCQ), considera todo este potencial. Na tentativa de implantar políticas públicas para atender as comunidades quilombolas, estamos propondo e reafirmando para a sociedade todo o empenho em manter vivas as nossas tradições!

Neste sentido, é necessário um olhar voltado para Educação Quilombola que repense o contexto histórico, social, político, econômico, cultural e ambiental do Estado de Mato Grosso, e sua estrutura de apoio e logística à um atendimento para demanda, de acordo com especificidades de cada unidade escolar, respeitando a ancestralidade das comunidades quilombolas. Assim, propõe-se uma estrutura pedagógica que corresponda aos anseios das sociedades que vivem nessas comunidades.

Para esse processo, articula-se o atendimento das redes Estadual e Municipal de ensino, com o propósito de alcançar a qualidade social de uma Educação Quilombola que a sociedade mato-grossense busca e almeja. Para tanto, este pensamento se fará articulado ao Projeto Político Pedagógico que será construído de acordo com os princípios da Educação Quilombola tais como: identidade, respeito as diversidades culturais, às experiências científicas e empíricas, suas especificidades, singularidades e potencialidades.

Ressalta-se que, conforme o exposto, esta Secretaria atende aos princípios que dão sustentabilidade a Educação Quilombola compreendendo a sua realidade a partir de fatores complexos como: organização curricular, calendário, corpo docente, gestão escolar, formação de professores, alimentação escolar, infraestrutura, apoio e logística, transportes. Todos esses fatores permitem a formação integral e profissional para o cidadão-cidadã que vive em comunidades quilombolas, garantindo-lhe acesso a todas as etapas e/ou modalidades de ensino: Educação Infantil; Ensino Fundamental; Ensino Médio; Médio Profissionalizante; Educação Jovens e Adultos; Educação Especial.

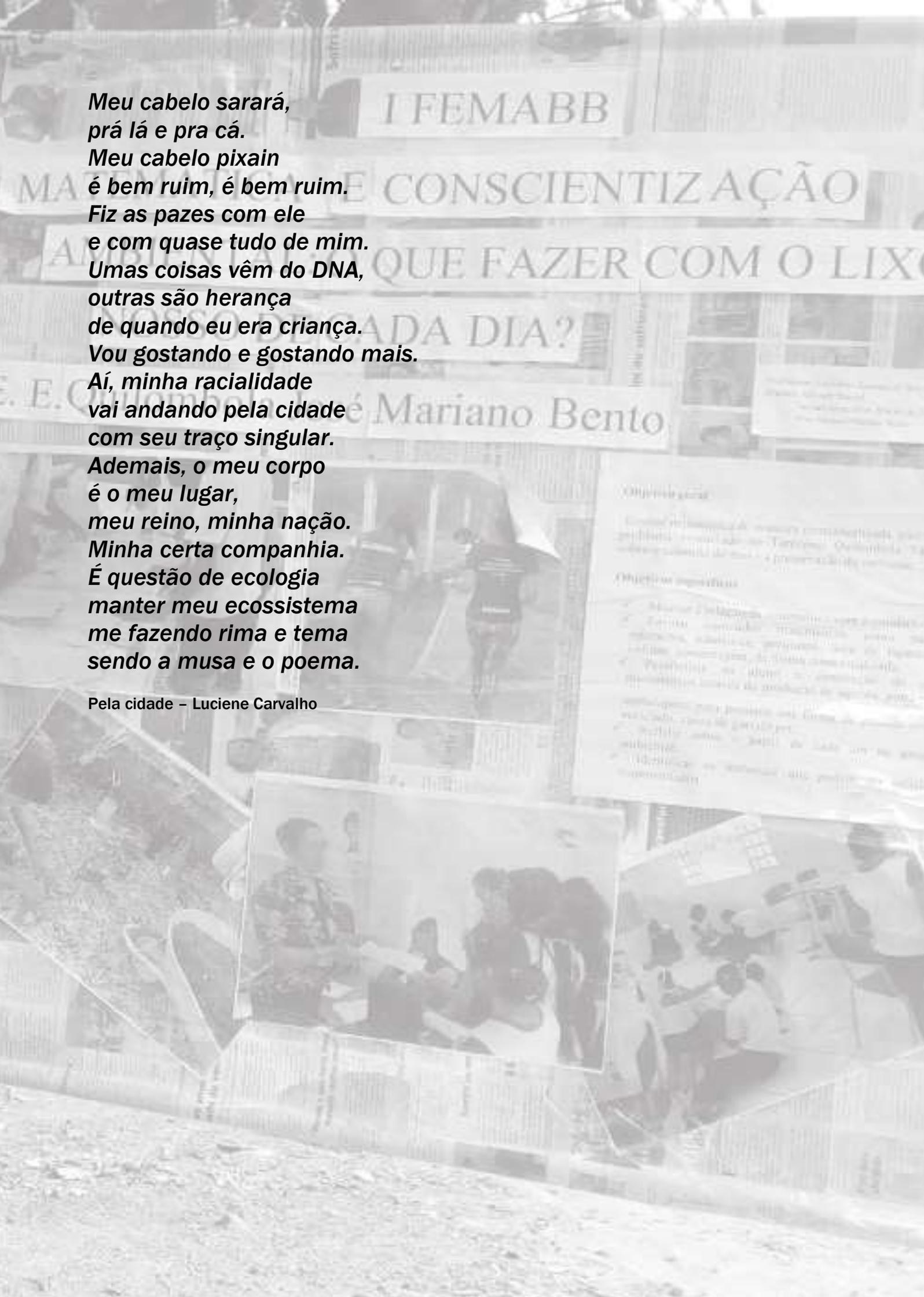
Esperamos que esse caderno auxilie na organização do trabalho pedagógico dos docentes das escolas quilombolas, contribuindo para o desenvolvimento de uma educação libertadora, que reforce o protagonismo dos nossos estudantes e de suas comunidades. Boa leitura!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
A formação do povo brasileiro	10
A Educação Quilombola tem história	14
LEGISLAÇÃO, CURRÍCULO E A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA	21
Lei 10.639/03: Torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira	22
Orientações e ações para Educação das Relações Étnico-raciais	23
Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica	25
Orientações Curriculares: Diversidades Educacionais (MT)	28
Base Nacional Comum Curricular (BNCC)	29
Competências gerais	30
A transição da infância para adolescência: perspectivas para o Ensino fundamental na BNCC	32
Os jovens quilombolas: perspectivas para o Ensino Médio na BNCC	33
Documento de Referência Curricular de Mato Grosso (DRC/MT)	34
PARTE DIVERSIFICADA	39
Organização Curricular Da Educação da Educação Quilombola	40
Leitura e escrita	40
Matriz curricular do Ensino Fundamental	43
Matriz curricular do Ensino Médio	44
Quadro de habilidades e objetos de conhecimento do Ensino Fundamental e do Ensino Médio	49
Quadro de habilidades alternativo ao trabalho com o Projeto de Vida	75
SUGESTÕES	79
Lista de livros para anos finais do ensino fundamental	81
Lista de livros para ensino médio	84
Lista de filmes e documentários	87
AGRADECIMENTOS	99
BIBLIOGRAFIA	99
LISTA DE SIGLAS	104
ANEXOS	106
Sugestão de plano de aula	107
Modelo de atividade do Ensino Fundamental e Médio	108
Relato de experiência de escolas exitosas	117

**Meu cabelo sarará,
prá lá e pra cá.
Meu cabelo pixain
é bem ruim, é bem ruim.
Fiz as pazes com ele
e com quase tudo de mim.
Umás coisas vêm do DNA,
outras são herança
de quando eu era criança.
Vou gostando e gostando mais.
Aí, minha racialidade
vai andando pela cidade
com seu traço singular.
Ademais, o meu corpo
é o meu lugar,
meu reino, minha nação.
Minha certa companhia.
É questão de ecologia
manter meu ecossistema
me fazendo rima e tema
sendo a musa e o poema.**

Pela cidade - Luciene Carvalho



INTRODUÇÃO

Esse material surge da necessidade de orientação quanto a parte pedagógica da Educação Quilombola no Estado de Mato Grosso, relacionada à Base Nacional Comum Curricular e à Parte Diversificada. Sabemos das dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação com relação às novas orientações curriculares. Diante disso, preparamos um material que pudesse servir de apoio para elucidar as dúvidas com relação às políticas públicas que se desenvolveram em torno da BNCC.

Para contextualizar as mudanças do currículo, inicialmente faremos uma discussão sobre a formação do povo brasileiro, a fim de compreender como funcionam as relações sociais e raciais no Brasil e como essas relações se organizam no currículo.

Em seguida, vamos abordar as leis que regem a Educação Quilombola. Enfatizamos a lei 10.639/03, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, as Orientações Curriculares: Diversidades Educacionais, a Base Nacional Comum Curricular, o Documento de Referência Curricular de Mato Grosso e a Parte Diversificada, que é constituída de uma política que apresenta a produção de práticas com base na cultura local através de ações políticas cotidianas, que muitas vezes são executadas sem interlocução com as políticas educacionais.

Ao final, estarão elencadas algumas sugestões de práticas pedagógicas a serem realizadas nas escolas. É preciso destacar que a escola possui particularidades e singularidades que precisam ser respeitadas. Os planos de aulas, as intervenções e o Projeto Político Pedagógico (PPP) devem estar articulados às políticas públicas e normas nacionais, no entanto, sempre relacionadas à realidade da escola.

A produção de atividades no espaço escolar é um trabalho coletivo e deve ter como foco não apenas a melhoria dos índices de aprendizagem, mas também do desenvolvimento pleno do estudante quilombola. Nossas práticas devem criar significado para o estudante, para que ele construa autonomia e possa intervir nas diversas situações sociais. Os estudantes das escolas quilombolas trazem para a sala de aula seus saberes e vínculos com a comunidade. A escola precisa explorar as vivências que o estudante traz consigo, mediando o saber local e o saber formal. Nossa responsabilidade enquanto professores, gestão e escola é promover o fortalecimento dos estudantes, respeitando e cultivando a ancestralidade e a identidade desses sujeitos.

A FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO

Para começo de conversa optamos por revisitar o passado e a história do Brasil a fim de compreender o presente. Para entendermos as relações entre currículo, a Educação Quilombola e a escola precisamos analisar como nosso país se formou. Dessa forma, compreenderemos como opera o racismo, por que ele ainda está presente na escola e o que tem sido feito para combatê-lo. Com essa reflexão, buscamos apontar caminhos para a descolonização do currículo propondo práticas emancipadoras, com o intuito de valorizar a diversidade étnico-racial, a identidade e o pertencimento dos estudantes.

Os povos raptados do continente africano foram trazidos para o nosso país tornando-se mão de obra escrava. Além da violência física, empregue como forma de dominação, a colonização construiu uma imagem dos negros e dos indígenas que reduzia os saberes e as práticas ancestrais dessas comunidades. O processo de colonização gerou uma sociedade baseada no eurocentrismo, prática que consiste na centralidade da visão europeia na constituição do mundo e, simultaneamente, na inferiorização de formas de vida não europeias. A forma de organização, expressão e produção da vida europeia foi sistematicamente colocada como superior a todas as outras formas.

A supremacia política, cultural, religiosa, tecnológica eurocêntrica dos últimos 500 anos levou à interiorização da Europa como aquela que precede a origem das civilizações. A consequência dessa percepção é que os povos não europeus são invisibilizados e, no caso do povo negro, acrescenta-se marginalização tangenciada pelo racismo. (NJERI; RIBEIRO, 2019, p. 597)

Essa supremacia transformou o sujeito negro em um ser aprisionado a um estereótipo, a uma narrativa, sendo constantemente reduzido e animalizado. Segundo Mbembe, o sujeito negro era visto “com formas bizarras, queimado pela irradiação do fogo celeste (...) dominado pela alegria e abandonado pela inteligência; o Negro é antes de tudo o resto, um corpo” (2014, p. 76). Assim, instalou-se no imaginário coletivo a ideia de que os negros não produziram conhecimento e não contribuíram com o desenvolvimento da sociedade brasileira. As práticas ancestrais e, inclusive, tecnológicas das comunidades negras foram ocultadas da história oficial.

No Brasil, os negros, os quilombos e os quilombolas foram invisibilizados socialmente, inclusive nos currículos. Quando citados nas salas de aula, frequentemente eram atrelados a um estereótipo ou uma forma de vida arcaica experimentada durante a escravidão. Há muito se discute que os quilombos não são homogêneos. Conforme afirma Santos,

Os quilombos representam uma das estratégias do escravizado para mobilizar-se e organizar-se em prol de sua liberdade. A busca por conceituá-lo envolve discussões que vão desde a origem da palavra até a

territorialidade e a identidade quilombola, pois não há uma forma homogênea de se compreender o que seja um quilombo. A imagem distorcida de que seria este um espaço geograficamente isolado ou um lugar parecido com a África, fechado e que cultua o passado fora construída historicamente e os novos estudos procuram, de diferentes formas e visões, demonstrar não apenas as suas inúmeras formações, como também as culturas e organizações sociais e políticas que foram se modificando ao longo dos anos. (SANTOS, 2016, p. 57)

A ideia de quilombo - como espaço de fuga - passa a ser reconstituída pela ideia de um espaço/território em que as comunidades afirmam e reafirmam suas práticas ancestrais: do nascimento à morte, da reza à festa. Nesse espaço, a comunidade (re)passa seus saberes de geração em geração, garantindo experiência e memória coletiva que ecoam nas práticas cotidianas. Esse espaço torna-se o lugar de pertencimento, de cura, de resistência. Pensar as comunidades quilombolas hoje, é refletir sobre as potencialidades de organização histórica da população negra que, mesmo imersas no descaso público, insistem em manter acesas as suas tradições.

O território é uma das questões mais centrais para se pensar políticas públicas nas comunidades quilombolas. Historicamente, a população negra luta pela conservação de direitos básicos. A manutenção e o pertencimento da terra, enquanto patrimônio material e simbólico, em que se podem cultivar a comida, a moradia, as festas, a fé e a ancestralidade é uma das reivindicações desses povos. De tal modo, garantir a terra é garantir a existência dessas comunidades.

Desconstruir a ideia de que os quilombos são espaços homogêneos e cristalizados pelo tempo é uma das tarefas das escolas e do currículo. Assim como os quilombos, o continente africano também não é um espaço homogêneo. A história de África, dos quilombos, dos quilombolas e dos negros precisa ser contada a partir da diversidade. As inúmeras culturas, línguas e povos que habitam o continente africano precisam ser ouvidos; os povos que vivem na diáspora também precisam de espaço na escola e em outros espaços sociais para que possam gozar do pleno direito à cidadania.

Mesmo com a narrativa eurocêntrica - que exalta a imagem e a história dos colonizadores e reduz a história dos colonizados - criada e (re)contada pelos mais diversos aparelhos ideológicos, o percurso dos negros foi construído com afeto, arte, ancestralidade, conhecimento, trabalho e educação. Os negros trouxeram saberes e práticas ancestrais que se estabeleceram e fincaram raízes em nosso país e em nosso estado¹.

¹ Recomendamos a leitura do livro “Pérolas Negras - As mulheres de Vila Bela na luta pela afirmação da identidade étnica”, da historiadora mato-grossense Silviane Ramos Lopes. Nessa obra, Lopes faz um percurso histórico e poético da cidade de Vila Bela, resgatando as formas materiais e simbólicas de produção da vida dos negros e, principalmente, das mulheres negras. A historiadora, através de entrevistas, nos insere no universo das histórias orais, das benzedeadas, rezadeiras, parteiras, das festas de santo, dos quintais, sendo um material riquíssimo para trabalhar a memória e as práticas de comunidades negras no Estado de Mato Grosso.

Além do conhecimento acumulado por esses povos, houve resistência à escravidão e as lutas contra o extermínio da população negra permanecem. A colonização portuguesa foi violenta e, ao contrário do que algumas teorias afirmam, a relação entre brancos e negros não foi democrática no Brasil, tanto que o racismo, em suas mais diversas formas, ainda está presente na sociedade brasileira.

O processo de redução da subjetividade do sujeito negro se estendeu para as mais diversas práticas sociais, inclusive para o currículo escolar. Nos materiais didáticos e nas salas de aula ainda há pouca presença e representação dos negros. Nas aulas de literatura, por exemplo, a literatura afro-brasileira e as literaturas africanas ainda são pouco trabalhadas, quando comparadas às literaturas europeias. Nas aulas de história, a história de África era contada apenas pela perspectiva do colonizador, reduzindo as histórias e as culturas do continente. Vemos, também, pouca presença da história e literatura de Mato Grosso nas salas de aula.

O currículo escolar, por muito tempo, operou a partir do eurocentrismo, exaltando conhecimentos de base europeia e silenciando outros saberes. A escola atrelou a história dos negros à escravidão, como se a única contribuição das comunidades negras fosse a força de trabalho escrava. Essa ideia, construída pelos colonizadores através da história, do direito, da filosofia, da arte e da literatura, teceu uma narrativa que criou a dicotomia negros-brancos, oralidade-escrita, selvagem-bárbaro, fortalecendo a história e a imagem da Europa.

Portanto, pensar a escola e a Educação Quilombola, é pensar uma história do Brasil formada por sujeitos negros que contribuíram de forma material e imaterial para a construção da identidade brasileira. Essa contribuição se manifesta em diferentes áreas, perpassando o passado, o presente e o futuro. A escola precisa romper a superficialidade quando discute a presença do negro em Mato Grosso, no Brasil e no Mundo.

Pautar o sujeito negro, sua ancestralidade, sua comunidade e sua identidade no currículo é uma forma de viabilizar a emancipação dos povos quilombolas, respeitando sua história e sua forma de produção e reprodução da vida. É preciso reconstituir os fios do passado e contar narrativas que foram silenciadas.

O currículo tem sido reformulado e tem dado voz aos grupos historicamente marginalizados e silenciados. Essas reformulações são fruto da resistência política desses grupos, no entanto, não basta que o currículo mude. As mudanças do currículo precisam ser colocadas em movimento na prática pelo universo escolar e, para isso, é possível encontrar um vasto material pedagógico disponível *online* que pode guiar o trabalho em sala de aula. Segundo Gomes,

a descolonização do currículo implica conflito, confronto, negociações e produz algo novo. Ela se insere em outros processos de descolonização maiores e mais profundos, ou seja, do poder e do saber. Estamos diante de confrontos entre distintas experiências históricas, econômicas e visões de mundo. Nesse processo, a superação da perspectiva eurocêntrica de conhecimento e do mundo torna-se um desafio para a escola, os

educadores e as educadoras, o currículo e a formação docente. (GOMES, 2012, p. 107)

Ainda precisamos, e muito, avançar nas representações dos quilombolas na educação básica e no currículo. As mudanças do currículo e da escola quanto às questões étnico-raciais exigem que toda a sociedade reformule suas práticas. Nesse sentido, a escola precisa se preparar para construir uma educação antirracista e libertadora que supere o modelo eurocentrista. De acordo com Njeri e Ribeiro, “é crucial o trabalho de conscientização da população negra brasileira de suas potencialidades, história, saúde, espiritualidade e ancestralidade para que ela possa recuperar a sua autodeterminação” (2019, p. 599).

Sabemos da urgente necessidade de adequações no currículo das escolas quilombolas, ficando evidente o respeito a uma política de conquista e de manutenção de direitos de permanência destes povos em seus territórios. Diante disso, esperamos que esse caderno colabore com a valorização dos povos quilombolas, o fortalecimento da Educação Quilombola e do reconhecimento da diversidade étnico-racial em Mato Grosso.

Acreditamos que a Parte Diversificada é uma importante fonte de saber e possui um papel fundamental na formação humana, pois fortalece os vínculos dos estudantes com as práticas de suas comunidades, tornando vivas, algumas narrativas que foram silenciadas e esquecidas.

A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA TEM HISTÓRIA

O estado de Mato Grosso é o terceiro em extensão territorial abrangendo uma área de 903.357.908 km², localizado na região Centro Oeste, em uma posição estratégica, possuindo três biomas ricos em sociobiodiversidade.

A resistência quilombola em Mato Grosso é histórica e a Educação Quilombola é fruto das mais diversas lutas das comunidades quilombolas. A SEDUC/SUDE a fim de fortalecer políticas educacionais e estratégias pedagógicas que priorizem um currículo pluricultural que visa a valorização da diversidade, com o objetivo de superar a desigualdade étnico-racial presente na nossa sociedade e na educação escolar brasileira, disponibiliza suporte técnico e pedagógico para que todas as escolas da rede estadual possam, de fato, democratizar a educação, ampliar o acesso, garantir a permanência e contribuir para o aprimoramento de práticas e valores que respeitem, reconheçam adequadamente e privilegiem a diversidade de experiências nos sistemas de ensino.

Com o objetivo de garantir uma Educação Quilombola que atenda as demandas e as especificidades de



Mato Grosso, a Coordenadoria de Educação do campo e quilombola realizou várias atividades buscando ampliar o atendimento às comunidades e discutir e fortalecer a Educação Quilombola.

Em 2015 e 2016 foi realizado o Curso de Extensão: Formação de Professores das Comunidades Remanescentes de Quilombos, em parceria com o MEC/SECADI/UFMT/NEPRE e SEDUC/MT, dividido em cinco (05) módulos, totalizando 180 horas/aula, específico para professores que atuam em escolas quilombolas ou atendem alunos oriundos de escolas quilombolas e formadores dos CEFAPROS dos municípios que atendem escolas quilombolas (Cuiabá, Tangará da Serra e Pontes e Lacerda).

Nesse período também foi realizado o Curso de Formação: Relações Étnico-Raciais Afro-Brasileira e Indígena, em parceria com a FEICS (Faculdades Evangélicas Integradas Cantares de Salomão). Participaram deste encontro 50 professores da rede estadual de ensino. O curso teve carga horária de 60h.

Foi realizado também o Seminário: Protegendo as Famílias: questão de gênero e sexualidade, em parceria com o Conselho Regional de Psicologia de Mato Grosso (CRP), Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis (LGBT) e Secretaria de Estado de Justiça e

Direitos Humanos (SEJUDH). O objetivo deste evento foi debater o assunto para o enfrentamento das dificuldades sobre questões de gênero e diversidade sexual no ambiente escolar.



Também foi realizada a Reunião Ampliada com Diretores e Coordenadores de Escolas Quilombolas, com a finalidade de auxiliá-los na elaboração do Projeto Ciências e Saberes Quilombolas, cujo objetivo é a utilização de recurso específico.

Outra importante intervenção da Coordenadoria foram as ações de assessoramento técnico pedagógico nas escolas estaduais. Além disso, a coordenadoria esteve presente em conselhos, grupos de estudo, comissões e fóruns. Nesse sentido, a coordenadoria criou projetos que beneficiaram os estudos das comunidades quilombolas e das comunidades negras.

Em 2017 foi organizada uma formação continuada intitulada "Métodos e práticas educativas em direitos humanos: relação étnico-racial, diversidade cultura e religiosa, relação de gênero e diversidade sexual" com o objetivo de promover formação continuada a respeito da implementação das Leis 10.639/03, 11.645/08 e 11.340/06, o Programa Brasil sem Homofobia (2004) e o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT (2009) para formadores dos CEFAPROs, objetivando a melhoria no processo de ensino aprendizagem – através de elevação do coeficiente, redução dos índices de evasão e retenção - bem como a equidade na educação, através da formação docente com vistas a atender à diversidade.



Ainda neste ano a Coordenadoria estabeleceu uma parceria na realização do Seminário de Educação (SEMIEDU) realizado na Universidade Federal de Mato Grosso, sendo um dos maiores eventos acadêmicos de educação do Estado. Além disso, a coordenadoria esteve presente na Jornada da (Des)Igualdades Raciais na Educação Brasileira, em parceria com o NEPRE/UFMT, evento paralelo ao Seminário de Educação da UFMT (SEMIEDU), que reuniu pesquisadores e educadores da educação básica no qual os mesmos apresentaram resultados de experiências no que refere-se a implementação da Lei Federal nº. 10.639/03.

A Coordenadoria também participou da IV Conferência Livre da Promoção da Igualdade Racial da Igualdade Racial, do município de Várzea Grande. Essa conferência teve a finalidade de ampliar o compromisso do município em promover a igualdade como fator essencial à democracia



Conferência Municipal realizada em 2013.

Ademais, a COCQ/SUDE organizou, em conjunto com várias entidades, a mesa redonda "A mulher no contexto social mato-grossense: promovendo o protagonismo da mulher no século XXI". O evento foi uma parceria da Seduc com diversas entidades que promovem o debate questões sociais. Participaram servidores da rede, estudantes de nível médio, graduação e pós-graduação.

Neste mesmo ano a Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Várzea Grande,

em parceria com a Secretaria de Estado de Educação – SEDUC, realizou um ciclo de palestras que teve como objetivo instrumentalizar a prática pedagógica e sensibilizar o olhar do profissional do magistério para refletir sobre o seu papel na inclusão de conhecimentos oriundos da cultura afro-brasileira. As palestras tiveram início no dia 26 de outubro, com o tema: "Relações raciais e Gestão escolar" com a palestrante convidada professora Carmen Cinira. No dia 10 de novembro, ocorreram duas palestras: "Enfoque filosófico das religiões de matriz africana no ambiente escolar" com o professor João Bosco da Silva e "Educação para as relações Etnicorraciais e a obrigatoriedade de conteúdos da História da África e contribuições afro-brasileiro e indígena no currículo" com os professores Lucas de Albuquerque Oliveira e Maria Lecy David de Oliveira.

A colorful poster for the 'Programa de Inclusão Quilombola' (PRO-IND) at Campus Araguaia, Cuiabá, Várzea Grande, Rondonópolis. The poster features a large logo with the letters 'PRO-IND' in a stylized font. Below the logo, it says 'PROGRAMA DE INCLUSÃO QUILOMBOLA'. The text 'INSCRIÇÕES GRATUITAS' is followed by '14 à 18/08' and 'PROVA: 27/08'. On the right side, it says '1 VAGAS' and 'CAMPUS ARAGUAIA CUIABÁ, VÁRZEA GRANDE RONDONÓPOLIS'. There is also a list of 'DOCUMENTOS PARA INSCRIÇÃO' and 'LOCAIS DE INSCRIÇÃO E PROVA'.

Em parceria com o NEPRE, foi realizado o Curso de Formação de Professores em Território Quilombola que promoveu a formação continuada a respeito das Orientações Curriculares para a Educação Escolar Quilombola, objetivando a melhoria no processo de ensino aprendizagem e a elevação do coeficiente. O público alvo foram 35 professores em 5 territórios quilombolas de Mato Grosso.



Outra grande atividade que contou com a colaboração da Coordenadoria foi o PROINQ (Programa de inclusão quilombola) que tem como objetivo propiciar o acesso ao ensino superior para estudantes e egressos de comunidades quilombolas do Estado de Mato Grosso. Estivemos envolvidos na divulgação e no processo de aplicação das provas. Esse processo seletivo é fruto de uma política instituída pelo Programa de Inclusão de Estudantes Quilombolas (Proinq), idealizado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe) da UFMT. Em Mato Grosso, cinco municípios recebem a Educação Quilombola. O programa foi realizado em 2018 e ofertou 100 vagas para diversos cursos da Universidade Federal de Mato Grosso.

A II Conferência de Avaliação do Plano Estadual de Educação, realizada em 2017, reuniu mais de 400 educadores e representantes de todas as regiões do estado para debater os rumos da educação em Mato Grosso. A coordenadoria esteve presente nessa conferência que debateu eixos fundamentais como os planos de educação e a educação básica e superior, valorização dos profissionais da educação, diversidades educacionais, entre outros.

A SUDE/COQC promoveu um movimento itinerante chamado de "Caravana da Diversidade", com o objetivo de proporcionar um amplo debate sobre as leis que envolvem as questões étnico-raciais. A Caravana esteve presente em diversas cidades do estado. Em Diamantino, a Caravana debateu assuntos como gênero e diversidade sexual. Nas explanações, a equipe destacou o marco legal da resolução 012/2015 que trata do direito do uso do nome social e utilização de banheiro público por pessoas de identidade trans (transexuais e travestis). Também foram abordados assuntos como a experiência de exclusão vivida por profissionais nos espaços escolares e, principalmente a superação, conseguida graças ao trabalho e o diálogo com os colegas. Em Barão de Melgaço, a Caravana apresentou os objetivos das leis 10.639/03 – da história da África no Brasil e 11.645/08 sobre a história indígena, além de discutir gênero e diversidade sexual. Em outra etapa da Caravana, na Escola Estadual Ana Tereza Albernaz em Chapada dos Guimarães, ocorreu um encontro com 60 profissionais da educação. Em Poconé, a Caravana da Diversidade visitou a Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida na comunidade do Chumbo. Participaram do encontro cerca de 60 pessoas, entre mulheres, homens e jovens estudantes, que ouviram palestra sobre as leis que





inserir a História da África no Brasil e sobre a História Indígena. Também foi apresentada a Política Estadual da Educação Escolar Quilombola. A comunidade e os professores tiraram as dúvidas sobre os objetivos a serem alcançados. As lutas das mulheres por direitos e a importância do empoderamento feminino foi o tema da palestra de Flávia Ribeiro, da equipe da SEDUC. A Caravana realizou as primeiras visitas do ano de 2018 na região de Mato Cavalto, no município de Nossa Senhora do Livramento, na Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda.

A discussão a respeito da Política Estadual de Educação Escolar Quilombola foi organizada através de Conferência Estadual nos polos atendidos pela SEDUC/MT. Nos polos foram formadas comissões para construção do texto base, de forma democrática.

O Projeto de monitoramento das leis 10.639/03 e 11.645/08 também foi outro marco para a discussão e implantação dessas leis em nosso Estado. Esse projeto realizou o monitoramento/acompanhamento da aplicabilidade das Leis 10.639/03 e 11.645/08 objetivando reduzir o



preconceito, a discriminação e a injúria racial, no intuito de diminuir a evasão escolar, e criar mecanismos que propiciem a elevação do coeficiente. Foi realizado um cronograma de agendamento. Em seguida, visita as escolas de Cuiabá e Várzea Grande e municípios da baixada cuiabana. A coordenadoria solicitou que as escolas apresentassem relatórios de atividades desenvolvidas nos anos anteriores e as previstas para 2018.

Foram realizadas visitas técnicas no intuito de orientar as unidades escolares para trabalhar as Leis 10.639/03, 11.645/08 e 11.340/06, visando a construção de espaços de diálogos que auxiliem a escola a projetar e a implementar ações que levam a um espaço sustentável, democrático, inclusivo e saudável.



Também estivemos envolvidos na construção do Documento de Referência Curricular para Mato Grosso (DRC). No caderno de Concepções para a Educação Básica buscamos expor, a partir de um referencial teórico que discute as relações raciais no Brasil, as relações étnico-raciais em nosso estado.

Outra atividade que envolveu a COCQ/SUDE em 2018 foi o evento "Encontre tempo! Ame-se", que marcou o lançamento da Campanha Outubro

Rosa. Essa campanha, realizada pelo Governo do Estado de Mato Grosso, proporcionou uma reflexão sobre a valorização da mulher nos mais diversos aspectos: educação, saúde, bem-estar social, superação do machismo e combate à violência doméstica.

Todas essas atividades foram fundamentais para ampliar o debate sobre as questões raciais em nosso estado. Por muito tempo as instituições evitaram debater a presença do negro na sociedade brasileira com receio de cutucar feridas históricas. Debater a representação dos negros nos espaços públicos e privados é fundamental para a emancipação dessas comunidades, na construção de uma sociedade democrática. A coordenadoria mantém seu compromisso de assessorar e auxiliar os profissionais da educação e a gestão escolar no que se refere as questões raciais dentro e fora da escola.

Memórias I

**queria ver você negro
negro queria te ver
se Palmares ainda vivesse
em Palmares queria viver.**

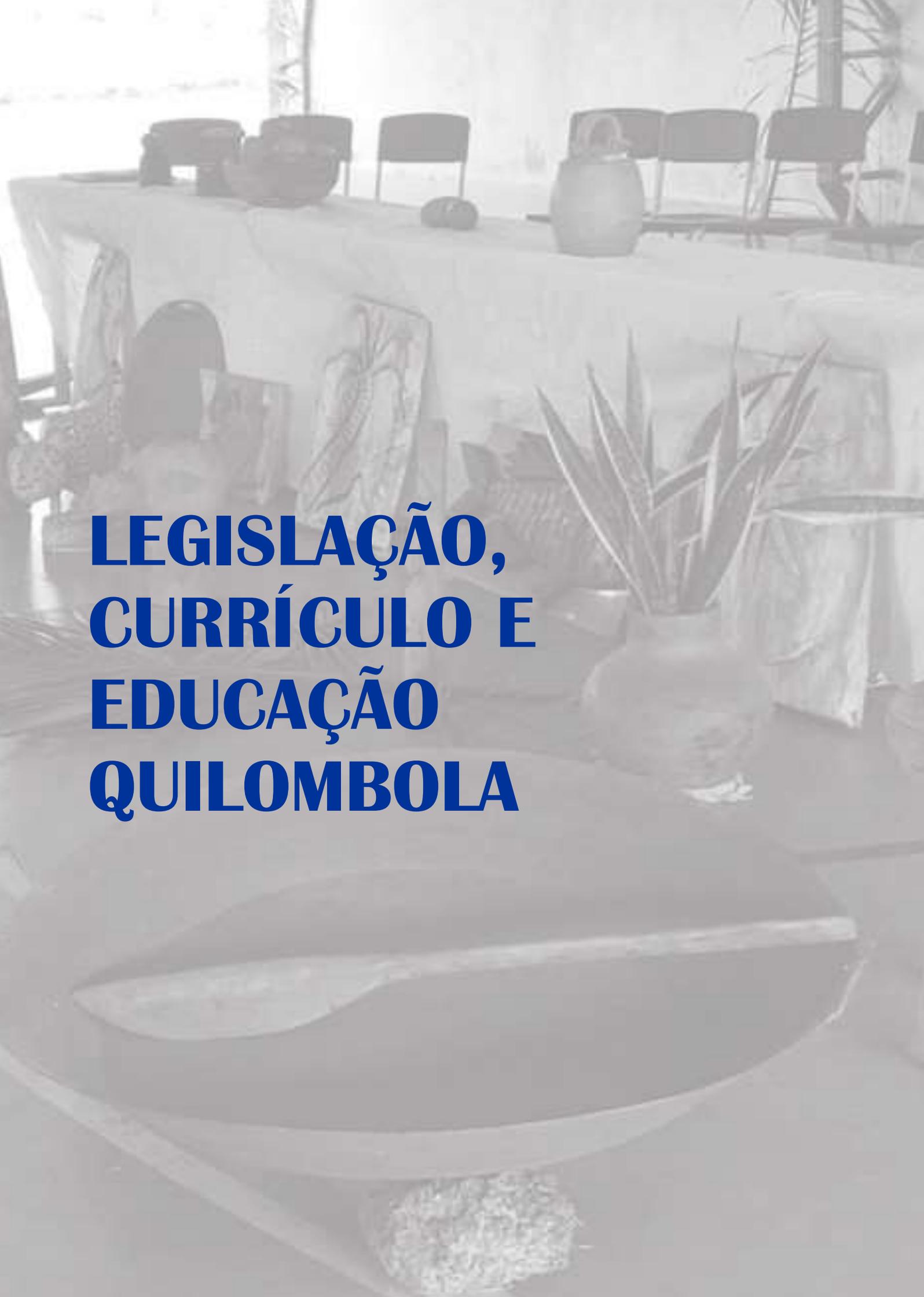
**O gosto da liberdade
sentido
cravado
no peito
correr,
sentir os campos
ter
a vida**

**Angola Janga
terra
de negros
livres**

**Ali toda vida
Toda raça
Raiva
vontade
África**

**África (tão subitamente roubada)
Sonhos (tão subitamente assassinados)
Liberdade (tão subitamente trocada pela escravidão)**

Quilombos – José Carlos Limeira



**LEGISLAÇÃO,
CURRÍCULO E
EDUCAÇÃO
QUILOMBOLA**

A representação dos negros no currículo escolar, como foi dito, foi historicamente distorcida. O currículo escolar invisibilizou histórias e culturas não europeias. No entanto, devido às lutas históricas da população negra no país e no mundo, o currículo passou a integrar conteúdos que representam e ressignificam a história dos negros. Algumas leis e diretrizes foram fundamentais para garantir espaço e representação dos negros no currículo. Vejamos alguns marcos importantes para a Educação Quilombola em nosso país e estado.

LEI 10.639/03: TORNA OBRIGATÓRIO O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA

A lei 10.639/03 representou um grande avanço para a população negra. A partir dessa lei, os professores, as gestões e as unidades escolares foram obrigados a (re)pensar a presença dos estudantes negros em sala de aula. As universidades foram igualmente obrigadas a repensar suas políticas, pesquisas, ementas e, inclusive, o acesso dos negros às universidades públicas.

Essa lei abriu espaço para que o currículo, evasão escolar e a escola fossem amplamente discutidos. Assim, surgiram questões como: De que forma a escola e a universidade acolhe o estudante negro? De que forma o currículo representa a história e a contribuição dos negros na sociedade? O currículo possibilita a emancipação do estudante negro, fortalecendo sua autoestima e sua identidade? Todas essas questões passaram a ser debatidas com mais intensidade após a publicação da 10.639/03.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

(...)

Outro aspecto importante da 10.639 foi a inclusão do dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra. Considerando que o racismo ainda é uma prática muito presente na sociedade brasileira, as unidades escolares devem celebrar a existência e a resistência da população negra, dialogando sobre a importância de superar o racismo dentro e fora da escola.

O Dia da Consciência Negra deve ser um momento de reflexão sobre a negritude, mas essa discussão não pode ser realizada apenas nesse dia. Discutir a negritude deve ser uma tarefa cotidiana, de todos os profissionais da educação, na construção de uma educação antirracista e emancipadora. Desse modo, a postura do docente e da gestão escolar precisa ser exemplar. Nenhuma forma de discriminação deve ser cultivada. A escola deve ser um ambiente acolhedor, em que todos os alunos se sintam igualmente abraçados. A sociedade é um lugar violento para os estudantes. A escola, na contramão, deve ser o espaço que privilegia a boa convivência, o respeito e a igualdade.

Em se tratando de Educação Quilombola, faz-se ainda mais necessário que a escola cultive a história do povo negro, a identidade e os valores da comunidade, incorporando nas suas práticas diárias, o saber formal (escola) e o saber local (comunidade). A escola pode trazer pessoas importantes da comunidade para atividades interdisciplinares, construir livros de memórias, através da transcrição de histórias orais da comunidade, propor soluções para problemas enfrentados pela comunidade, dentre muitas outras atividades que podem fortalecer os vínculos da comunidade.

Muito material sobre as relações étnico-raciais já foi produzido, como veremos a seguir. O professor e a gestão escolar precisam se atualizar sobre as questões curriculares, na busca por construir um ensino democrático que considere a história de todos os povos na constituição do mundo. Diariamente precisamos combater o racismo possibilitando que o estudante negro tenha sua autoestima e humanidade reestabelecida.

ORIENTAÇÕES E AÇÕES PARA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

As Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais apresentam reflexões que possibilitam colocar em prática a lei 10.639 na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos, Licenciaturas e Educação Quilombola. "A intenção deste documento é a de subsidiar o trabalho dos(as) agentes pedagógicos(as)

escolares na construção de uma pedagogia anti-racista” (p. 55). Vejamos três atividades, sugeridas por esse documento, direcionadas para o Ensino Fundamental.

1. Influência africana na língua portuguesa

Ainda na perspectiva de reconhecer e valorizar a participação do povo negro na construção da cultura nacional, uma interessante sugestão de atividade, seria, por exemplo, o estudo de palavras de origem africana que são comuns em nosso idioma, confeccionando um dicionário contendo esses termos. Este poderá ser um elemento propiciador de um projeto de trabalho com a cultura negra, em que a interdisciplinaridade será a tônica. Por meio delas, poderá se fazer uma reflexão acerca da participação africana na formação cultural brasileira, alcançando a contribuição artística, política e intelectual negra. (p. 182-183)

2. Música, literatura e diversidade étnico-racial

a) Trabalho literário fazendo contraposição de formas, textos musicais com o objetivo sobre a dinâmica das relações raciais. Ex.: “Aquarela do Brasil”, de Ari Barroso, apresentando a idéia de um Brasil “lindo e trigueiro”, em contrapartida ao “Canto das três raças” (Mauro Duarte/Paulo César Pinheiro/1996) que nos apresenta “os cantos de revolta pelos ares”; “Missa Afrobrasileira”, de Carlos Alberto Pinto Fonseca.

b) O recontar de mitos africanos, dando outra visão à criação do mundo, é fundamental para que os(as) alunos(as) possam valorizar o outro em nós, posto que estes mitos fazem parte de nosso comportamento social e individual e, por vezes não percebemos isso. Esse trabalho literário possibilitará momentos de envolvimento da imaginação e da emoção. (p. 183)

3. Arte de matemática

A matemática e a arte poderão atuar juntas em alguns momentos da incorporação da história e da cultura negra no universo escolar, em que os símbolos poderão ser os desencadeadores de um projeto de trabalho no qual a arte africana remeterá aos estudos dos grandes reinos africanos pré-coloniais, como possuidores e construtores de culturas, saberes e tradições. (...) Os antigos símbolos da arte yorubá poderão ajudar no entendimento e uso de alguns conceitos geométricos, como também para entender o uso das coordenadas geográficas, quando forem usadas para multiplicação e ampliação dos desenhos. (...)

- Pesquisar em materiais impressos e na internet os símbolos e culturas Africanos
- Reprodução dos desenhos usando escala.
- Confecção de estampa em tecidos (ou papel) usando moldes vazados. (p. 184-185)

Esse riquíssimo material explora a história e a resistência dos negros no Brasil e ainda apresenta atividades que podem ser realizadas na sala de aula pelas mais diversas áreas do conhecimento.

Em relação à Educação Quilombola, o documento contextualiza o surgimento dos quilombos e como eles possuem dinâmicas próprias de ancestralidade e resistência que precisam ser consideradas no espaço escolar. De acordo com o texto, “O conhecimento produzido no seio das comunidades negras é um saber que, articulado às contribuições dos que estão de “fora”, pode produzir desenvolvimento sustentável, geração de renda, preservação da cultura” (p. 152). Para os quilombolas,

(...) os vínculos entre educar e formar são ancestrais, não são atributos exclusivos da escola; ancestralidade é tudo o que antecede ao que somos, por isso ela nos forma. Existe um passado e um presente de populações negras que vêm se educando secularmente através de uma resistência que não é passiva, que apenas reage às diversidades, mas que é, igualmente, provocadora de reações. Todavia, da ancestral história da resistência, acionamos o campo também da emancipação que, perseverantemente, as comunidades negras continuam a almejar. Esta é a grande reação a ser despertada no campo da educação: produzir uma formação humana na qual não caibam estereótipos, discriminação e preconceitos que elegem e determinam os que estão "dentro" e os que estão "fora". (p. 144)

O documento considera as práticas quilombolas e toda a sua potencialidade que pode e deve ser englobada no cotidiano escolar. Essas orientações guiam o trabalho do professor instrumentalizando-o na produção de atividades que visam contribuir com o processo de desenvolvimento da consciência crítica do estudante.

Ao final das orientações, é possível encontrar uma lista de poemas, livros e músicas que podem ser aproveitados nas aulas, algumas sugestões de atividades e um glossário de termos e expressões antirracistas.

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA NA EDUCAÇÃO BÁSICA (DCNEEQ)

Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (DCNEEQ) foram um marco para a representação dos negros não apenas no currículo, mas também na organização institucional das escolas quilombolas. Abaixo veremos alguns trechos dessas diretrizes:

Art. 1º Ficam estabelecidas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, na forma desta Resolução.

§ 1º A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica:

I - organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se:

- a) da memória coletiva;
- b) das línguas remanescentes;
- c) dos marcos civilizatórios;
- d) das práticas culturais;
- e) das tecnologias e formas de produção do trabalho;
- f) dos acervos e repertórios orais;
- g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país;
- h) da territorialidade.

II - compreende a Educação Básica em suas etapas e modalidades, a saber: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação do Campo, Educação Especial, Educação Profissional Técnica de Nível Médio, Educação de Jovens e Adultos, inclusive na Educação a Distância;

III - destina-se ao atendimento das populações quilombolas rurais e urbanas em suas mais variadas formas de produção cultural, social, política e econômica;

IV - deve ser ofertada por estabelecimentos de ensino localizados em comunidades reconhecidas pelos órgãos públicos responsáveis como quilombolas, rurais e urbanas, bem como por estabelecimentos de ensino próximos a essas comunidades e que recebem parte significativa dos estudantes oriundos dos territórios quilombolas;

V - deve garantir aos estudantes o direito de se apropriar dos conhecimentos tradicionais e das suas formas de produção de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade;

VI - deve ser implementada como política pública educacional e estabelecer interface com a política já existente para os povos do campo e indígenas, reconhecidos os seus pontos de intersecção política, histórica, social, educacional e econômica, sem perder a especificidade.

(...)

Art. 7º A Educação Escolar Quilombola rege-se nas suas práticas e ações políticopedagógicas pelos seguintes princípios:

I - direito à igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade;

II - direito à educação pública, gratuita e de qualidade;

III - respeito e reconhecimento da história e da cultura afro-brasileira como elementos estruturantes do processo civilizatório nacional;

IV - proteção das manifestações da cultura afro-brasileira;

V - valorização da diversidade étnico-racial;

VI - promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, credo, idade e quaisquer outras formas de discriminação;

VII - garantia dos direitos humanos, econômicos, sociais, culturais, ambientais e do controle social das comunidades quilombolas;

VIII - reconhecimento dos quilombolas como povos ou comunidades tradicionais;

XIX - conhecimento dos processos históricos de luta pela regularização dos territórios tradicionais dos povos quilombolas;

X - direito ao etnodesenvolvimento entendido como modelo de desenvolvimento alternativo que considera a participação das comunidades quilombolas, as suas tradições locais, o seu ponto de vista ecológico, a sustentabilidade e as suas formas de produção do trabalho e de vida;

XI - superação do racismo – institucional, ambiental, alimentar, entre outros – e a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito e discriminação racial;

XII - respeito à diversidade religiosa, ambiental e sexual;

XV - superação de toda e qualquer prática de sexismo, machismo, homofobia, lesbofobia e transfobia;

XVI - reconhecimento e respeito da história dos quilombos, dos espaços e dos tempos nos quais as crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos quilombolas aprendem e se educam;

XVII - direito dos estudantes, dos profissionais da educação e da comunidade de se apropriarem dos conhecimentos tradicionais e das formas de produção das comunidades quilombolas de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade;

XVIII - trabalho como princípio educativo das ações didático-pedagógicas da escola;

XIX - valorização das ações de cooperação e de solidariedade presentes na história das comunidades quilombolas, a fim de contribuir para o fortalecimento das redes de colaboração solidária por elas construídas;

XX - reconhecimento do lugar social, cultural, político, econômico, educativo e ecológico ocupado pelas mulheres no processo histórico de organização das comunidades quilombolas e construção de práticas educativas que visem à superação de todas as formas de violência racial e de gênero.

Art. 8º Os princípios da Educação Escolar Quilombola deverão ser garantidos por meio das seguintes ações:

I - construção de escolas públicas em territórios quilombolas, por parte do poder público, sem prejuízo da ação de ONG e outras instituições comunitárias;

II - adequação da estrutura física das escolas ao contexto quilombola, considerando os aspectos ambientais, econômicos e socioeducacionais de cada quilombo;

III - garantia de condições de acessibilidade nas escolas;

IV - presença preferencial de professores e gestores quilombolas nas escolas quilombolas e nas escolas que recebem estudantes oriundos de territórios quilombolas;

V - garantia de formação inicial e continuada para os docentes para atuação na Educação Escolar Quilombola;

VI - garantia do protagonismo dos estudantes quilombolas nos processos políticopedagógicos em todas as etapas e modalidades;

VII - implementação de um currículo escolar aberto, flexível e de caráter interdisciplinar, elaborado de modo a articular o conhecimento escolar e os conhecimentos construídos pelas comunidades quilombolas;

VIII - implementação de um projeto político-pedagógico que considere as especificidades históricas, culturais, sociais, políticas, econômicas e identitárias das comunidades quilombolas;

IX - efetivação da gestão democrática da escola com a participação das comunidades quilombolas e suas lideranças;

X - garantia de alimentação escolar voltada para as especificidades socioculturais das comunidades quilombolas;

XI - inserção da realidade quilombola em todo o material didático e de apoio pedagógico produzido em articulação com a comunidade, sistemas de ensino e instituições de Educação Superior;

XII - garantia do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena, nos termos da Lei nº 9394/96, com a redação dada pelas Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, e na Resolução CNE/CP nº 1/2004, fundamentada no Parecer CNE/CP nº 3/2004;

XIII - efetivação de uma educação escolar voltada para o etnodesenvolvimento e para o desenvolvimento sustentável das comunidades quilombolas;

XIV - realização de processo educativo escolar que respeite as tradições e o patrimônio cultural dos povos quilombolas;

XV - garantia da participação dos quilombolas por meio de suas representações próprias em todos os órgãos e espaços deliberativos, consultivos e de monitoramento da política pública e demais temas de seu interesse imediato, conforme reza a Convenção 169 da OIT;

XVI - articulação da Educação Escolar Quilombola com as demais políticas públicas relacionadas aos direitos dos povos e comunidades tradicionais nas diferentes esferas de governo.

(...)

Art. 34 O currículo da Educação Escolar Quilombola diz respeito aos modos de organização dos tempos e espaços escolares de suas atividades pedagógicas, das interações do ambiente educacional com a sociedade, das relações de poder

presentes no fazer educativo e nas formas de conceber e construir conhecimentos escolares, constituindo parte importante dos processos sociopolíticos e culturais de construção de identidades.

§ 1º Os currículos da Educação Básica na Educação Escolar Quilombola devem ser construídos a partir dos valores e interesses das comunidades quilombolas em relação aos seus projetos de sociedade e de escola, definidos nos projetos político-pedagógicos.

§ 2º O currículo deve considerar, na sua organização e prática, os contextos socioculturais, regionais e territoriais das comunidades quilombolas em seus projetos de Educação Escolar Quilombola.

Art. 35 O currículo da Educação Escolar Quilombola, obedecidas as Diretrizes Curriculares Nacionais definidas para todas as etapas e modalidades da Educação Básica, deverá:

I - garantir ao educando o direito a conhecer o conceito, a história dos quilombos no Brasil, o protagonismo do movimento quilombola e do movimento negro, assim como o seu histórico de lutas;

II - implementar a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, nos termos da Lei nº 9.394/96, na redação dada pela Lei nº 10.639/2003, e da Resolução CNE/CP nº 1/2004;

III - reconhecer a história e a cultura afro-brasileira como elementos estruturantes do processo civilizatório nacional, considerando as mudanças, as recriações e as ressignificações históricas e socioculturais que estruturam as concepções de vida dos afro-brasileiros na diáspora africana;

IV - promover o fortalecimento da identidade étnico-racial, da história e cultura afrobrasileira e africana ressignificada, recriada e reterritorializada nos territórios quilombolas;

V - garantir as discussões sobre a identidade, a cultura e a linguagem, como importantes eixos norteadores do currículo;

VI - considerar a liberdade religiosa como princípio jurídico, pedagógico e político atuando de forma a:

a) superar preconceitos em relação às práticas religiosas e culturais das comunidades quilombolas, quer sejam elas religiões de matriz africana ou não;

b) proibir toda e qualquer prática de proselitismo religioso nas escolas (...)

Essas diretrizes constituíram uma importante conquista para as comunidades quilombolas visto que propõem que a escola quilombola atue com uma pedagogia própria, flexibilidade, fortalecendo a identidade territorial e ancestral, assim como sistematiza a organização e a estrutura da escola. É preciso, portanto, que a escola quilombola seja reconhecida não apenas enquanto espaço simbólico que cultiva valores ancestrais, mas também que sejam garantidos os aspectos institucionais que mantenham seu funcionamento.

A escola quilombola, de acordo com essas diretrizes, deve manter viva a memória do grupo, fortalecendo o protagonismo quilombola, desenvolvendo o sentimento de pertença e orgulho de ser negro, fazendo com que o estudante valorize sua história e sua identidade.

ORIENTAÇÕES CURRICULARES: DIVERSIDADES EDUCACIONAIS (MT)

As Orientações Curriculares das Diversidades Educacionais foram produzidas nos anos de 2008, 2009 e 2010 em Mato Grosso. Esse documento apresenta orientações curriculares para Educação ambiental, Educação em Direitos Humanos, Gênero e Diversidade Sexual, Educação do Campo, Educação Quilombola, Educação das Relações Étnico Raciais, Educação de Jovens e Adultos e Educação Indígena. O objetivo desse documento é contribuir com o processo de redução das desigualdades educacionais em nosso estado.

O documento, no que se refere à Educação Quilombola, faz um histórico sobre as lutas das comunidades quilombolas, discute o conceito de quilombo e aborda questões sobre currículo. Sobre a Educação Quilombola, o documento reforça que os valores afro-brasileiros devem ser incluídos no currículo.

Essas orientações curriculares apresentam ainda alguns nortes que podem auxiliar a prática educativa. Alguns deles são a circularidade, oralidade, energia vital, corporeidade, musicalidade, ludicidade, cooperatividade/comunitarismo, memória, religiosidade, ancestralidade. Nesse documento estão presentes as informações a respeito da Parte Diversificada: “A parte Diversificada (...) visa à potencialização da aprendizagem a partir dos conhecimentos manipulados nas comunidades (...) para contribuir com ações significativas que contribuam em práticas de cidadania na inferência da realidade local” (p. 159).

É possível encontrar nesse documento uma lista de referenciais temáticos e conhecimentos previstos para o trabalho em cada disciplina, norteando o trabalho pedagógico. Esse significativo documento pontua aspectos específicos da realidade no estado.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

Considerando a necessidade de construção de uma base curricular para a educação básica brasileira, surgiu a Base Nacional Comum Curricular. A BNCC é um documento nacional de caráter normativo que define as “aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BNCC, p. 7). Esse é um documento fundamental que visa sistematizar o currículo do sistema educacional brasileiro, evitando disparidades entre os diferentes Estados da federação, seguindo os princípios de igualdade, diversidade e equidade.

Conforme o texto da BNCC, “A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica,

de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE)”.

A construção da base deve auxiliar na “superar a fragmentação das políticas educacionais, enseje o fortalecimento do regime de colaboração entre as três esferas de governo e seja balizadora da qualidade da educação”. De acordo com o texto, a base norteia o trabalho pedagógico mas garante a “autonomia dos sistemas ou das redes de ensino e das instituições escolares, como também o contexto e as características dos alunos”.

O texto também afirma que a BNCC busca garantir a equidade, o que “exige um claro compromisso de reverter a situação de exclusão histórica que marginaliza grupos – como os povos indígenas originários e as populações das comunidades remanescentes de quilombos e demais afrodescendentes – e as pessoas que não puderam estudar ou completar sua escolaridade na idade própria. Igualmente, requer o compromisso com os alunos com deficiência, reconhecendo a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas e de diferenciação curricular, conforme estabelecido na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015)”. Esse documento traz dez competências gerais que devem ser asseguradas à todos os estudantes em todas as etapas e modalidades da educação básica.

COMPETÊNCIAS GERAIS

Na BNCC as competências são definidas como a “mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BNCC, p. 8). As competências devem ser desenvolvidas por todas as áreas do conhecimento, ao longo do ensino fundamental e médio.

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários

É possível observar que a BNCC indica a necessidade de valorizar “a diversidade de saberes e vivências culturais”, dialogando, portanto, com a Educação Quilombola. A escola quilombola, respaldando-se na BNCC, deve valorizar os códigos culturais, a história e os saberes da comunidade, garantindo que o estudante desenvolva o apreço por sua ancestralidade.

Além dessa competência, destacamos que o aluno deve “conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros”. Esse autoconhecimento é imprescindível para a construção da identidade. Em um país que constantemente pratica violência física e psicológica aos sujeitos negros, destruindo a saúde mental da população negra, o estudante necessita desenvolver a sua subjetividade na escola de forma a se compreender e compreender os outros, exercitando nele e nos outros estudantes, a alteridade nas mais diversas situações comunicativas.

Nesse sentido, a empatia e o respeito aos direitos humanos permite que a escola seja um espaço que contribui para o desenvolvimento humano e crítico do aluno, fazendo com que ele respeite e seja respeitado. A escola não pode ser um espaço que apenas agrega conteúdos divididos; deve ser o espaço que privilegia as relações humanas, o estudante, sua história, sua ancestralidade e sua identidade, desenvolvendo a cidadania e o poder de ação.

A capacidade de agir, pessoal e coletivamente, é a última competência geral da BNCC. Essa competência se relaciona com a Educação Quilombola, pois a coletividade é um dos alicerces das comunidades quilombolas. A ideia de coletividade se constrói cotidianamente nesse espaço, sendo o indivíduo um ser que se constitui ao se relacionar com o(s) outro(s). A ancestralidade une a

comunidade formando uma grande teia de relações humanas que ecoam através de suas práticas, saberes e subjetividades.

A TRANSIÇÃO DA INFÂNCIA PARA ADOLESCÊNCIA: PERSPECTIVAS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL NA BNCC

O Ensino Fundamental possui 9 anos de duração e deve “valorizar as situações lúdicas de aprendizagem” que se articulam “com as experiências vivenciadas na Educação Infantil”. Segundo a BNCC, “tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos estudantes, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos” (BNCC, p. 57-58).

A área de **Linguagens** é composta pelos seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e, no Ensino Fundamental – Anos Finais, Língua Inglesa. Um dos objetivos dessa área é fazer com que “os estudantes se apropriem das especificidades de cada linguagem, sem perder a visão do todo no qual elas estão inseridas. Mais do que isso, é relevante que compreendam que as linguagens são dinâmicas, e que todos participam desse processo de constante transformação” (BNCC, p. 63).

O estudo da **Matemática**, no ensino fundamental, conforme a BNCC, deve ser realizado a partir de “diferentes campos que compõem a Matemática e reúnem um conjunto de ideias fundamentais que produzem articulações entre eles: equivalência, ordem, proporcionalidade, interdependência, representação, variação e aproximação. Essas ideias fundamentais são importantes para o desenvolvimento do pensamento matemático dos alunos e devem se converter, na escola, em objetos de conhecimento” (BNCC, p. 268). A BNCC propõe 5 unidades temáticas a serem desenvolvidas: *números, álgebra, geometria, grandezas e medidas, probabilidade e estatística*.

De acordo com a BNCC, a área de **Ciências da Natureza** “por meio de um olhar articulado de diversos campos do saber, precisa assegurar aos estudantes do Ensino Fundamental o acesso à diversidade de conhecimentos científicos produzidos ao longo da história, bem como a aproximação gradativa aos principais processos, práticas e procedimentos da investigação científica” (BNCC, p. 321). Essa área está organizada em três unidades temáticas: *matéria e energia, vida e evolução e Terra e Universo*.

A área de **Ciências Humanas**, no que se refere ao Ensino Fundamental, é desenvolvida a partir da ideia de “contextualização marcada pelas noções de tempo e espaço” (BNCC, p. 353). Outro aspecto que deve ser valorizado é “a crítica sistemática à ação humana, às relações sociais e de poder e, especialmente, à produção de conhecimentos e saberes, frutos de diferentes circunstâncias históricas e espaços geográficos. O ensino de Geografia e História, ao estimular os

alunos a desenvolver uma melhor compreensão do mundo (...)"'. Essa área busca estimular a formação ética, valorizando os direitos humanos, respeito ao ambiente e a própria coletividade e o protagonismo.

Conforme a BNCC, a área de **Ensino Religioso** tem os seguintes objetivos: a) proporcionar a aprendizagem dos conhecimentos religiosos, culturais e estéticos, a partir das manifestações religiosas percebidas na realidade dos educandos; b) Propiciar conhecimentos sobre o direito à liberdade de consciência e de crença, no constante propósito de promoção dos direitos humanos; c) Desenvolver competências e habilidades que contribuam para o diálogo entre perspectivas religiosas e seculares de vida, exercitando o respeito à liberdade de concepções e o pluralismo de ideias, de acordo com a Constituição Federal; d) Contribuir para que os educandos construam seus sentidos pessoais de vida a partir de valores, princípios éticos e da cidadania. Assim, o estudante deve ter acesso as diferentes formas de tradições e movimentos religiosos, a partir de pressupostos científicos, filosóficos, estéticos e éticos. É fundamental pensar o ensino religioso a partir da diversidade, construindo o respeito à todas as religiões e, principalmente, em se tratando de comunidades negras, às religiões de matriz africana.

As competências do Ensino Fundamental, propostas pela BNCC, se relacionam diretamente com a Educação Quilombola, visto que buscam fortalecer a identidade do estudante, de forma que ele participe da vida social e construa uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva, ou seja, fortaleça sua relação com a comunidade e crie mecanismos de contribuir com o desenvolvimento da mesma.

OS JOVENS QUILOMBOLAS: PERSPECTIVAS PARA O ENSINO MÉDIO NA BNCC

Um dos elementos mais evidentes na BNCC a respeito do Ensino Médio são as **juventudes**. Essa palavra expressa a pluralidade, constituindo os adolescentes e jovens como "participantes ativos das sociedades nas quais estão inseridos, sociedades essas também tão dinâmicas e diversas" (BNCC, p. 463). A juventude quilombola é contemplada na Base Nacional Comum Curricular, pois é vista com suas singularidades e particularidades. Desse modo, a escola tem o objetivo de acolher essas juventudes, possibilitando seu pleno desenvolvimento.

De acordo com o documento, as escolas devem "favorecer a atribuição de sentido às aprendizagens, por sua vinculação aos desafios da realidade", "garantir o protagonismo dos estudantes", "assegurar tempos e espaços para que os estudantes reflitam sobre suas experiências" e "estimular atitudes cooperativas e propositivas para o enfrentamento dos desafios da comunidade, do mundo do trabalho e da sociedade em geral" (BNCC, p. 465).

Para cada uma das **Áreas do Conhecimento** existem **Competências Específicas** a serem desenvolvidas ao longo do Ensino Médio. As competências estão relacionadas às habilidades

específicas. Essas competências e habilidades constituem a **Formação Geral Básica**. Vejamos o foco de cada área, de acordo com a BNCC.

No Ensino Médio, o foco da área de **Linguagens e suas Tecnologias** está na ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens; na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações; na apreciação e na participação em diversas manifestações artísticas e culturais; e no uso criativo das diversas mídias. (...) na área de **Matemática e suas Tecnologias**, os estudantes devem consolidar os conhecimentos desenvolvidos na etapa anterior e agregar novos, ampliando o leque de recursos para resolver problemas mais complexos, que exijam maior reflexão e abstração. Também devem construir uma visão mais integrada da Matemática com outras áreas do conhecimento e da aplicação da Matemática à realidade. (...) a área de **Ciências da Natureza e suas Tecnologias** oportuniza o aprofundamento e a ampliação dos conhecimentos explorados na etapa anterior. Trata a investigação como forma de engajamento dos estudantes na aprendizagem de processos, práticas e procedimentos científicos e tecnológicos, e promove o domínio de linguagens específicas, o que permite aos estudantes analisar fenômenos e processos, utilizando modelos e fazendo previsões. Dessa maneira, possibilita aos estudantes ampliar sua compreensão sobre a vida, o nosso planeta e o universo, bem como sua capacidade de refletir, argumentar, propor soluções e enfrentar desafios pessoais e coletivos, locais e globais. (...) a área de **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas** propõe o aprofundamento e a ampliação da base conceitual e dos modos de construção da argumentação e sistematização do raciocínio, operacionalizados com base em procedimentos analíticos e interpretativos. Nessa etapa, como os estudantes e suas experiências como jovens cidadãos representam o foco do aprendizado, deve-se estimular uma leitura de mundo sustentada em uma visão crítica e contextualizada da realidade, no domínio conceitual e na elaboração e aplicação de interpretações sobre as relações, os processos e as múltiplas dimensões da existência humana. (BNCC, p. 471-472)

Em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular, “Cada área do conhecimento estabelece competências específicas de área (...) tanto no âmbito da BNCC como dos itinerários formativos das diferentes áreas”.

DOCUMENTO DE REFERÊNCIA CURRICULAR PARA O ESTADO DE MATO GROSSO: CONCEPÇÕES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA (DRC/MT)

O Documento de Referência Curricular para o Estado de Mato Grosso consolida as bases do currículo, alinhado às discussões da BNCC aos aspectos sociais, econômicos e culturais do nosso estado. O texto orienta as escolas do sistema de ensino Mato-Grossense a desenvolverem ações no âmbito do ensino infantil e do fundamental.

Esse documento está dividido em 4 cadernos: concepções da Educação Básica, Ensino Infantil, Fundamental (anos iniciais) e Fundamental (anos finais). No caderno de Concepções da Educação Básica encontramos um espaço dedicado à Educação Quilombola. Quanto a organização do currículo, o DRC/MT segue as normas estabelecidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

Esse documento possui um espaço dedicado à Educação Quilombola no Caderno Concepções para a Educação Básica. Neste sentido, o DRC/MT segue as normas estabelecidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, bem como prima pela valorização da identidade e do protagonismo dos estudantes quilombolas.

Assim, pensar na construção/reconhecimento/valorização da identidade do jovem quilombola que reside no campo ou na cidade, abarca tanto indagações individuais como sociais, bem como integra padrões locais e globais, mesclando simultaneamente distâncias no tempo e no espaço, pois quando considerada como uma etapa da vida humana a juventude é apontada por Pais (1990) como uma categoria socialmente estabelecida, concebida a partir de circunstâncias econômicas, sociais e políticas e está suscetível a alterações ao longo dos tempos, isto é, “em cada tempo e lugar, diferentes grupos e sociedade definem o que é ser jovem e o que esperar de suas juventudes” (NOVAES, 2008, p.3).

Neste sentido, pensar as juventudes quilombolas é pensar na diversidade, pois as comunidades quilombolas estão presentes em diferentes municípios de Mato Grosso, têm territórios diferentes e culturas diferentes. Mas, independentemente do município, o que cada comunidade tem em comum é o respeito à ancestralidade, aos ensinamentos coletivos, a vontade de superação das desigualdades nas comunidades e municípios.

Muito embora as comunidades quilombolas busquem manter seus costumes e as especificidades de seu modo de vida, como qualquer outro, o jovem quilombola não é inerte; ele é protagonista de sua história, uma vez que participa ativamente de grupos de jovens, associações comunitárias, conselhos, movimentos sociais, e está cada vez mais tendo acesso ao ensino superior. Destarte, uma educação pensada para a juventude quilombola deve ter como ponto de partida a edificação do protagonismo juvenil, ou seja, uma educação que vise o desenvolvimento integral do estudante.

Protagonismo juvenil é a participação do adolescente em atividade que extrapolam os âmbitos de seus interesses individuais e familiares e que podem ter como espaço a escola, os diversos âmbitos da vida comunitária; igrejas, clubes, associações e até mesmo a sociedade em sentido mais amplo, através de campanhas, movimentos e outras formas de mobilização que transcendem os limites de seu entorno sócio-comunitário (COSTA, 1996, p. 90)

Portanto, o Protagonismo Juvenil, enquanto ação educativa nas escolas quilombolas em todas as etapas de ensino deve vislumbrar a criação de espaços e condições capazes de viabilizar aos jovens quilombolas envolver-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso, bem como vise dar aos estudantes subsídios para que eles possam pensar e planejar o futuro a partir dos seus projetos de vida. Neste diapasão, as proposições pedagógicas devem ser fundamentadas na inter e/ou transdisciplinaridade, devem promover a reflexão crítica a respeito da realidade na qual o estudante está inserido. Também deve possibilitar a compreensão dos valores culturais existentes na sociedade brasileira, objetivando que os estudantes possam além de refletir, agir e construir sua história. Sendo assim, é primordial pensar em uma organização curricular que traz uma Parte Diversificada que trabalhe as especificidades e faz a ligação com as disciplinas da base comum.

Nesse sentido, o DRC se alinha à BNCC, que propõe o projeto de vida e tem como alicerce o protagonismo juvenil. Esse projeto propicia um “processo de reflexão sobre o que cada jovem quer ser no futuro, e de planejamento de ações para construir esse futuro, pode representar mais uma possibilidade de desenvolvimento pessoal e social” (BNCC, p. 62). Dessa maneira, é preciso que o aluno quilombola construa seu projeto de vida, refletindo sobre seu futuro. As escolhas desse sujeito, no projeto de vida, não se resumem à questão profissional. Conforme a BNCC, o projeto de vida “diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos” (BNCC, p. 463).

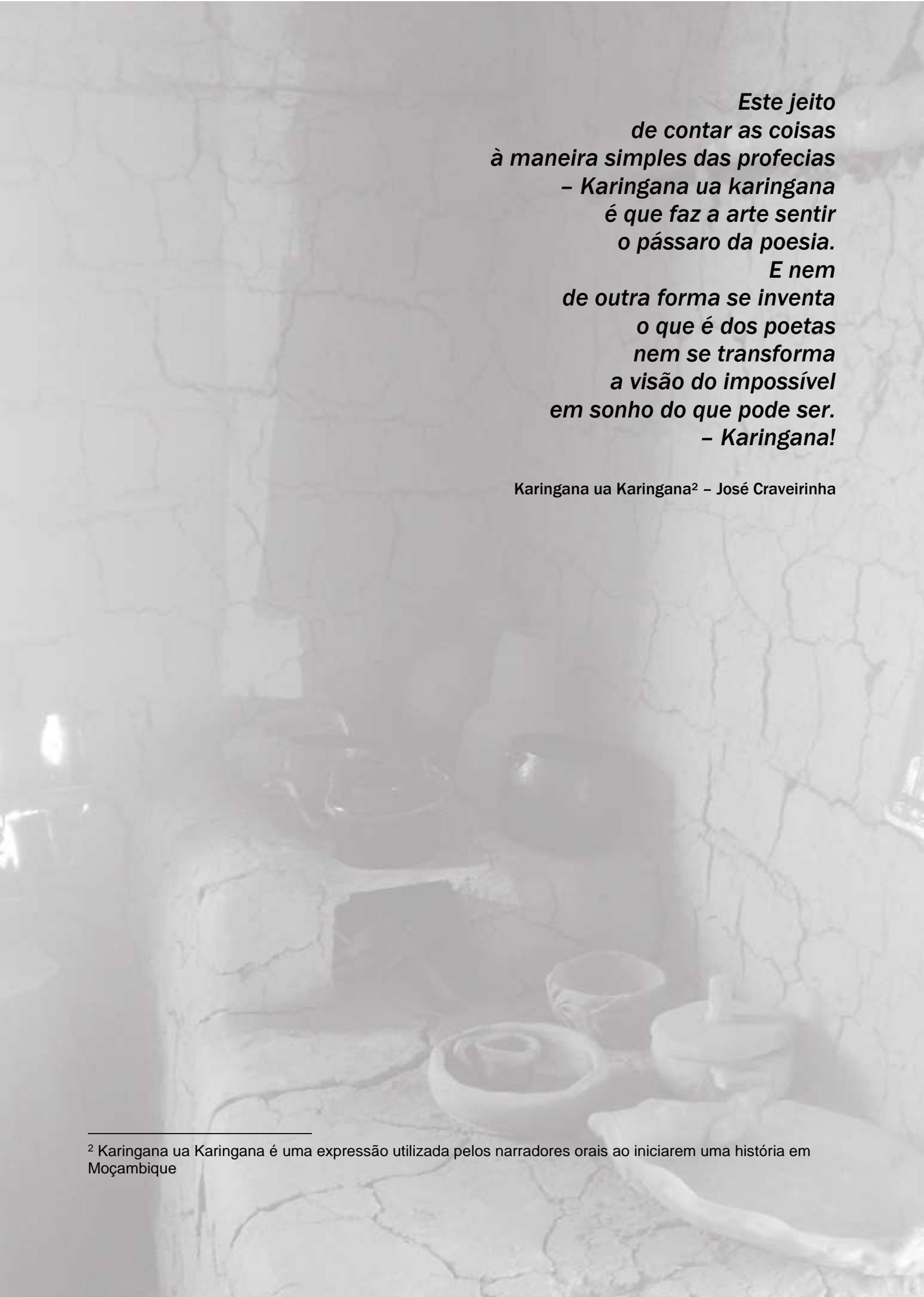
A escola, e especialmente o Ensino Médio, por muito tempo foi apenas um espaço de preparo do estudante para o mundo do trabalho, impossibilitando o desenvolvimento subjetivo e criativo desse sujeito, que estava submetido a pressão de pensar suas necessidades básicas de sustento. É preciso pontuar que, de fato, as juventudes negras precisam pensar nas condições básicas para sobreviver, visto que nossa sociedade ainda possui desigualdades econômicas profundas. No entanto, a escola deve ser o espaço que possibilita a reflexão a respeito dos desejos e ambições desses estudantes, mostrando que muitos caminhos podem ser construídos por eles.

A BNCC afirma que “é papel da escola auxiliar os estudantes a aprender a se reconhecer como sujeitos, considerando suas potencialidades e a relevância dos modos de participação e intervenção social na concretização de seu projeto de vida” (BNCC, p. 473). A escola quilombola deve ser o lugar que reconhece as potencialidades dos estudantes, em todos os seus níveis, permitindo e impulsionando o desenvolvimento desse estudante.

A seguir trazemos algumas habilidades relacionadas as questões quilombolas em diferentes áreas do conhecimento presentes na DRC/MT 2018 anos finais do Ensino Fundamental. O documento propõe, na área de Ciências da Natureza, a habilidade “ (EF07CI09.1MT) Interpretar, com base em dados estatísticos os indicadores e as condições de saúde das comunidades do campo, como os ribeirinhos, comunidades tradicionais, assentados, quilombolas e indígenas, etc.”.

Na área de Ciências Humanas em História apresenta a habilidade “(EF08HI23.1MT) Compreender o contexto político, econômico e cultural de Mato Grosso no século XIX e seus desdobramentos sociais e culturais” e como objeto de conhecimento “A resistência dos quilombos e comunidades tradicionais em Mato Grosso”. Ainda nesse componente, destaca a habilidade “(EF09HI21) Identificar e relacionar as demandas indígenas e quilombolas como forma de contestação ao modelo desenvolvimentista da ditadura”. Em Geografia, observamos a habilidade “(EF07GE03) Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades” e como objeto de conhecimento “Grupos sociais e comunidades tradicionais do Mato Grosso”.

Vemos, portanto, a importância do DRC enquanto documento que norteia o trabalho pedagógico contemplando as questões referentes ao nosso estado. O DRC prima pela formação e constituição do nosso estado, garantindo o ensino das especificidades mato-grossenses nas salas de aula.



**Este jeito
de contar as coisas
à maneira simples das profecias
– Karingana ua karingana
é que faz a arte sentir
o pássaro da poesia.
E nem
de outra forma se inventa
o que é dos poetas
nem se transforma
a visão do impossível
em sonho do que pode ser.
– Karingana!**

Karingana ua Karingana² – José Craveirinha

² Karingana ua Karingana é uma expressão utilizada pelos narradores orais ao iniciarem uma história em Moçambique



**PARTE
DIVERSIFICADA**

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR PARA O ENSINO MÉDIO DA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA

Como vimos até o presente momento, o currículo do Ensino Fundamental e Médio é composto por uma Base Nacional Comum (BNCC) e uma Parte Diversificada (PD). A base é obrigatória à todas as escolas, possibilitando que qualquer estudante de Mato Grosso consiga ter acesso aos mesmos conhecimentos que um estudante de outro Estado. Já a Parte Diversificada está relacionada aos saberes da comunidade, os saberes quilombolas.

A Parte Diversificada no currículo de nossas escolas vem justamente complementar e enriquecer a Base Comum, respeitando as características regionais e locais de nossa sociedade. Isso não significa alterar o que já está previsto no documento da BNCC, e sim inserir novos objetos de conhecimentos integrados a ele, que estejam de acordo com as competências já estabelecidas.

Vimos como uma oportunidade para que os nossos profissionais da educação adequem seus currículos e práticas à realidade de sua instituição de ensino e do local onde está inserida, concedendo a liberdade para que as Unidades de Ensino Público apresentem em suas matrizes curriculares temas de relevância social e cultural, contextualizados com a realidade dos seus estudantes e da comunidade escolar como um todo.

Para que o processo de ensino-aprendizagem, bem como o de avaliação, seja eficaz, deve-se levar em consideração a reflexão sobre as experiências individuais de cada estudante juntamente com a abordagem teórica das metodologias pedagógicas, as quais conduzirão ao autodesenvolvimento, à aprendizagem colaborativa e às aulas com maior interação entre professor e os estudantes (Maia, Mendonça e Goés, 2005). Nesse sentido, a leitura e a escrita são peças fundamentais para o desenvolvimento de cidadãos que são autores da sua própria história e devem se fazer presentes em todas as habilidades.

LEITURA E ESCRITA

As comunidades quilombolas historicamente possuem suas próprias práticas de letramento. Embora o ensino tradicional reforce que as práticas de escrita e oralidade se manifestam majoritariamente em espaços escolares formais, as práticas orais se manifestam também em espaços comunitários como no caso dos quilombos. Os saberes ancestrais repassados são formas de perpetuação do conhecimento, portanto, são práticas pedagógicas.

Os jovens quilombolas, na parte diversificada, devem integrar os conhecimentos da comunidade os conhecimentos formais. Nesse sentido, os jovens precisam se apropriar dos recursos orais e escritos para que construam uma cidadania plena e compreendam como os textos se inter-relacionam com as relações de poder em nossa sociedade. Ao entrar em contato com os mais diversos textos, o estudante precisa refletir

sobre as vozes que emergem desses. Mais que os decodificar, é preciso compreender os sentidos, os objetivos, as intenções de cada texto e usufruir destes em seu benefício e formação.

Vivemos em um mundo em que somos persuadidos a todo momento pela televisão, pelo cinema, pelas redes sociais e por tantos aparelhos ideológicos. Em um mundo que nos impele a consumir compulsivamente, precisamos ser seres que tomam decisões de forma crítica e autônoma.

A leitura e a escrita devem ser processos que causam reflexão e proporcionam ao estudante a ampliação dos recursos argumentativos para que ele possa reivindicar seus direitos, participar de discussões, tomar decisões e construir textos (escritos e orais) não apenas na e para a escola, mas para todas as situações cotidianas e, sobretudo, na capacidade de fazer escolhas.

O estudante quilombola deve ser um cidadão letrado e não apenas alfabetizado. Ele precisa refletir criticamente sobre os fatos que envolvem a linguagem, sua comunidade e o mundo. Cada texto que o estudante lê não somente é um conjunto de letras, sílabas e fonemas que formam palavras e frases. Cada texto é uma oportunidade de reconhecer discursos, vozes e sentidos. Ao ler, o estudante compreende, justifica, defende, refuta, confirma, questiona.

Embora pareça difícil desenvolver esse processo, é preciso lembrar que todos os seres, antes mesmo de aprenderem a ler e a escrever, produzem o que Paulo Freire chama de “leitura de mundo”. Portanto, mesmo que nosso estudante tenha dificuldade com a leitura de textos escritos, podemos extrair leituras que os mesmos têm sobre o mundo: “O ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisas que os seres humanos fazem antes de ler a palavra” (FREIRE, 2011, p. 15).

Outro aspecto importante relacionado à leitura e escrita são as manifestações orais da comunidade em que nossos estudantes estão inseridos. Onde existe uma comunidade, existe linguagem. Trabalhar oralidade na parte diversificada é também trabalhar e preservar os aspectos linguísticos das comunidades quilombolas, mantendo uma consciência de pertencimento.

Por muito tempo a oralidade foi silenciada em detrimento da escrita. Nossa sociedade criou um muro que divide alfabetizados e analfabetos. Esse muro simbólico permitiu que os que detinham a escrita tivessem acesso a todos os espaços sociais. Aqueles que detinham saber oral foram isolados socialmente, visto que a escrita está atrelada ao poder, pois com ela acessamos concursos públicos, provas para ingresso em universidades, requeremos reuniões em órgãos públicos, assinamos documentos, lemos e publicamos posts em redes sociais, sistematizando nossas experiências.

Os diferentes modos de fala devem ser trabalhados na sala de aula como um recurso importante na formação humana, considerando que muitas comunidades quilombolas utilizam da oralidade para construção de sua cultura material e imaterial, repassando o saber de geração para geração. A oralidade é tão importante quanto à escrita e ambas devem ser valorizadas e trabalhadas no espaço escolar por todas as áreas do conhecimento, não se restringindo apenas à área de linguagens. Embora, a leitura em nossa sociedade muitas vezes seja um processo individual, tanto a leitura quanto a escrita são processos sociais que expressam questões coletivas. Ler e escrever são práticas que contribuem para o desenvolvimento do protagonismo juvenil. Quando um estudante produz um texto, ele não apenas articula conhecimentos, mas também ativa sua voz, suas ideias e sua visão de mundo.

Neste sentido, a escola poderá se organizar pedagogicamente para atender e dinamizar a parte diversificada a partir de palestras, seminários, mesa redonda, roda de conversa, experiências, falas e entrevistas com pessoas da comunidade, trabalho em grupo, pesquisa de campo, visitas de estudos “*in loco*” e observação nas propriedades rurais circunvizinhas, feiras de ciências, varal de ideias, feiras de economia solidária, conforme pode ser observado no quadro de habilidades na página 49.

Nos anexos desse caderno é possível encontrar atividades elaboradas pela equipe da Coordenadoria do Campo e Quilombola que foram disponibilizadas na plataforma Aprendizagem Conectada e experiências que algumas de nossas escolas quilombolas estão desenvolvendo e podem servir de subsídio para a prática pedagógica. Contudo, é preciso considerar, quando elaboramos uma atividade escolar, as formas de (re)produção da vida que se manifestam nas comunidades em que nossos estudantes quilombolas vivem.

A seguir, apresentamos a matriz das escolas quilombolas contendo a base comum e os componentes da parte diversificada, considerando a carga horária mínima de 800 horas.

MATRIZ CURRICULAR DO ENSINO FUNDAMENTAL

A Matriz Curricular do Ensino Fundamental é composta pela Base Comum, como vimos, e a Parte Diversificada. Como é possível verificar na tabela abaixo, a Parte Diversificada é composta pelos eixos: Práticas em cultura e artesanato quilombola, Prática em técnica agrícola e quilombola e Prática em tecnologia social. Essa matriz foi produzida a partir dos anseios da população quilombola do Estado de Mato Grosso. É preciso observar que a Parte Diversificada, como veremos, deve se adequar à realidade de cada escola, respeitando os processos sociais de cada região.

BASE NACIONAL COMUM PARTE DIVERSIFICADA	Áreas do Conhecimento	Componentes Curriculares	CHA	CHS	6ºANO	7º ANO	8º ANO	9º ANO
	CIÊNCIA DA NATUREZA	CIÊNCIA DA NATUREZA	80	2	2	2	2	2
	MATEMATICA	MATEMATICA	120	3	3	3	3	3
	CIENCIAS HUMANAS	GEOGRAFIA	120	3	3	3	3	3
		HISTÓRIA	120	3	3	3	3	3
	ENSINO RELIGIOSO		40*	*1	*1	*1	*1	*1
	LINGUAGENS	LINGUA PORTUGUESA	160	4	4	4	4	4
		ARTE	40	1	1	1	1	1
		EDUCAÇÃO FÍSICA	40	1	1	1	1	1
		LINGUA ESTRANGEIRA MODERNA	40	1	1	1	1	1
CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS	PRÁTICAS EM CULTURA E ARTESANATO QUILOMBOLA	40	1	1	1	1	1	
	PRÁTICAS EM TÉCNICA AGRÍCOLA E QUILOMBOLA	40	1	1	1	1	1	
	PRÁTICAS EM TECNOLOGIA SOCIAL	40	1	1	1	1	1	
TOTAL DE CH	ANUAL EM HORAS AULA	880	22	880	880	880	880	

Obs.: * Componente Curricular Optativo

MATRIZ CURRICULAR DO ENSINO MÉDIO

A Matriz Curricular do Ensino Médio também é composta pela Base Comum e pela Parte Diversificada. Ambas devem ser desenvolvidas ao longo dos 3 anos de formação do estudante.

BASE NACIONAL COMUM E PARTE DIVERSIFICADA	ÁREAS DO CONHECIMENTO	DISCIPLINA	CHA	1º ANO	2º ANO	3º ANO
	LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS	LINGUA PORTUGUESA	120	3	3	3
		L. ESTRANGEIRA MODERNA (1)	40	*1	*1	*1
		ARTES	40	1	1	1
		L. ESTRANGEIRA MODERNA (2)	40	**1	**1	**1
		EDUCAÇÃO FÍSICA	40	1	1	1
	CIÊNCIAS DA NATUREZA	FÍSICA	40	1	1	1
		QUÍMICA	40	1	1	1
		BIOLOGIA	40	1	1	1
	MATEMÁTICA E SUAS TECNOLOGIAS	MATEMÁTICA	120	3	3	3
	CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E APLICADAS	HISTÓRIA	80	2	2	2
		GEOGRAFIA	80	2	2	2
		FILOSOFIA	40	1	1	1
		SOCIOLOGIA	40	1	1	1
	CIÊNCIAS E SABERES QUILOMBOLAS	PRÁTICAS EM CULTURA E ARTESANATO QUILOMBOLA	40	1	1	1
		PRÁTICA EM TÉCNICA AGRÍCOLA E QUILOMBOLA	40	1	1	1
		PRÁTICA EM TECNOLOGIA SOCIAL	40	1	1	1
	TOTAL DE CH	ANUAL EM HORAS AULA	880	22	22	22

Obs.: * Componente Curricular Obrigatório

** Componente Curricular Optativo

Como vimos até agora, cada unidade escolar tem autonomia, pois as escolas quilombolas não são homogêneas e a diversidade é um dos aspectos que marcam a formação do nosso Estado. Possuímos diversidades culturais, econômicas, políticas e sociais. Essa diversidade possibilita que a escola reflita sobre o seu espaço, suas práticas e vivências, mas também abre caminhos para pensar o Outro e como esse outro se relaciona como o Eu. Na busca pelos direitos humanos, pela valorização do protagonismo juvenil e o desenvolvimento de uma consciência crítica e emancipadora, a escola é o lugar que cultiva a tradição da comunidade, mas também articula as diferentes realidades, contextualizando-as e respeitando-as.

Tendo em vista que a escola é um lugar de emancipação do sujeito, é preciso pensar pedagogias possíveis e libertadoras voltadas para a construção do sujeito quilombola, que possui vontades, desejos e projetos. Produzir essas possibilidades é uma tarefa que exige reflexão e é tarefa também dos profissionais da escola. Coletivamente podemos desenvolver formas de ensino-aprendizagem que atuem de acordo com os princípios da Educação Quilombola.

A educação, ao desenvolver o complexo processo de formação humana, encontra nas práticas sociais o principal ambiente dos seus aprendizados; ela é mantenedora das raízes e tradições culturais da comunidade; é o lugar das reuniões comunitárias, do encontro dos sujeitos e espaço de socialização pelas festas e comemorações que estimula.

A Parte Diversificada surge a partir das demandas regionais, locais, sociais, culturais e econômicas de grupos que lutam por uma educação que reconheça a identidade desses grupos, respeitando a diversidade de cada um deles. Como foi dito, a base comum se constitui por saberes que serão trabalhados em todo o território nacional e deve abranger os saberes circunscritos no espaço do estudante. Considerando que a escola é um espaço que ressignifica e recria a cultura e onde se reconstruem as identidades e valoriza as próprias raízes.

E prevê ações que fortalecem a dinamicidade da escola envolvendo o aluno e fazendo com que ele cultive as práticas da comunidade. São ações simples mas que contribuem para o aprimoramento da pessoa humana e para a preparação para a universidade e o mundo do trabalho, considerando que muitos alunos podem aplicar em suas pequenas propriedades o conhecimento adquirido nos projetos e melhorar a renda familiar.

Esta é composta por Ciências e Saberes do Quilombolas, com os eixos: Práticas em cultura e artesanato quilombola, Prática em técnica agrícola e quilombola e Prática em tecnologia social. Portanto, constitui um importante instrumento para manutenção dos saberes das comunidades quilombolas.

Esses eixos mostram o reconhecimento dos saberes quilombolas na educação formal. É fundamental que a escola desenvolva um trabalho, na Parte Diversificada, que possibilite o aprofundamento dos vínculos dos estudantes com as práticas de suas comunidades.

Conforme o Documento de Referência Curricular para Mato Grosso (DRC/MT), a Parte Diversificada “traz elementos que contemplam a especificidade do processo educativo da modalidade”. Vejamos um trecho do documento:

Os componentes curriculares da parte diversificada e os da Base Nacional Comum Curricular devem ser trabalhados de forma interdisciplinar. As questões gerais sobre a cultura e história africana, afro-brasileira e quilombola serão

tratadas em todas as áreas do conhecimento do Documento de Referência Curricular para Mato Grosso.

A inclusão da parte diversificada no currículo das escolas Quilombolas no Ensino Fundamental se delinea a partir das discussões em torno da realidade social e cultural das comunidades. A área denominada de Ciências e Saberes Quilombolas é composta pelas disciplinas:

- Disciplina: Práticas em Cultura e Artesanato Quilombola;
Introdução às práticas e vivências das comunidades quilombolas referentes às suas culturas e produção artesanal, como elemento identitário de conhecimentos;
- Disciplina: Prática em Técnica Agrícola Quilombola;
Introdução às práticas em técnicas sustentáveis e culturais na produção agrícola, utilizadas pelas famílias quilombolas;
- Disciplina: Prática em Tecnologia Social.
Introdução a práticas de (re) elaboração de tecnologias sustentáveis a partir das necessidades e potenciais das comunidades quilombolas, tendo como foco auxiliar na solução de problemas existentes na realidade dos quilombos.

A parte diversificada deve ser ofertada a partir do 6º ano do Ciclo de Aprofundamento – Fundamental II – primeira fase. Nas turmas de unidocência, a oferta das disciplinas da parte diversificada não é obrigatória, porém o/a regente deve fazer a inserção das ciências e saberes quilombolas de forma introdutória, mesmo através da ludicidade, para que os estudantes vivenciem experiências pedagógicas específicas da comunidade da qual fazem parte. Nas escolas do Campo que atendem salas anexas Quilombolas, devem ser ofertadas duas disciplinas da parte diversificada: Práticas de Cultura e Artesanato Quilombola e Agroecologia. A Matriz Curricular, com oferta para além de 800 horas, deve assegurar o cumprimento em um único turno. Dessa forma, disciplinas como Língua Estrangeira Moderna (optativa ao estudante), Educação Física e as disciplinas da parte diversificada devem ser ministradas no turno de matrícula do estudante.

Os **objetivos** da Parte Diversificada em nossas escolas quilombolas são reconhecer toda a diversidade sociocultural e o direito a igualdade e a diferença, atender a legislação (quanto à recomendação de considerar as finalidades, os conteúdos e metodologia e os processos próprios de aprendizagem dos estudantes quilombolas), contribuir para a construção de identidades socioculturais dos estudantes e articular as vivências e saberes dos estudantes com os conhecimentos acumulados historicamente.

O desenvolvimento de uma metodologia pedagógica que tenha como objetivo repensar o papel do professor e do aluno no processo de ensinar e aprender deve ser constantemente revisado e atualizado. Para que o processo de ensino-aprendizagem, bem como o de avaliação, seja eficaz deve-se levar em consideração o processo de reflexão sobre as experiências individuais de cada participante juntamente com a abordagem teórica das metodologias pedagógicas, as quais conduzirão ao autodesenvolvimento, à aprendizagem colaborativa e às aulas com maior interação entre professor e alunos (Maia et al. 2005).

De acordo com as “Orientações Curriculares: Diversidades Educacionais”, do nosso estado, publicadas em 2012, as disciplinas podem ser conduzidas a partir dos seguintes tópicos:

<p align="center">PRÁTICA EM TECNOLOGIA SOCIAL (ENSINO FUNDAMENTAL)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Introdução: o que é tecnologia • História da tecnologia no mundo • Introdução à tecnologia social - o que é tecnologia social • As invenções que mudaram a história da humanidade • Tecnologia social e vivências cotidianas • Tecnologia social e conhecimento tradicional • Tecnologia social e agricultura familiar • Tecnologia social e direitos humanos • Aprendendo a montar projetos em tecnologia social
<p align="center">PRÁTICA EM TECNOLOGIA SOCIAL (ENSINO MÉDIO)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tecnologia social no Brasil • Tecnologia Social e sustentabilidade local • O uso dos recursos hídricos e da tecnologia social • Alimentação saudável como prática de tecnologia social • Projetos experimentais em tecnologia social • Histórias das técnicas agrícolas de plantio em espaço quilombola • Cooperativismo e agricultura familiar • Agroecologia como prática de Tecnologia Social • Vivendo e habitando em região quilombola: Habitações Sustentáveis • Energia limpa e práticas tecnológicas sociais • Projeto experimentais em Tecnologia Social
<p align="center">PRÁTICAS EM CULTURA E ARTESANATO QUILOMBOLA (ENSINO FUNDAMENTAL)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Introdução: o que é cultura • História da Cultura como História da Humanidade: Arte e Artesanato na Pré-História • Cultura Popular e Práxis Artesanal • Práticas artesanais e cotidiano • Práticas artesanais na África Atlântica pré-colonial • Arte e Cultura em espaço quilombola: vendo, aprendendo • Projetos de Cultura e Artesanato em Espaço Quilombola • A cultura em espaço quilombola • O direito de saber: resgatando saberes artesanais e culturais em espaço quilombola • Arte de ser e Arte de fazer: o artesanato quilombola como fonte de renda • Festas e vivências culturais em espaço quilombola • Turismo cultural em espaço de quilombo • Construção de projeto de cultura e artesanato em espaço quilombola
<p align="center">PRÁTICAS EM CULTURA E ARTESANATO QUILOMBOLA (ENSINO MÉDIO)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Introdução a economia solidária, comercialização de artesanato e cooperativismo em artesanato quilombola • Projetos experimentais de cultura e artesanato em espaço quilombola • Produção e comercialização de artesanato quilombola: feiras, eventos e negócios • Técnicas de vendas de artesanato quilombola • Produção, venda e comercialização de artesanato quilombola
<p align="center">PRÁTICAS EM TÉCNICAS AGRÍCOLAS E QUILOMBOLAS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A África na origem e expansão das técnicas agrícolas • História da Arte do Plantio no decorrer da história da humanidade • A revolução Agrícola • Técnicas de plantios na África Atlântica Pré-Colonial • Saberes africanos e técnicas de plantio

(ENSINO FUNDAMENTAL)	<ul style="list-style-type: none"> • Introdução ao Sistema de Mutirão e o uso do solo em espaço quilombola • Introdução ao cooperativismo e à produção agrícola • Projeto de técnicas agrícolas em espaço quilombola
PRÁTICAS EM TÉCNICAS AGRÍCOLAS E QUILOMBOLAS (ENSINO MÉDIO)	<ul style="list-style-type: none"> • A agricultura familiar na cultura quilombola • Arte de plantio em espaço quilombola • Resgatando saberes: arte do cultivo do solo em espaço quilombola • Sustentabilidade e técnicas de produção agrícola em espaço quilombola • Produção e comercialização • Questões agrárias em território quilombola • Projetos experimentais em técnicas agrícolas em espaço quilombola

Porém, como vimos, cada escola deve adaptar a Parte Diversificada às suas questões específicas. Nos anexos desse caderno é possível encontrar experiências que algumas de nossas escolas quilombolas estão desenvolvendo e podem servir de inspiração para a prática pedagógica. É preciso considerar as formas de (re)produção da vida, que se manifestam nas comunidades as quais os estudantes pertencem, quando elaboramos uma atividade escolar.

Na Educação Quilombola a **avaliação** seguirá a orientação da educação básica proposta pela SEDUC, acrescidas de práticas de avaliação que possibilitem o aprimoramento das ações pedagógicas, dos projetos educativos, da relação com a comunidade, da relação professor/estudante e da gestão.

A avaliação do processo de ensino e aprendizagem na Educação Quilombola deve considerar também a oralidade como um dos instrumentos avaliativos, uma vez que, a história oral e a memória contribuem decisivamente para a formação e valorização da identidade de um povo por trazerem uma carga de culturas, crenças e valores éticos e morais que servirão de sustentáculo para a (re)construção da identidade que está em constante transformação. Todos os componentes curriculares dentro do seu currículo estruturado possuem diversas possibilidades de desenvolver todas as inteligências.

A utilização de diferentes instrumentos de avaliação (avaliação formativa), tendo assim, a possibilidade de identificar diferentes aspectos da aprendizagem. Ao identificar uma inteligência pouco desenvolvida, caberá ao professor reformular diferentes atividades para que o estudante trabalhe esta inteligência, no sentido de melhorar suas habilidades.

- I- Os aspectos qualitativos, diagnósticos, processuais, formativos, dialógicos e participativos do processo educacional;
- II- O direito de aprender dos estudantes;
- III- As experiências de vida e as características históricas, políticas, econômicas e socioculturais das comunidades rurais;
- IV- Os valores, as dimensões cognitiva, afetiva, emocional, lúdica, de desenvolvimento físico e motor, dentre outros.

Veamos abaixo um quadro com habilidades que o discente deve desenvolver na disciplina de Ciências e Saberes Quilombolas. Buscamos relacionar essas habilidades aos objetos de conhecimento e propostas pedagógicas que podem auxiliar no trabalho com os estudantes

QUADRO DE HABILIDADES E OBJETOS DE CONHECIMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL

PRÁTICA EM TECNOLOGIA SOCIAL – ANOS FINAIS DO FUNDAMENTAL

HABILIDADES	COMENTÁRIO	OBJETO DE CONHECIMENTO (CONTÉUDO, CONCEITOS E PROCESSOS)	POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS
(EF06GE11) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo.	Nesta habilidade o aluno precisa entender o processo de evolução do ser humano, formação/transformação das sociedades e a influência que o ser humano causa na natureza ao construir sua história e cultura.	Evolução humana; Transformações sociais e tecnológicas ao longo da história na agricultura; Modos de produção; Degradação e preservação ambiental; Razão e Proporção; Densidade demográfica; Notação Científica; Equações	Os professores podem fazer a utilização de vídeos sobre a temática para suscitar a discussão. Pode ser realizada uma pesquisa para identificar as transformações ocorridas no ambiente local, utilizando entrevistas com os mais velhos, imagens, fotografias, arquivos, livros etc. O resultado pode ser apresentado na forma de exposição para comunidade ou produção audiovisual. Nesta exposição os estudantes poderão apresentar gráficos que possibilitem a leitura dos impactos causados pela interferência antrópica e suas consequências, além de realizar projeções estimativas de impactos futuros
(EF07CI05) Discutir o uso de diferentes tipos de combustível e máquinas térmicas ao longo do tempo, para avaliar avanços, questões econômicas e problemas socioambientais causados pela produção e uso desses materiais e máquinas.	Possibilitar ao aluno conhecer a história das máquinas térmicas e analisar como se deu o seu aprimoramento.	Maquinas térmicas; Produção de energia; Combustíveis; Poluição ambiental; Equilíbrio termodinâmico e vida na Terra; História dos combustíveis e das máquinas térmicas.	A partir de textos e informações previamente selecionadas e pesquisas direcionadas o professor pode convidar os alunos em montar em grupos uma linha cronológica (através de um varal de barbante) sobre as primeiras maquinas térmicas e como se deu a evolução da mesma ao longo do tempo. Referencia: https://novaescola.org.br/plano-de-aula/2789/as-maquinas-termicas-na-historia#atividade

<p>(EF07HI03) Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas.</p>	<p>Nessa habilidade o estudante deve desenvolver a criticidade com relação as práticas de sociedade africanas e americanas antes da invasão europeia, reconhecendo a importância de seus saberes, conhecimentos e técnicas.</p>	<p>Organização cosmológica, política, econômica, social e cultural dos povos indígenas e quilombolas; Saberes dos povos africanos e pré-colombianos expressos na cultura material e imaterial.</p>	<p>O professor pode apresentar aspectos de produção das sociedades africanas e americanas antes da invasão europeia, pontuando como esses aspectos podem estar presentes em diferentes comunidades nos dias de hoje. Ao final, os estudantes podem fazer uma reflexão sobre o porquê de esses processos serem silenciados ao longo da história.</p>
<p>(EF07CI06) Discutir e avaliar mudanças econômicas, culturais e sociais, tanto na vida cotidiana quanto no mundo do trabalho, decorrentes do desenvolvimento de novos materiais e tecnologias (como automação e informatização).</p>	<p>Pressupõe que o estudante compreenda como o desenvolvimento científico e tecnológico interfere em aspectos econômicos, culturais e sociais do trabalho e do dia a dia. E ainda, identificar as mudanças ocorridas após a inserção de determinados materiais e tecnologias no cotidiano dos indivíduos e avaliar os reflexos dessas mudanças nas relações do trabalho.</p>	<p>Introdução à tecnologia social; Máquinas simples; Formas de propagação do calor; Equilíbrio termodinâmico e vida na Terra; História dos combustíveis e das máquinas térmicas</p>	<p>Identificar e propor novas tecnologias, a partir de questões do cotidiano dos alunos, como a eficiência energética, a sustentabilidade, e a internet das coisas, após uma breve pesquisa os alunos podem montar quadros comparativos sobre as tecnologias utilizadas anteriormente e as atuais em sua comunidade</p>
<p>(EF09GE18) Identificar e analisar as cadeias industriais e de inovação e as consequências dos usos de recursos naturais e das diferentes fontes de energia (tais como termoelétrica, hidrelétrica, eólica e nuclear) em diferentes países.</p>	<p>A habilidade ajuda o estudante a compreender e relacionar as mudanças técnicas e científicas decorrentes do processo de industrialização, a inovação e os usos dos recursos naturais com as diferentes fontes de energia.</p>	<p>As invenções que mudaram a história da humanidade; Diversidade ambiental e as transformações nas paisagens</p>	<p>Pode-se propor aos estudantes uma pesquisa sobre as invenções de diferentes comunidades que mudaram a história da humanidade. Os estudantes podem se dividir em grupos, pesquisar as invenções e apresentar na sala. Ao final, o professor pode sugerir que cada grupo se reúna e crie uma invenção que solucione um problema da comunidade.</p>
<p>(EF07CI11) Analisar historicamente o uso da tecnologia, incluindo a digital, nas diferentes dimensões da vida humana, considerando indicadores ambientais e de qualidade de vida.</p>	<p>Espera-se que o estudante identifique e reconheça os avanços no tratamento de doenças, no controle e prevenção de pandemias, endemias, epidemias e nas medidas de prevenção e aumento da qualidade de vida das pessoas, ocasionadas pelo avanço das ciências e da tecnologia ao longo da história da humanidade, incluindo a intervenção no modo e nos hábitos de vida.</p>	<p>Tecnologia Social e Vivências Cotidianas; Diversidade de ecossistemas; Fenômenos naturais e impactos ambientais; Programas e indicadores de saúde pública</p>	<p>Através de registros antigos e entrevistas com anciãos é possível analisar as mudanças de comportamento e hábitos ocasionadas pelo seu uso e reconhecer seu impacto no ambiente (como a rede de distribuição de sinal de rádio, torres de transmissão, energia elétrica, abastecimento de água, entre outros) e na qualidade de vida. O aluno deve discutir e avaliar o uso da tecnologia, destacando seus pontos positivos e pontos de atenção, para um uso consciente e a identificação dos benefícios ou malefícios ocasionados por ela ao longo da história. Deve-se valorizar o conhecimento prévio do aluno, assim como</p>

			<p>mobilizar que o aluno possa registrar, discutir, explicar e descrever a respeito do tema.</p>
<p>(EF06CI02) Identificar evidências de transformações químicas a partir do resultado de misturas de materiais que originam produtos diferentes dos que foram misturados (mistura de ingredientes para fazer um bolo, mistura de vinagre com bicarbonato de sódio etc.).</p>	<p>Esta habilidade envolve experimentar, observar e reconhecer evidências da ocorrência de transformações químicas em misturas de diferentes materiais.</p>	<p>Tecnologia social e Conhecimento tradicional; Misturas homogêneas e heterogêneas; Separação de materiais; Materiais sintéticos; Transformações químicas.</p>	<p>O professor pode realizar experimentos com mistura de materiais que evidenciem ou não a ocorrência de transformações químicas. O tema pode ser expandido com abordagens que envolvam o sistema produtivo. É importante estimular a construção de modelos explicativos e de investigação sobre evidências que apontem se houve ou não a transformação química. Sugestão: https://novaescola.org.br/plano-de-aula/1922/transformacoes-quimicas#atividade</p>
<p>(EF09CI13) Propor iniciativas individuais e coletivas para a solução de problemas ambientais da cidade ou da comunidade, com base na análise de ações de consumo consciente e de sustentabilidade bem-sucedidas.</p>	<p>Espera-se que com esta habilidade o estudante possa projetar e construir formas de interação das comunidades humanas no ambiente, para resolução dos seus problemas ambientais, como, por exemplo, o uso consciente da água e da energia, o aproveitamento de alimentos, a melhoria na mobilidade, a reutilização e redução de uso de equipamentos e objetos, a reciclagem etc.</p>	<p>Tecnologia social e Agricultura Familiar; Tecnologia social e Agricultura Familiar; Tecnologia social e Direitos Humanos; Ideias evolucionistas Preservação da biodiversidade.</p>	<p>Os estudantes podem buscar informações e identificar modelos de consumo consciente e ações sustentáveis para contribuir na construção e a proposição de soluções para os problemas ambientais locais (como a poluição ar, do solo e das águas) ou aqueles relacionados ao consumo ou atividades realizadas no cotidiano.</p>
<p>(EF07GE03) Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades.</p>	<p>O Estudante deverá identificar os povos originários (indígenas), remanescentes de quilombos, os povos da Floresta e do Cerrado e sua contribuição para a construção do nosso Estado. Nesta habilidade, espera-se que o aluno possa conhecer as principais características dos povos tradicionais e demais grupos sociais para construir argumentos sobre suas territorialidades. As territorialidades são compreendidas como o poder exercido por um grupo em dado espaço geográfico, resultado da junção das características culturais desse grupo. As comunidades remanescentes de quilombos são,</p>	<p>Cidadania; Organização social e políticas públicas; Povos quilombolas; Movimentos Sociais; Grupos sociais e comunidades tradicionais do Mato Grosso.</p>	<p>O professor pode convidar um professor quilombola, ribeirinho ou indígena para falar sobre direitos e a história dessas comunidades. Assim, os estudantes poderão fazer perguntas e desconstruir imaginários relacionados a essas comunidades. Em seguida, podem ser feitos poemas e desenhos inspirados pela fala desse professor e fixados nos murais da escola, estimulando a empatia por essas comunidades. Pode-se propor ao aluno compreender onde estão e como vivem esses grupos sociais, quais as características próprias de cada um, qual a sua contribuição para a formação social e territorial do Brasil, bem como quais são os direitos legais de cada comunidade e/ou grupo sobre a terra e/ou área ocupada. No desenvolvimento dessa habilidade é possível considerar o uso de mapas temáticos das comunidades, grupos étnicos, terras</p>

	<p>por exemplo, grupos sociais cuja identidade étnica os distingue do restante da sociedade brasileira. Sua identidade é base para sua organização, sua relação com os demais grupos e sua ação política. A autonomia e a construção da identidade devem ser enaltecidas nesta habilidade.</p>		<p>indígenas e etnias. Há, aqui, oportunidade para o trabalho interdisciplinar com as habilidades (EF07HI10) e (EF07HI11) da História, no que se refere ao estudo da formação territorial do Brasil.</p>
<p>(EF07CI01) Discutir a aplicação, ao longo da história, das máquinas simples e propor soluções e invenções para a realização de tarefas mecânicas cotidianas.</p>	<p>Pressupõe que o estudante identifique e compreenda o que são máquinas simples e debater sobre a viabilidade de seu uso ao longo do tempo.</p>	<p>Aprendendo a montar projetos em tecnologia social; Máquinas simples; Formas de propagação do calor; Equilíbrio termodinâmico e vida na Terra; História dos combustíveis e das máquinas térmicas.</p>	<p>O professor pode propor aos estudantes investigação de objetos e instrumentos que são utilizados no cotidiano, incluindo alavancas e polias; e construir modelos para uso das máquinas simples que facilitem a realização de tarefas cotidianas. Material para Consulta: https://novaescola.org.br/plano-de-aula/2877/maquinas-simples-catapulta</p>

PRÁTICAS EM CULTURA E ARTESANATO QUILOMBOLA – ANOS FINAIS DO FUNDAMENTAL

HABILIDADES	COMENTÁRIO	OBJETO DE CONHECIMENTO (CONTÉUDO, CONCEITOS E PROCESSOS)	POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS
<p>(EF69AR08) Diferenciar as categorias de artista, artesão, produtor cultural, curador, designer, entre outras, estabelecendo relações entre os profissionais do sistema das artes visuais;</p>	<p>A habilidade propicia ao estudante o reconhecimento da produção cultural, inferindo a categorização dos diferentes sujeitos interrelacionados.</p>	<p>Introdução: o que é cultura; Artes visuais; Curadoria; Exposição de arte.</p>	<p>O professor pode discutir o que é uma exposição de arte e levar os estudantes a uma galeria ou museu. Caso não seja viável organizar essa excursão, os estudantes podem fazer um tour virtual por galerias de arte disponíveis na internet. Em seguida, a turma pode planejar uma exposição de arte na escola com objetos feitos pelos próprios estudantes a exemplo de pinturas, desenhos, fotografias, biojóias e esculturas valorizando a história da comunidade, ao propor que as obras de artes devem estar relacionadas à comunidade. Assim, pode ser feita uma reflexão sobre a importância da arte para a sociedade.</p>
<p>(EF69AR33) Analisar aspectos históricos, sociais e políticos da produção artística, problematizando as narrativas eurocêntricas e as diversas categorizações da arte (arte, artesanato, folclore, design etc.).</p>	<p>O estudante deve desenvolver uma reflexão sobre as diversas dimensões da arte: estética, política e história observando como a arte pode representar momentos políticos, históricos e sociais da humanidade.</p>	<p>Arte e história; Arte e política;</p>	<p>É possível trabalhar obras de arte produzidas em diferentes locais percebendo as diferenças e convergências entre elas discutindo como o local de produção e as vivências do artista interfere na obra de arte.</p>
<p>(EF69AR07.1MT) Explorar possibilidades e materiais presentes no cotidiano, manipulando, recriando, criando outras possibilidades com objetos da cultura mato-grossense para a composição artística visual contemporânea.</p>	<p>Essa habilidade se refere ao estudo da arte deve se aliar a sustentabilidade no contexto mato-grossense</p>	<p>História da cultura como história da humanidade: arte e artesanato na pré-história; Sustentabilidade; Práticas artesanais e cotidiano; Arte contemporânea,</p>	<p>O professor pode propor uma análise de obras de arte produzidas em Mato Grosso, a exemplo dos artistas Gilda Portela, Adir Sodré, Benedito Nunes, Babu78, João Sebastião da Costa, Patty Wolf, André Gorayeb. Podem ser analisados aspectos da criação, dos temas e técnicas. Em seguida, é possível propor uma oficina de pinturas baseadas nas obras estudadas com objetos sustentáveis.</p>
<p>(EF69AR08.1MT) Identificar a relação das manifestações artística visual e os diferentes contextos do estado de Mato Grosso no tempo e no espaço considerando as concepções de categorias na produção artística.</p>	<p>Pressupõe que o estudante deve ter contato com diferentes produções artísticas do Estado de Mato Grosso e consiga estabelecer a relação entre diferentes manifestações artísticas.</p>	<p>Produção artística de Mato Grosso; Fotografia; Cerâmica; Desenho; Pintura; Escultura; Gravura.</p>	<p>A partir dessa habilidade é possível ao professor analisar junto aos alunos as diferentes produções artísticas fazendo um paralelo entre as manifestações mais recentes e as produzidas nos últimos 50 anos, estimulando os alunos a observarem as mudanças e as tendências atuais em Mato Grosso.</p>

<p>(EF69AR31.3MT) Conhecer as técnicas, os estilos, os métodos de cada modalidade, experimentados de acordo com as intencionalidades a serem observadas no processo de criação, na sugestão de elementos expressivos, sob a ótica de quem a produz ou na temática a ser evidenciada.</p>	<p>O objetivo da habilidade é promover o desenvolvimento do senso estético e artístico no processo de criação, observando como os elementos expressivos são articulados de acordo com as vivências de quem produz as obras de arte.</p>	<p>Práticas artesanais na África Atlântica pré-colonial; Arte e história.</p>	<p>O professor pode trabalhar essa habilidade através de slides, revistas e ou páginas da internet com imagens selecionadas que possam aguçar a sensibilidade dos estudantes referente ao contexto estético e artístico demonstrando as diferentes técnicas e estilos desenvolvidas pelos artistas em sua produção.</p>
<p>(EF69AR09.1MT) Conhecer o processo histórico da Dança em Mato Grosso, levando em consideração a contribuição de povos, contextos e práticas indígenas e africanos, assim como demais manifestações observadas em outros estados brasileiros.</p>	<p>Essa habilidade evidencia as práticas culturais, em especial da dança no Estado de Mato Grosso, valorizando as manifestações de povos indígenas, africanos e quilombolas.</p>	<p>Arte e cultura em espaço quilombola: vendo, aprendendo; Danças no contexto mato-grossense.</p>	<p>O professor pode resgatar as diferentes danças dos povos indígenas, africanos e quilombolas fazendo paralelos históricos de quais danças estão presentes nos dias atuais e incentivar a pesquisa dos estudantes referente as que foram substituídas por outras, a partir da introdução das danças modernas e novos estilos musicais. Pode também incentivar o resgate de danças que estão presentes em algumas comunidades tradicionais.</p>
<p>(EF69AR13) Investigar brincadeiras, jogos, danças coletivas e outras práticas de dança de diferentes matrizes estéticas e culturais como referência para a criação e a composição de danças autorais, individualmente e em grupo;</p>	<p>A habilidade objetiva o processo de cocriação de diferentes matrizes e pode valorizar as danças de matrizes africanas que foram incorporadas a outras práticas de danças que fazem parte da cultura atual. Pressupõe que o estudante deve investigar diferentes danças e jogos com o objetivo de identificar as raízes culturais e estéticas de cada uma delas, analisando de que forma surgiram</p>	<p>Brincadeiras e jogos; Grupo de dança; Danças contemporâneas.</p>	<p>O professor pode estimular a experimentação, a criação de jogos individuais e em grupos, a coreografia, as manifestações de danças circulares, a autoria, que reflitam as danças que os alunos gostam e recriar movimentos de danças com processos inventivos que reflitam aspectos do cotidiano e do entorno.</p>
<p>(EF69AR34) Analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.</p>	<p>Considerando que por muito tempo a escola foi o espaço de circulação e evidência da arte europeia, desconsiderando a arte brasileira, a habilidade propõe a valorização da cultura brasileira, considerando não apenas a arte europeia, mas todas as matrizes</p>	<p>A cultura em espaço quilombola; Patrimônio material e imaterial; História da arte.</p>	<p>Uma atividade que pode ser desenvolvida em sala de aula é trabalhar as manifestações culturais ao longo da história identificando as mudanças que ocorreram na literatura, música e pintura. É possível refletir sobre o que essas mudanças representam e como a arte muda conforme muda a sociedade. Os estudantes podem também discutir sobre como a arte brasileira apresenta diferentes problematizações sobre a realidade. Ao final, o professor pode propor a produção de uma</p>

	que contribuíram com a formação do Brasil.		intervenção artística (teatro, declamação, dança, pintura) que revele um aspecto da sociedade brasileira.
(EF69AR31) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.	Consoante a BNCC, “Os direitos humanos também perpassam todos os campos de diferentes formas: seja no debate de ideias e organização de formas de defesa dos direitos humanos (campo jornalístico-midiático e campo de atuação na vida pública), seja no exercício desses direitos – direito à literatura e à arte, direito à informação e aos conhecimentos disponíveis” (p. 86). Portanto, a arte é um direito, logo, deve ser trabalhada na sala de aula em conexão com as dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.	O direito de saber: resgatando saberes artesanais e culturais em espaço quilombola; Arte e sociedade; Direitos humanos.	O professor pode apresentar diferentes obras de arte com objetivo de trabalhar os direitos humanos e verificando como essas produções se relacionam às diferentes dimensões da vida. Podem ser analisadas obras de Sidney Amaral que denunciam o racismo, mostrando como a arte tem uma contribuição significativa ao expor problemas sociais.
(EF69AR11.1MT) Experienciar as mais diversas possibilidades de movimentos tipicamente regionais, considerando a linguagem corporal, verbal e o gesto, inserido na dança.	Conforme a BNCC, “Ao articular os aspectos sensíveis, epistemológicos e formais do movimento dançado ao seu próprio contexto, os alunos problematizam e transformam percepções acerca do corpo e da dança, por meio de arranjos que permitem novas visões de si e do mundo.” (p. 195). Portanto, ao conhecer as danças regionais, o estudante recompõe os significados de si e da história da sua comunidade.	Siriri; Cururu; Dança dos mascarados; Dança do Congo; Chorado; Festas e vivências culturais em espaço quilombola.	É possível criar uma oficina de dança que busque representar e recriar as danças regionais. Pode ser feito um estudo do histórico dessas danças, entendendo seu surgimento e como as roupas, os gestos e a musicalidade compõem o processo da dança. Pode-se propor aos estudantes o estudo da linguagem verbal e não-verbal nessas danças. É importante ressaltar que as danças são manifestações vivas das comunidades e carregam história, memória e ancestralidade.
(EF69AR35) Identificar e manipular diferentes tecnologias e recursos digitais para acessar, apreciar, produzir, registrar e compartilhar práticas e repertórios artísticos, de modo reflexivo, ético e responsável.	Essa habilidade propõe ao estudante o estudo da arte mediado pela tecnologia. Como pontua a BNCC, “Em decorrência do avanço e da multiplicação das tecnologias de informação e comunicação e do crescente	Arte de ser e arte de fazer: o artesanato quilombola como fonte de renda.	O professor pode propor a construção de uma exposição virtual. Desse modo, obras podem ser confeccionadas pelos estudantes, tanto de forma digital, através do paint ou programas de edição de imagem e fotos para colagem, ou de forma manual, através de pinturas e desenhos. As obras confeccionadas podem ser digitalizadas e inseridas em

	<p>acesso a elas pela maior disponibilidade de computadores, telefones celulares, tablets e afins, os estudantes estão dinamicamente inseridos nessa cultura, não somente como consumidores. Os jovens têm se engajado cada vez mais como protagonistas da cultura digital” (p. 61). Logo, é fundamental que os estudantes se apropriem dessas tecnologias.</p>		<p>um blog ou site, a exemplo do WIX que permite a criação gratuita de site. Dessa forma, os estudantes estarão desenvolvendo senso estético e o uso prático dos recursos digitais.</p>
<p>(EF69AR35.1MT) Desenvolver senso crítico para apreciar as produções artísticas integradas dos grupos mais próximos (colegas da mesma unidade de ensino, de outras escolas locais, de outros municípios), assim como os mais distantes (outros estados, produções de artistas já consagrados pela mídia, em quaisquer das modalidades escolhidas para o fazer artístico), ampliando o repertório de análise das diversas produções, e como inspirador nos processos de criação.</p>	<p>Conforme a BNCC, “a potência da arte e da literatura (...) permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente” (pag. 139). Portanto, considerando a potência da arte, a habilidade propõe que o estudante deve desenvolver o senso crítico para verificar como as artes produzidas em diferentes regiões pode contribuir para reconhecer modos distintos de ser e estar no mundo.</p>	<p>Construção de projeto de cultura e artesanato em espaço quilombola.</p>	<p>A habilidade propõe que o estudante deve ter contato com o maior número possível de produções artísticas. Portanto, o professor pode sugerir que seja feita uma atividade em que sejam analisadas obras antigas e contemporâneas, fazendo um contraponto entre elas. Por exemplo, pode ser feita uma análise de uma pintura europeia do século XIX e uma pintura de um artista contemporâneo de Mato Grosso. Pode ser feito um debate sobre a diferença entre essas obras, tanto em relação ao tema como em relação a técnica, identificando com as obras mudam ao longo do tempo e espaço. Uma reflexão sobre as diferentes produções artísticas, de forma comparativa e não hierárquica, pode ser realizada na sala de aula.</p>

PRÁTICAS EM TÉCNICAS AGRÍCOLAS – ANOS FINAIS DO FUNDAMENTAL

HABILIDADES	COMENTÁRIO	OBJETO DE CONHECIMENTO (CONTEÚDO, CONCEITOS E PROCESSOS)	POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS
<p>(EF06HI05) Descrever modificações da natureza e da paisagem realizadas por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos indígenas originários e povos africanos, e discutir a natureza e a lógica das transformações ocorridas.</p>	<p>Pode-se fazer mediação através da tecnologia traçando o percurso que o homem da Pré-História percorreu e as mudanças possíveis na paisagem após esse movimento e as possibilidades da relação humana com o meio natural.</p>	<p>A África na origem e expansão das técnicas agrícolas; As origens da humanidade, seus deslocamentos e os processos de sedentarização; Diversidade de povos e culturas que contribuíram para a formação do Estado de Mato Grosso.</p>	<p>O professor pode fazer a abordagem sobre o modo de vida do homem da Pré-história discorrendo sobre o seu modo de vida, falar também sobre as descobertas arqueológicas que trazem pistas de como esses homens viviam e explorar imagens sobre as artes rupestres encontradas em sítios arqueológicos que apresentam vestígios da relação do homem com a natureza. Pode-se também explorar a possibilidade de quebra cabeça criados pelos alunos que abordem o período.</p>
<p>(EF06HI07) Identificar aspectos e formas de registro das sociedades antigas na África, no Oriente Médio e nas Américas, distinguindo alguns significados presentes na cultura material e na tradição oral dessas sociedades.</p>	<p>A habilidade permite ao aluno o entendimento de como eram realizados os registros em sociedades antigas e a distinção da cultura e oralidade;</p>	<p>História da arte do plantio no decorrer da história da humanidade; Registros e fontes regionais como instrumentos no processo de formação da cultura material e imaterial mato-grossense.</p>	<p>Explorar junto aos alunos os diferentes aspectos e formas de registro das sociedades antigas na África, no Oriente Médio e nas Américas, destacando significados presentes na cultura material e na tradição oral dessas sociedades fazendo correlação com as formas de registro da sociedade atual. Refletindo sobre o local e como são realizados os registros e as memórias das comunidades quilombolas.</p>
<p>(EF09GE11) Relacionar as mudanças técnicas e científicas decorrentes do processo de industrialização com as transformações no trabalho em diferentes regiões do mundo e suas consequências no Brasil.</p>	<p>O estudante deverá compreender o processo de industrialização e a divisão de trabalho no sistema capitalista.</p>	<p>Mundo do Trabalho; Cadeia produtiva de produção; Transformações do espaço na sociedade urbano-industrial.</p>	<p>O docente deverá propor uma pesquisa sobre a transformação ocorrida no mundo com relação ao processo de industrialização na evolução do sistema capitalista. Debater através de Grupos de observação (GO) e Grupos de verbalização (GV), a inclusão de áreas antes consideradas improdutivas e que após inclusão se tornaram potência econômica. Os estudantes deverão ler textos</p>

			complementares sobre o assunto. O GV irá discutir o texto lido enquanto o GO observará as considerações, podendo anotar as ideias esquecidas pelo GV. Posteriormente, os estudantes dos dois grupos apresentarão
(EF07HI02) Identificar conexões e interações entre as sociedades do Novo Mundo, da Europa, da África e da Ásia no contexto das navegações e indicar a complexidade e as interações que ocorrem nos Oceanos Atlântico, Índico e Pacífico.	O aluno deve compreender as diferentes interações ocorridas entre os diferentes continentes, entendendo a complexidade das relações desenvolvidas e os desafios ao desbravar os Oceanos.	A revolução agrícola; A construção da ideia de modernidade e seus impactos na concepção de História; Alteridade O domínio eurocentrista sobre diferentes povos; Colonização;	O professor pode contextualizar sua aula a partir da exploração dos sentidos do que é desbravar e inovar. Fazer a explanação sobre a representação da busca pelo novo, do tangível, dos desafios, dos obstáculos e das interações, das resistências, dos conflitos ocorridas entre os povos originários e “que chegaram” ao Novo Mundo.
(EF08HI03) Analisar os impactos da Revolução Industrial na produção e circulação de povos, produtos e culturas.	A habilidade propicia ao aluno a reflexão sobre o sentido da Revolução Industrial e seus desdobramentos entre os diferentes povos e culturas, bem como as diferentes organizações de trabalho, a cultura e os desafios impostos aos trabalhadores.	Impactos na produção e circulação de produtos; Modos de produção; Organização do trabalho; Mecanização do trabalho; Produção e trabalho nas comunidades quilombolas.	O professor pode realizar a mediação junto aos alunos explorando quais os impactos e sentidos gerados pós revolução industrial e as dinâmicas estabelecidas, a mecanização do trabalho e seus desdobramentos na vida dos trabalhadores, inferindo reflexões sobre a importância do trabalho no mundo atual, a circularidade das mercadorias entre os diferentes povos no mundo contemporâneo. Pode organizar debates com os alunos sobre o quanto o trabalho interfere nas dinâmicas estabelecidas na sociedade e também se a identidade das pessoas é forjada de acordo com as atividades que exercem.
(EF07HI03) Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas.	Nessa habilidade o estudante deve desenvolver a criticidade com relação as práticas de sociedade africanas e americanas antes da invasão europeia, reconhecendo a importância de seus saberes, conhecimentos e técnicas.	Técnicas de plantio na África Atlântica pré-colonial; Saberes dos povos africanos e americanos expressos na cultura material e imaterial. Resistência e organizações de sobrevivência; Saberes e técnicas incorporados a nova sociedade organizada;	Pode-se utilizar em suas aulas reflexões sobre como eram organizadas as sociedades africanas e ameríndias antes da colonização dos europeus, mostrando suas organizações como povos originários, sua cultura material e imaterial demonstrando que as invasões não ocorreram de maneira pacífica, houveram resistências, choques de culturas e muitos povos foram dizimados e os saberes de povos foram sobrepujados para atender esse novo tipo de sociedade.

<p>(EF06GE10) Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros etc.) e de apropriação dos recursos hídricos (sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares.</p>	<p>Nessa habilidade o estudante deve compreender e explicar as diferentes formas que os seres humanos se utilizaram do solo e dos recursos hídricos para agricultura em diferentes épocas, locais/culturas.</p>	<p>Introdução ao sistema de mutirão e o uso do solo em espaço quilombola.</p>	<p>Para explicar as diferentes formas do uso do solo, o professor pode explanar sobre o uso correto do solo fazendo articulação com os diferentes manejos, interessante sondar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o assunto a fim de provocar o debate sobre a importância da preservação do mesmo para as futuras gerações.</p>
<p>(EF07GE06) Discutir em que medida a produção, a circulação e o consumo de mercadorias provocam impactos ambientais, assim como influem na distribuição de riquezas, em diferentes lugares.</p>	<p>Esta habilidade diz respeito a identificar, analisar e debater os impactos socioambientais das ações do homem nas esferas da produção, circulação e consumo, alertando para a necessidade de se adotar um uso consciente dos recursos. O aluno deve também relacionar a produção de mercadorias com a distribuição desigual de riquezas.</p>	<p>Introdução ao cooperativismo e à produção agrícola; Biodiversidade e ciclo hidrológico; Meio ambiente, o uso e ocupação do território Mato-grossense.</p>	<p>Para explicar as desigualdades na sociedade é possível criar uma dinâmica em que os estudantes devem se dividir em grupos e cada grupo representa uma parcela da sociedade. Cada grupo pode defender uma ideia, por exemplo, o grupo que representa os ricos deve defender porque esse grupo concentra a riqueza. O grupo que representa os trabalhadores pode defender porque a riqueza precisa ser dividida de forma igualitária. Assim, pode ser feito um debate sobre os diferentes e como eles atuam e se organizam na sociedade.</p>
<p>(EF08GE20) Analisar características de países e grupos de países da América e da África no que se refere aos aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir as desigualdades sociais e econômicas e as pressões sobre a natureza e suas riquezas (sua apropriação e valorização na produção e circulação), o que resulta na espoliação desses povos.</p>	<p>A partir dessa habilidade deseja-se que os alunos estabeleçam relações e inter-relações com o problema causado sobre o desenvolvimento desenfreado e a situação socioeconômica e de exploração dos povos da América e África.</p>	<p>Dados estatísticos; Gráficos; Desigualdades econômicas; População e migração; Identidades e interculturalidades regionais: Estados Unidos da América, América espanhola e portuguesa e África.</p>	<p>O professor pode sugerir uma pesquisa no site IBGE Educa a respeito das populações rurais e urbanas, população masculina e feminina, etnias, grau de escolaridade por idade no Brasil. A partir dos gráficos do site, os estudantes poderão produzir gráficos mostrando índices das suas comunidades, verificando a realidade e propondo soluções para possíveis problemas, desenvolvendo o protagonismo juvenil.</p>

QUADRO DE HABILIDADES E OBJETOS DE CONHECIMENTO DO ENSINO MÉDIO

PRÁTICA EM TECNOLOGIA SOCIAL - ENSINO MÉDIO			
HABILIDADES	COMENTÁRIO	OBJETO DE CONHECIMENTO (CONTÉUDO, CONCEITOS E PROCESSOS)	POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS
(EM13CNT101) Analisar e representar, com ou sem o uso de dispositivos e de aplicativos digitais específicos, as transformações e conservações em sistemas que envolvam quantidade de matéria, de energia e de movimento para realizar previsões sobre seus comportamentos em situações cotidianas e em processos produtivos que priorizem o desenvolvimento sustentável, o uso consciente dos recursos naturais e a preservação da vida em todas as suas formas.	Esta habilidade implica nos estudantes reconhecer os processos de transformação e conservação de matéria e de energia, relacionando-os com processos tecnológicos utilizados pela humanidade, avaliando ações e analisando soluções sustentáveis para os sistemas naturais.	O uso dos recursos hídricos e da tecnologia social; Habitações sustentáveis; Energia e movimento; Sustentabilidade nas comunidades quilombolas no estado de Mato Grosso; Práticas e técnicas agroecológicas.	O professor pode propor através de um jogo de RPG que os estudantes se dividam em grupos para planejar e defender propostas para o uso de novas fontes renováveis de energia, relacionando-as a questões sociais, ambientais, políticas e culturais em âmbito local, regional e global. Utilizar vídeo sobre as transformações de energia em um simulador que mostra de forma prática a primeira Lei da Termodinâmica, disponível em: https://escoladigital.org.br/busca?facets_option_ids=[39] O simulador ilustra que a variação de energia interna de um sistema é numericamente igual a diferença entre o calor fornecido ao sistema e o trabalho realizado por ele. No simulador é possível ligar um sistema que está submetido a uma fonte de calor e, portanto, do aquecimento do sistema, se tem uma descrição física breve de cada etapa. O recurso pode fazer parte de uma aula apresentada na forma de slides
(EM13CNT104) Avaliar potenciais prejuízos de diferentes materiais e produtos à saúde e ao ambiente, considerando sua composição, toxicidade e reatividade, como também o	O estudante deve analisar o descarte e o uso incorreto de diferentes tipos de resíduos, suas causas e consequências, reconhecendo a importância de políticas públicas para fiscalização e intervenção nos tratamentos e destinos corretos de diferentes tipos de resíduos, desde	Radioatividade: material radioativo e raio-gama; Descarte e tratamento de resíduos nas comunidades quilombolas;	Há a possibilidade de um trabalho interdisciplinar com a Biologia e a Química e ainda a área de Ciências Humanas, em particular com a Geografia, solicitando que os estudantes façam o levantamento de evidências sobre problemas locais relacionados ao descarte inadequado de diferentes materiais, construindo colaborativamente propostas e campanhas de

<p>nível de exposição a eles, posicionando-se criticamente e propondo soluções individuais e/ou coletivas para o uso adequado desses materiais e produtos.</p>	<p>industriais e hospitalares, até os que são produzidos nas residências, além de propor soluções sustentáveis para esses problemas</p>	<p>Bioacumulação e biomagnificação trófica; Funções orgânicas; Estrutura e propriedades dos materiais; Conhecimentos medicinais das populações negras; Racismo ambiental; Agroecologia como prática de tecnologia social.</p>	<p>preservação e intervenções sustentáveis, divulgando-as com o uso de mídias e redes sociais.</p>
<p>(EM13CNT105) Analisar a ciclagem de elementos químicos no solo, na água, na atmosfera e nos seres vivos e interpretar os efeitos de fenômenos naturais e da interferência humana sobre esses ciclos, para promover ações individuais e/ou coletivas que minimizem consequências nocivas à vida nas comunidades quilombolas.</p>	<p>A habilidade prevê que os estudantes devem analisar o impacto das atividades humanas na natureza e, de forma crítica, constroem alternativas para reduzir esses impactos. Nesse sentido, conforme a BNCC, os estudantes “desenvolvem sua percepção de si e do outro em meio a vivências cotidianas, identificando o seu lugar na família, na escola e no espaço em que vivem”. Dessa forma, estabelecerão relações entre eles e a sociobiodiversidade.</p>	<p>Desmatamento; Queimadas; Ciclos da água; Recursos hídricos; Ética comunitária e valorização das técnicas de produção coletiva; Responsabilidade social.</p>	<p>Os estudantes podem, em diferentes grupos, explicar como as ações antrópicas interferem nos ciclos biogeoquímicos, com a poluição do solo, da água e do ar, além da destruição da camada de ozônio. Podem ainda fazer um paralelo com o contexto local demonstrando de que forma o efeito estufa e aquecimento global afetam as suas vidas onde vivem.</p>
<p>(EM13CHS203) Contrapor os diversos significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas como civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo e cidade/campo, entre outras.</p>	<p>O estudante, nessa habilidade, deve desenvolver a capacidade crítica de contrapor e problematizar visões dicotômicas criadas pela sociedade ocidental e como essas visões, conceitos e categorias podem reforçar estereótipos.</p>	<p>Agroecologia e agronegócio; Ocidentocentrismo; Cosmopercepção africana da terra; Oralidade e escrita Alteridade.</p>	<p>O professor pode colocar no quadro algumas visões dicotômicas como campo e cidade, urbano e rural, oral e escrito a fim de questionar as visões dos estudantes e verificar como a televisão, o cinema, a literatura, a arte e as redes sociais pode fortalecer ou desconstruir essas visões. Pode ser abordado ainda o fenômeno das Fake News que influenciam, estigmatizam, fortalecem estereótipos, descontrolam povos e culturas, sobrepondo ideias que favorecem um grupo social, econômico e político sobre o outro.</p>
<p>(EM13CNT206) Justificar a importância da preservação e conservação da biodiversidade, considerando parâmetros qualitativos e</p>	<p>Implica desenvolver nos estudantes o sentimento de pertencimento à sociedade como agente atuante e corresponsável na criação de projetos que envolvem políticas ambientais,</p>	<p>A tecnologia social no Brasil; Problemas ambientais mundiais e políticas ambientais para a</p>	<p>Utilizando-se de experimentos simples os estudantes podem realizar medições simples, como o pH, a salinidade e a turbidez da água, e comparar os dados obtidos com referências de qualidade da água no Brasil e em outros países.</p>

<p>quantitativos, e avaliar os efeitos da ação humana e das políticas ambientais para a garantia da sustentabilidade do planeta</p>	<p>ênfase na análise quantitativa e qualitativa de dados e evidências coletados para a avaliação, argumentação e tomada de decisões.</p>	<p>sustentabilidade da comunidade quilombola; Pesquisa qualitativa e quantitativa; Políticas públicas ambientais.</p>	<p>O uso de simuladores virtuais e banco de dados podem servir como contexto para o desenvolvimento da Competência Geral 5, que trata da cultura digital.</p>
<p>(EM13CNT207) identificar e analisar vulnerabilidades vinculadas aos desafios contemporâneos aos quais as juventudes estão expostas, considerando as dimensões física, psicoemocional e social, a fim de desenvolver e divulgar ações de prevenção e de promoção da saúde e do bem-estar.</p>	<p>Implica refletir sobre aspectos relacionados ao autoconhecimento e autocuidado, favorecendo que o estudante lide melhor com seu corpo para poder respeitar seus sentimentos, emoções e relações interpessoais, considerando não apenas os condicionantes internos, como os sistemas nervoso e endócrino, mas também os externos, como drogas.</p>	<p>Alimentação saudável como prática de tecnologia social; Vulnerabilidade da juventude; Drogas; Automedicação e uso excessivo de medicamentos; Vacinas; Sexualidade e puberdade; Anemia falciforme; Ações de prevenção contra o suicídio; Depressão; Racismo; Violência contra a população negra e feminicídio.</p>	<p>A temática pode ser abordada a partir de projetos e trabalhos colaborativos para a produção e divulgação de campanhas de conscientização, o que colabora com a formação integral dos estudantes e com o reconhecimento de seu papel social nos projetos de vida, aproximando-se da Competência Geral 8, com foco no autoconhecimento e autocuidado.</p>
<p>(EM13CNT301) Construir questões, elaborar hipóteses, previsões e estimativas, empregar instrumentos de medição e representar e interpretar modelos explicativos, dados e/ou resultados experimentais para construir, avaliar e justificar conclusões no enfrentamento de situações-problema sob uma perspectiva científica que melhorem a vida nas comunidades quilombolas.</p>	<p>Esta habilidade requer vivência da investigação científica, aproximando-se do percurso da ciência na construção de teorias e na construção do conhecimento científico, bem como reconhecendo a aplicação do conhecimento científico como possibilidade de transformação social na resolução de problemas.</p>	<p>Elaboração de projetos pautados em métodos científicos; Investigação científica: leitura de contexto (identificação da situação-problema na comunidade), realização de pesquisa, desenvolvimento do projeto, análise de dados e conclusões Publicação de resultados (debates,</p>	<p>Realizar experimentos simples ou usando simuladores virtuais, é necessário estimular o estudante a refletir e manipular materiais e dados, construindo procedimentos investigativos. Através de simuladores é possível explorar como um capacitor funciona! Mude o tamanho das placas e a distância entre elas. Altere a tensão e veja as cargas acumuladas nas placas. Sugestão: https://sesieducacao.com.br/brasil/simuladores.php?id=28587</p>

		seminário, feira de ciências, relatório)	
(EM13CNT309) Analisar questões socioambientais, políticas e econômicas relativas à dependência do mundo atual em relação aos recursos não renováveis e discutir a necessidade de introdução de alternativas e novas tecnologias energéticas e de materiais, comparando diferentes tipos de motores e processos de produção de novos materiais	A habilidade implica desenvolver uma visão multifacetada em relação à dependência mundial de recursos não renováveis, valorizando alternativas inovadoras e sustentáveis que abrangem aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos e ambientais.	Motor de combustão interna; Fontes alternativas e renováveis de energia; Combustíveis fósseis; Aquecimento global; Biocombustíveis; Química Verde (técnicas pautadas na ancestralidade, não utilização de agrotóxicos); Energia limpa e práticas tecnológicas sociais.	Sugere-se a construção de protótipos na resolução de situações-problema que envolvam a construção de usinas de energia, atividades industriais, desmatamento, déficit na distribuição de energia elétrica e excesso de veículos nas áreas urbanas, favorecendo a comparação da matriz energética e elétrica de diferentes países. E ainda propor um debate sobre o motor a gasolina, a álcool e o elétrico, apontando vantagens e desvantagens de cada tipo e construindo um repertório para que o estudante se posicione quanto à evolução da indústria automobilística e do transporte urbano.
(EM13CNT310) Investigar e analisar os efeitos de programas de infraestrutura e demais serviços básicos (saneamento, energia elétrica, transporte, telecomunicações, cobertura vacinal, atendimento primário à saúde e produção de alimentos, entre outros) e identificar necessidades locais e/ou regionais em relação a esses serviços, a fim de avaliar e/ou promover ações que contribuam para a melhoria na qualidade de vida e nas condições de saúde da população.	O estudante deve discutir e analisar programas de infraestrutura e serviços básicos, desenvolvendo a noção de pertencimento ao meio em que vive, favorecendo a promoção de ações que visem à melhoria da qualidade de vida da população, em especial das comunidades quilombolas.	Vivendo e habitando em região quilombola; Habitações sustentáveis; Tecnologia nas sociedades africanas; Saúde pública nas comunidades quilombolas e no Brasil; Genética; Racismo institucional; Descobertas científicas; Acesso às mídias digitais nas comunidades quilombolas; Etnomatemática; Contribuições africanas na engenharia e arquitetura	Os estudantes podem investigar nos postos ou secretarias de saúde local como onde a infraestrutura e serviços básicos da região, quais principais problemas de saúde e necessidades da população, com base nisso apresentar os resultados para a comunidade escolar e desenvolver campanhas locais visando informar e minimizar problemas, com ou sem o uso de tecnologias digitais.
(EM13CHS205) Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais,	Comparar e avaliar a ocupação do espaço, a delimitação de fronteiras e o papel dos agentes responsáveis pelas transformações. Os atores sociais, na cidade, no campo, nas zonas limítrofes,	História das técnicas agrícolas de plantio em espaço quilombola;	Mapeamento Participativo /Cartografia Social: O docente poderá propor a formação de grupos por comunidade próxima. Para esta atividade os estudantes deverão ter um caderno de campo com o objetivo de realizarem observação da paisagem, das relações sociais da dinâmica do espaço identificando os

<p>políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.</p>	<p>no interior de uma cidade, região, Estado ou mesmo entre Estados, produzem diferentes territorialidades que envolvem variados níveis de negociação e conflito, igualdade e desigualdade, inclusão e exclusão. Dada essa complexidade de relações, é prioritário levar em conta o raciocínio geográfico e estratégico, bem como o significado da história e da política na produção do espaço Essa habilidade propicia reconhecer e analisar a produção de territorialidades urbanas e rurais, levando em consideração diferentes identidades juvenis; também possibilita analisar as relações entre composição etária da população e capacidade produtiva; outro ponto importante, é que essa habilidade dá a oportunidade ao estudante de compreender a relação entre cultura juvenil e os movimentos de contestação ao longo da história humana. Assim, essa habilidade contempla a Competência Geral 6 (valorização da diversidade de saberes e vivências culturais que possibilitem ao estudante entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao Projeto de Vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade). Vejamos como cada componente da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas podem contribuir: A Geografia contribui ao abordar as transformações socioespaciais, focando nas territorialidades em disputa, no urbano e no rural, frente ao acesso a serviços, trabalho, lazer, ao tratar do desenvolvimento de formas de solidariedade e a elaboração de normas</p>	<p>Tecnologias nas comunidades quilombolas; Questões socioeconômicas em territórios quilombolas; A luta pelas terras quilombolas; Cultura e ideologia; Fronteira agrícola.</p>	<p>símbolos e signos representativos para a comunidade. Os estudantes devem realizar entrevistas estruturadas com as pessoas que moram na comunidade assim como os representantes de sindicatos, associações, organizações sociais, cooperativas, com a finalidade de observar as diferentes visões sobre o mesmo espaço/território. Posteriormente, o professor organizará oficinas com os estudantes para a construção de um mapa da comunidade onde a escola está situada e seu entorno. A partir das informações e dados coletados, o papel do professor é de provocador devendo elaborar perguntas relacionadas ao desenvolvimento da atividade que serviram de guia. Organizar previamente todo material a ser utilizado com escala precisa. Existem diversas ferramentas que podem ser utilizadas para a construção do mapa e neste momento indicaremos a Cartografia efêmera que é um método totalmente básico de elaboração de mapas e consiste em desenhá-lo no chão. Os participantes utilizam matérias-primas como gravetos, folhas e pequenas pedras para reproduzir a paisagem física e cultural. Após a realização desta atividade, o professor poderá organizar a mesma atividade convidando a comunidade local para participar proporcionando desta forma a possibilidade de os estudantes compreenderem e analisarem a visão do todo a partir do território e suas territorialidades. Pois “utiliza o mapa como centro de motivação, reflexão e redescobrimto do território num processo de consciência relacional, convidando os habitantes de um determinado território a falar sobre si mesmo e suas territorialidades” (COSTA, 2010, pg. 13). Posterior a esta ação, os estudantes poderão elaborar um documento para ser apresentado as autoridades locais. Áreas do conhecimento que podem participar dessas atividades: área de linguagens (componentes artes e língua portuguesa), área da matemática, área das ciências da natureza (componente biologia).</p>
--	---	--	---

	<p>e códigos de conduta de grupos identitários, minoritários ou excluídos, frente às normas e valores hegemônicos. A História contribui no desenvolvimento dessa habilidade ao abordar o papel dos grupos de jovens junto aos movimentos de vanguarda musical, literária e política. A Filosofia contribui através do estudo da ética e da conduta moral, analisando a complexidade e fragilidade da dualidade bem e mal. Disponível em: https://institutoeuna.org.br/projeto/base-comentada-para-o-ensino-medio/</p>		
<p>(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços e contextos</p>	<p>Espera-se que o aluno consiga analisar as diferentes relações de produção estabelecidas em contextos e culturas diferentes referente a produção, o trabalho, o capital, as relações e transformações da sociedade fazendo paralelo com as comunidades quilombolas.</p>	<p>Cooperativismo e agricultura familiar; Propriedade privada; Direito ambiental; Técnicas das comunidades quilombolas e das sociedades africanas; Exploração do trabalho.</p>	<p>O Professor pode explorar diferentes maneiras para alcançar o objetivo dessa habilidade. Pode dividir os alunos em grupos e solicitar pesquisas sobre os diferentes sujeitos, grupos, culturas distintas, transformações tecnológicas, as novas formas de trabalho, os diferentes espaços e contextos. Depois fomentar o debate de um grupo com outro e realizar a mediação de que as sociedades se articulam de formas diferentes e que essas diferenças precisam ser respeitadas e valorizadas.</p>
<p>(EM13LP26) Engajar-se na busca de solução de problemas que envolvam a coletividade, denunciando o desrespeito a direitos, organizando e/ou participando de discussões, campanhas e debates, produzindo textos reivindicatórios, normativos, dentre outras possibilidades, como forma de fomentar os princípios democráticos e uma atuação pautada pela ética da responsabilidade.</p>	<p>Conforme a BNCC, “a educação tem um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica” (p. 16). Nesse sentido, essa habilidade propõe o desenvolvimento dessas dimensões através do engajamento e do protagonismo juvenil na elaboração de soluções para situações-problema, a fim de “reverter a situação de exclusão histórica que marginaliza grupos – como os povos indígenas originários e as populações das comunidades remanescentes de quilombos e demais afrodescendentes” (p. 15-16).</p>	<p>Direitos humanos; Ata; Manifesto; Carta aberta; Moção de apoio; Nota de repúdio; Debate; Panfleto; Assembleia; Ética.</p>	<p>Os estudantes podem organizar um evento falando sobre os direitos humanos nas comunidades quilombolas com vídeos, teatros e palestras que discutam a importância das lutas nas comunidades. Podem também integrar a discussão outras comunidades tradicionais que também lutam para manter seus direitos. Ao final, podem ser discutidas soluções e atuações possíveis pautadas pela ética da responsabilidade</p>

PRÁTICAS EM CULTURA E ARTESANATO QUILOMBOLA - ENSINO MÉDIO

HABILIDADES	COMENTÁRIO	OBJETO DE CONHECIMENTO (CONTEÚDO, CONCEITOS E PROCESSOS)	POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS
<p>(EM13CHS205) Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.</p>	<p>Comparar e avaliar a ocupação do espaço, a delimitação de fronteiras e o papel dos agentes responsáveis pelas transformações. Os atores sociais, na cidade, no campo, nas zonas limítrofes, no interior de uma cidade, região, Estado ou mesmo entre Estados, produzem diferentes territorialidades que envolvem variados níveis de negociação e conflito, igualdade e desigualdade, inclusão e exclusão. Dada essa complexidade de relações, é prioritário levar em conta o raciocínio geográfico e estratégico, bem como o significado da história e da política na produção do espaço. Essa habilidade propicia reconhecer e analisar a produção de territorialidades urbanas e rurais, levando em consideração diferentes identidades juvenis; também possibilita analisar as relações entre composição etária da população e capacidade produtiva; outro ponto importante, é que essa habilidade dá a oportunidade ao estudante de compreender a relação entre cultura juvenil e os movimentos de</p>	<p>Cosmovisão das comunidades quilombolas e das sociedades africanas; Produção de biojóias; Artesanato quilombola; Representação simbólica da produção artística.</p>	<p>É possível propor aos alunos uma pesquisa sobre formas de arte ao longo do tempo e em diferentes regiões. Assim, é possível refletir sobre as dimensões culturais e artísticas dos povos e como a arte representa a identidade um povo. Ao final, o professor pode dividir a turma em pequenos grupos e a cada grupo poderá, em forma de seminário, apresentar uma manifestação cultural de uma comunidade.</p>

	contestação ao longo da história humana.		
(EM13CHS306) Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos econômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta.	Nessa habilidade o estudante deve compreender e avaliar os impactos dos diferentes modelos econômicos e refletir na organização econômica e social das comunidades no manejo e aproveitamento sustentável da natureza, aliados a arte da produção da biojóia presente nas comunidades	Introdução à economia solidária; Comercialização de artesanato; Cooperativismo em artesanato quilombola; Biopirataria; Consumismo.	O professor pode resgatar as produções artísticas em diferentes sociedades como as africanas e ameríndias relacionando com as produções locais e propor atividades práticas de estética e produção enfocando nas relações com a natureza, a sustentabilidade que possam respeitar, valorizar e realizar a promoção da consciência responsável, ética em relação ao consumo.
(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens e as gerações futuras, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.	O estudante deve refletir sobre como a arte se interliga ao trabalho e como os aspectos econômicos e geográficos podem interferir ou contribuir com a circulação das mercadorias.	Técnicas de vendas de artesanato quilombola; Concepção de trabalho nas sociedades africanas, no ocidente, no Brasil e em Mato Grosso. Visão de tempo e modo de produção nas comunidades quilombolas; Trabalho alienado e escravo; Valorização do trabalho artesanal em detrimento da produção em larga escala.	Propor debates e rodas de conversa com os alunos sobre os efeitos do trabalho e seus impactos em diferentes sociedades, com vistas a reflexão sobre os impactos do trabalho em diferentes povos e nações e também sobre os impactos da ausência dele. Pode-se também refletir sobre quais são os trabalhos desenvolvidos dentro da comunidade quilombola que o aluno vive e fazer a relação do mesmo em outras regiões do estado, do país e do planeta, mostrando o alcance e a circularidade dos produtos e mercadorias.
(EM13CHS601) Relacionar as demandas políticas, sociais e culturais de indígenas e afrodescendentes no Brasil contemporâneo aos processos históricos das Américas e ao contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual.	Pode-se refletir sobre o desenvolvimento de diferentes culturas e suas expressões artísticas relacionando como a arte manifesta, crítica e denuncia as desigualdades sociais.	Projetos experimentais de cultura e artesanato em espaço quilombola; Patrimônio material e imaterial; Poder simbólico; Violência simbólica; Produções artísticas;	Interessante estimular os alunos a participação nos movimentos que alinhem ao seu projeto de vida, bem como a reflexão sobre as lutas políticas e a inclusão de povos historicamente silenciados. Pode-se refletir sobre a liberdade, o protagonismo, o exercício da cidadania, propor criação de grêmios estudantis que vise a participação dos alunos e fortaleça a consciência crítica, autônoma e responsável para a promoção de ações que proporcione a redução das diferenças e das desigualdades na ordem econômica e social das populações indígenas e afrodescendentes no país.

<p>(EM13LP19) Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.</p>	<p>Segundo a BNCC, no ensino médio “Os estudantes devem utilizar diferentes linguagens de maneira posicionada, assumindo uma ética solidária que respeite as diferenças sociais ou individuais e promova os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global” (p. 493). A participação, portanto, em grupos, clubes e oficinas pode possibilitar o desenvolvimento da valorização das diferenças e do respeito aos Direitos Humanos.</p>	<p>Produção e comercialização de artesanato quilombola; Feiras; Oficinas de escrita; Oficinas de contação de histórias; Grupos de teatro; Grupos de dança africanas e regionais; Grupos de dança contemporânea; Música; Dança; Saraus; Literatura negro-brasileira; Literaturas africanas de língua portuguesa; Línguas africanas; Festas culturais; Identidade.</p>	<p>É possível estimular a criação de grupos de teatro, danças, escrita e música dentro da escola. O professor pode incentivar também a criação de um grêmio dentro da escola, fortalecendo o protagonismo juvenil. No entanto, é importante que o professor possibilite a atuação dos estudantes e não centralize as atividades, promovendo o engajamento dos estudantes.</p>
--	--	--	---

PRÁTICAS EM TÉCNICAS AGRÍCOLAS PARA ENSINO MÉDIO

HABILIDADES	COMENTÁRIO	OBJETO DE CONHECIMENTO (CONTÉUDO, CONCEITOS E PROCESSOS)	POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS
<p>(EM13CNT105) Analisar a ciclagem de elementos químicos no solo, na água, na atmosfera e nos seres vivos e interpretar os efeitos de fenômenos naturais e da interferência humana sobre esses ciclos, para promover ações individuais e/ou coletivas que minimizem consequências nocivas à vida.</p>	<p>Reconhecer o processo que envolve os ciclos da matéria nos ecossistemas, considerando os ciclos biogeoquímicos. E também que o estudante identifique as diferentes variáveis que impactam estes ciclos.</p>	<p>Ciclos biogeoquímicos; Poluição do solo, do ar e da água; Camada de ozônio; Equilíbrio químico; Efeito estufa e aquecimento global.</p>	<p>Os estudantes podem, em diferentes grupos, explicar como as ações antrópicas interferem nos ciclos biogeoquímicos, com a poluição do solo, da água e do ar, além da destruição da camada de ozônio. Podem ainda fazer um paralelo com o contexto local demonstrando de que forma o efeito estufa e aquecimento global afetam as suas vidas e o local onde vivem.</p>
<p>(EM13CNT203) Avaliar e prever efeitos de intervenções nos</p>	<p>Podem ser mobilizados conhecimentos conceituais</p>	<p>Visão africana bantu da natureza;</p>	<p>Com a finalidade de minimizar problemas ambientais reais, os estudantes aplicarão conhecimentos de diferentes</p>

<p>ecossistemas, nos seres vivos e no corpo humano, interpretando os mecanismos de manutenção da vida com base nos ciclos da matéria e nas transformações e transferências de energia.</p>	<p>relacionados a: biodiversidade, políticas ambientais, biomoléculas, energia e corpo humano de forma a desenvolver no estudante o processo de investigação científica.</p>	<p>Sociedade urbana capitalista; Impactos ambientais; Reações químicas;</p>	<p>componentes de Ciências da Natureza como a troca de calor, as reações químicas e desequilíbrio ambiental gerados por esses problemas. A integração com as Ciências Humanas evidencia-se na geografia, na avaliação das consequências sociais, políticas e econômicas envolvidas nos impactos ambientais. O uso de simuladores pode ser útil para prever como diferentes variáveis contribuem para problemas complexos, como o aquecimento global, o desmatamento e o efeito estufa. Os estudantes podem criar campanhas digitais através de produções audiovisuais, para sensibilizar a comunidade para os problemas ambientais e suas consequências na qualidade de vida local. Referência: http://www.consed.org.br/media/download/5d84eb6a2f407.pdf</p>
<p>(EM13CNT301) Construir questões, elaborar hipóteses, previsões e estimativas, empregar instrumentos de medição e representar e interpretar modelos explicativos, dados e/ou resultados experimentais para construir, avaliar e justificar conclusões no enfrentamento de situações-problema sob uma perspectiva científica.</p>	<p>O estudante deve, nessa habilidade, desenvolver a autonomia para elaborar soluções para situações-problema de forma a estimular seu protagonismo. Dessa forma, de acordo com a BNCC, a escola deve “viabilizar o acesso dos estudantes às bases científicas e tecnológicas dos processos de produção do mundo contemporâneo, relacionando teoria e prática – ou o conhecimento teórico à resolução de problemas da realidade social, cultural ou natural” (p. 466). Assim, nessa habilidade, o jovem deve ser o protagonista que consegue interpretar a realidade de forma crítica, atribuindo soluções para os problemas.</p>	<p>Debate; Seminário; Feira de ciências; Projeto de pesquisa; Relatório; Artigo científico.</p>	<p>Partindo da habilidade, o professor pode propor aos estudantes a resolução de um problema enfrentado pela comunidade. Nessa atividade o professor pode utilizar o filme “O menino que descobriu o vento”, mostrando com o garoto encontrou uma solução para o problema da seca na comunidade. Após a exibição do filme, o professor pode mostrar diferentes alternativas empregadas em outras comunidades que superaram situações-problema.</p>
<p>(EM13CNT302) Comunicar, para públicos variados, em diversos contextos, resultados de análises, pesquisas e/ou experimentos,</p>	<p>Nessa habilidade o estudante deverá desenvolver a comunicação e expor pesquisas e dados através das</p>	<p>Gráfico; Pesquisa quantitativa e qualitativa;</p>	<p>Considerando que a habilidade sugere o envolvimento dos estudantes frente as TDIC, o professor pode sugerir que os jovens pesquisem um aspecto da comunidade, a exemplo de alimentação ou moradia, e elaborem gráficos digitais que</p>

<p>elaborando e/ou interpretando textos, gráficos, tabelas, símbolos, códigos, sistemas de classificação e equações, por meio de diferentes linguagens, mídias, tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), de modo a participar e/ou promover debates em torno de temas científicos e/ou tecnológicos de relevância sociocultural e ambiental.</p>	<p>mídias e tecnologias. Conforme a BNCC, os jovens do Ensino Médio devem “apropriar-se das linguagens das tecnologias digitais e tornar-se fluentes em sua utilização” (p. 467). Nesse sentido, a habilidade estimula o contato com a tecnologia.</p>	<p>Tecnologias e ciências nas sociedades africanas e comunidades quilombolas; Blog; Redes sociais.</p>	<p>apresentem as informações levantadas. Os alunos podem exibir os gráficos em um blog ou site gratuito e divulga-lo nas redes sociais</p>
<p>(EM13CHS304) Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, discutindo as origens dessas práticas, e selecionar aquelas que respeitem e promovam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável.</p>	<p>Analisar os paradigmas que conformam o pensamento e os saberes de diferentes sociedades e povos, levando em consideração suas formas de apropriação da natureza, extração, transformação e comercialização de recursos naturais, suas formas de organização social e política, as relações de trabalho, os significados da produção de sua cultura material e imaterial e suas linguagens</p>	<p>Arte de plantio em espaço quilombola; Práticas africanas de trabalho; Resistência étnico-racial; Empresas privadas e instituições públicas; Ética socioambiental.</p>	<p>O Professor poderá desenvolver um projeto interdisciplinar envolvendo as áreas de Ciências Humanas Sociais Aplicadas, Ciências da Natureza e Suas Tecnologias e Matemática, a respeito da consciência e a ética socioambiental nas comunidades quilombolas.</p>
<p>(EM13CHS306) Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos econômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta.</p>	<p>Essa habilidade sugere o estudo dos diferentes modelos econômicos observando como a sustentabilidade ocorre. O estudante deve compreender e avaliar os impactos na interrelação econômica e socioambiental se não forem adotados sistemas que valorizem a agrobiodiversidade do planeta.</p>	<p>Sustentabilidade e técnicas de produção agrícola em espaço quilombola; Economia do campo e da cidade; Introdução à economia solidária.</p>	<p>Dessa forma, o professor deve propor uma discussão sobre as relações com a natureza de diferentes grupos, comunidades, povos a fim de que os estudantes reflitam, analisem e comparem diferentes manifestações sustentáveis e não sustentáveis e como elas se relacionam com diferentes modelos econômicos estimulando o respeito e a promoção da consciência responsável, ética do consumo, em diversos âmbitos.</p>
<p>(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos e classes sociais diante das</p>	<p>Mais do que compreender como vive e se organiza cada classe ou grupo social, é</p>	<p>Questões agrárias em território quilombola; Capitalismo e comunismo;</p>	<p>O professor pode trabalhar com diferentes gráficos que podem ser encontrados no site do IBGE a fim de comparar índices econômicos de diferentes regiões do Brasil. Ao final, pode</p>

<p>transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços e contextos</p>	<p>preciso estimular a análise das diferenças e convergências desses grupos, interpretando essas comunidades se relacionam. Segundo a BNCC, “O entrelaçamento entre questões sociais, culturais e individuais permite aprofundar, no Ensino Médio, a discussão sobre a ética. Para tanto, os estudantes devem dialogar sobre noções básicas como o respeito, a convivência e o bem comum em situações concretas” (p. 567). Logo, essa habilidade possibilita não apenas o estudo de diferentes comunidades, como também o respeito a elas.</p>	<p>Tecnologias nas sociedades africanas; Tecnologias nas comunidades quilombolas; Raça e racismo; Diferentes concepções de trabalho.</p>	<p>propor que os estudantes produzam gráficos relacionados às questões enfrentadas por sua comunidade (desemprego, renda, economia etc.). Os estudantes podem construir formulários para serem preenchidos pelo conjunto da escola com o objetivo de identificar com o que os seus pais dos estudantes trabalham, onde vivem, quais são as características desses lugares. Com essas informações, o professor pode mediar uma discussão crítica a respeito do trabalho em comunidades tradicionais.</p>
<p>(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.</p>	<p>Conforme consta na BNCC, “A categoria trabalho, por sua vez, comporta diferentes dimensões – filosófica, econômica, sociológica ou histórica: como virtude; como forma de produzir riqueza, de dominar e de transformar a natureza; como mercadoria; ou como forma de alienação” (p. 568). Essa habilidade, portanto, indica que o estudo sobre o trabalho deve ser feito de forma a comparar diferentes dimensões de trabalho, observando como os processos de desigualdades se efetivam e por que existem.</p>	<p>Produção e comercialização; Gráficos; Pesquisa qualitativa e quantitativa; Concentração e distribuição de renda; Latifúndio; Propriedade privada.</p>	<p>O professor pode criar uma dinâmica dividindo os estudantes em dois grupos: um deve vender a sua força de trabalho e outro será o dono dos meios de produção. Assim, pode-se discutir as diferenças entre classes sociais. Podem ser desenvolvidas atividades envolvendo as diferentes formas de trabalho em Mato Grosso. A partir do levantamento dessas formas, poderão ser apresentados gráficos com os dados.</p>
<p>(EM13CHS403) Caracterizar e analisar processos próprios da contemporaneidade, com ênfase nas transformações tecnológicas e</p>	<p>A competência 5 de Ciências Humanas e Sociais para o Ensino Médio prevê que o estudante deve "Identificar e</p>	<p>Ética; Direitos humanos; Resistências negras na diáspora;</p>	<p>Pode ser pensado um projeto interdisciplinar entre os componentes de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas que possibilite a investigação da forma de produção, comercialização, distribuição e consumo de alguns produtos</p>

<p>das relações sociais e de trabalho, para propor ações que visem à superação de situações de opressão e violação dos Direitos Humanos.</p>	<p>combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos." (p. 570). Nesse sentido, a habilidade propõe o estudo das transformações tecnológicas visando a superação dos problemas sociais, de forma ética e democrática.</p>	<p>Impasses ético-políticos.</p>	<p>de grandes corporações tecnológicas, bem como de alguns produtores da comunidade, propiciando traçar um paralelo entre a produção realizada pelas grandes corporações e um pequeno produtor. Esse projeto pode ser feito a partir da escolha de uma rede de corporações mundiais para refletir sobre os impactos territoriais, sociais, econômicos, políticos, éticos e históricos e verificar se esses impactos ocorrem da mesma forma com os pequenos produtores (agricultura familiar). Disponível em: https://institutoreuna.org.br/projeto/base-comentada-para-o-ensino-medio/ O professor deverá orientar a elaboração de um projeto em grupo com o objetivo de caracterizar e analisar os processos próprios da contemporaneidade enfatizando as transformações tecnológicas e das relações sociais de trabalho. No desenvolvimento do projeto devem estabelecer as tarefas a serem desenvolvidas em cada etapa, confiar funções e responsabilidades e deliberar critérios para avaliação dos resultados. O resultado poderá ser apresentado em Seminário junto à comunidade para um diálogo sobre o assunto e coletando a proposta dos participantes do seminário para posteriormente elaborar uma proposta de intervenção junto à Câmara dos Vereadores do município, buscando solução inclusive para as pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade.</p>
<p>(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens e as gerações futuras, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.</p>	<p>A habilidade propõe um olhar para a juventude em relação ao trabalho e a tecnologia. Dessa forma, o estudante do ensino médio deve refletir e discutir sobre os diferentes aspectos do trabalho em diferentes espaços e como a tecnologia afeta o trabalho.</p>	<p>Concepção de trabalho em sociedades africanas; Técnicas de trabalho nas comunidades quilombolas; Tecnologias nas sociedades africanas; Locais de memória.</p>	<p>Os estudantes poderão desenvolver um empreendimento solidário considerando o que produzia na/pela comunidade. Podem ser feitas linhas do tempo com as famílias das comunidades mostrando como o conhecimento é passado de geração em geração.</p>
<p>(EM13CHS601) Relacionar as demandas políticas, sociais e culturais de indígenas e afrodescendentes no Brasil</p>	<p>O aluno deve refletir de forma crítica sobre os processos históricos e sociais vividos pelas comunidades</p>	<p>A arte do cultivo do solo em espaço quilombola; Territorialização; Regulação fundiária;</p>	<p>O professor pode incentivar os alunos a refletir e relacionar os movimentos de lutas pela terra e pelo reconhecimento do seu território percebendo-se participes na luta pelos direitos e na relação dos sujeitos com a ancestralidade presente nas</p>

contemporâneo aos processos históricos das Américas e ao contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual.	tradicionais e como eles afetaram os modos de vida e a economia dessas comunidades, em especial das comunidades quilombolas.	Raça e racismo; Subalternidade; Trabalho e Colonização; Práticas de resistências na diáspora; Filosofia africana e filosofia ocidental; Espaço e sociedade; Ancestralidade.	comunidades quilombolas e que todos devem garantir a continuidade de suas tradições, religiosidades, saberes e práticas.
(EM13MAT201) Propor ações comunitárias, como as voltadas aos locais de moradia dos estudantes quilombolas, envolvendo cálculos das medidas de área, de volume, de capacidade ou de massa, adequados às demandas da região.	Nessa habilidade o estudante deve refletir sobre como os espaços de sua comunidade estão relacionados com números, portanto, a matemática se apresenta como uma possibilidade de análise da moradia da comunidade.	Agroecologia; Horta e Quintais Produtivos; Compostagem; Arquitetura nas comunidades quilombolas.	Podem ser feitos levantamentos das hortas da comunidade, buscando quais são as plantas presentes nesses quintais, quais são as propriedades dessas plantas e como é feito o plantio. Ao final, podem ser feitos cálculos sobre o número de plantas dos quintais. Esses dados podem ser sistematizados em tabelas. O professor pode propor que os estudantes verifiquem a arquitetura das casas da comunidade, analisando como as construções tradicionais rurais são feitas, fazendo medições dos telhados e terrenos. Em seguida, é possível propor a criação coletiva de uma maquete da comunidade ou uma planta (em desenho) do território, para serem expostas na feira de ciências.
(EM13LP16) Utilizar softwares de edição de textos, fotos, vídeos e áudio, além de ferramentas e ambientes colaborativos para criar textos e produções multissemióticas com finalidades diversas, explorando os recursos e efeitos disponíveis e apropriando-se de práticas colaborativas de escrita, de construção coletiva do conhecimento e de desenvolvimento de projetos.	Nessa habilidade é preciso desenvolver a relação com a tecnologia nas práticas educacionais. O estudante deve ter contato com aplicativos de edição de vídeo, de gravação de voz, entre outros a fim de colocar em circulação o conhecimento através dos recursos digitais.	Documentário; Podcast; Canal no Youtube; Varal de fotografias; Varal de desenhos; Histórias em quadrinhos; Entrevista; Jornal digital; Blog.	Os estudantes podem criar um canal no Youtube, um podcast ou um documentário com relatos e/ou entrevistas com jovens e adultos da escola que podem relatar os problemas que enfrentam no cotidiano. Assim, podem estabelecer as convergências e as diferenças entre as pessoas, verificando quais problemas elas enfrentam coletivamente e individualmente, e como superam esses problemas. A temática pode ser abordada a partir de projetos e trabalhos colaborativos, produzindo e divulgando campanhas de conscientização, dessa forma, colaborando com a formação integral dos estudantes e o reconhecimento de seu papel social nos projetos de vida.
(EM13LP26) Engajar-se na busca de solução de problemas que envolvam a coletividade, denunciando o desrespeito a direitos, organizando e/ou participando de discussões, campanhas e debates, produzindo textos reivindicatórios, normativos,	O estudante, ao longo do ensino médio, deve desenvolver a competência 3 de linguagem: “Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para	Carta aberta; Moção de apoio; Ata de assembleia; Orçamento participativo; Argumentação; Coerência e coesão; Texto dissertativo-argumentativo.	O professor pode trazer exemplos de cooperativas brasileiras ou mesmo da região, incluindo uma visita a uma cooperativa. Para finalizar a atividade, os estudantes podem criar uma cooperativa fictícia e, em conjunto, decidirem o que vão produzir e vender. Dessa forma, deverão fazer uma ata que comprove a fundação da cooperativa fictícia exercendo a coletividade nos poderes de decisão

<p>dentre outras possibilidades, como forma de fomentar os princípios democráticos e uma atuação pautada pela ética da responsabilidade.</p>	<p>se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação” (BNCC, p. 9). Portanto, é mister que o estudante construa textos, participe de discussões que envolvam a expressão de ideias que busquem a resolução de conflitos que pairam sob a sua comunidade.</p>		
--	---	--	--

QUADRO DE HABILIDADES ALTERNATIVO AO TRABALHO COM O PROJETO DE VIDA

CÓDIGO	HABILIDADE	COMENTÁRIO
EF67LP28	Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infanto-juvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.	A habilidade prevê a leitura de autobiografias. No momento em que o aluno produz a sua biografia que pode ser escrita em diversos gêneros buscando se auto conhecer, ele também terá contato com as autobiografias dos outros estudantes. Assim, pode construir empatia com outras histórias e vivências.
EF69LP07	Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação -, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc.	No momento em que o estudante escreve sobre si mesmo e seu cotidiano, o estudante elabora argumentos, escolhe palavras, revisa frases. Esse profundo processo de produção se relaciona à essa habilidade. O professor pode trabalhar o projeto de vida do aluno consoante aos gêneros textuais presentes na habilidade.
EF89EF21.1MT	Discutir as transformações históricas nos padrões de desempenho, saúde e beleza, considerando a forma como são apresentados nos diferentes meios (científico, midiático, etc.).	Ao resgatar histórias da família e/ou da comunidade, na busca por compreender o local de pertencimento, o estudante pode verificar como ocorreram as transformações ao longo do tempo: como era a vida no campo, o modo de produção, a socialização do saber, características das pessoas da comunidade e a valoração da ancestralidade.
EF09GE03	Identificar diferentes manifestações culturais de minorias étnicas como forma de compreender a multiplicidade cultural na escala mundial, defendendo o princípio do respeito às diferenças	Ao conhecer a si mesmo e sua comunidade, o estudante pode relacionar com a existência de outros povos, outras culturas e outras comunidades que também precisam ser respeitadas. Entendendo que a beleza consiste na diversidade e no respeito as diferenças.
EF06GE02	Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários.	Ao compreender a vida e resgatar a história da família, o estudante passa a compreender como se organizam as comunidades quilombolas e, assim, pode buscar formas de contribuir significativamente para o desenvolvimento das mesmas.
EF07LI14.1MT	Produzir textos diversos sobre fatos, acontecimentos e personalidades do passado do seu contexto ou de contextos globais (linha do tempo/ <i>timelines</i> , biografias, verbetes de enciclopédias, blogs)	O estudante pode construir uma linha do tempo sobre a sua vida mostrando o que já fez, as amizades, as escolhas, seu percurso escolar. Pretende-se, dessa forma, valorizar as vivências e a história do estudante.

EF09LI09.1MT	Compartilhar, com os colegas, a leitura dos textos escritos pelo grupo, valorizando os diferentes pontos de vista defendidos, sobre o futuro, com ética e respeito.	Na construção do projeto de vida, o estudante vai ter contato com os projetos de vida de outros colegas, o que permitirá a valorização e o respeito ao outro.
EF08HI23.1MT	Compreender o contexto político, econômico e cultural de Mato Grosso no século XIX e seus desdobramentos sociais e culturais.	A partir do estudo da comunidade, e como ela impacta na vida do estudante, ele pode refletir sobre as mudanças históricas e sociais em nosso Estado.
EF08HI22	Discutir o papel das culturas letradas, não letradas e das artes na produção das identidades no Brasil do século XIX.	O estudante, ao pesquisar a sua história, pode compreender que os mais velhos, muitas vezes não tiveram acesso pleno à educação formal, possuem um saber oral e ancestral que foi e é muito importante para a manutenção da comunidade.
EF07HI01	Explicar o significado de “modernidade” e suas lógicas de inclusão e exclusão, com base em uma concepção europeia.	Compreendendo as lógicas de inclusão e exclusão, o estudante reflete sobre como, muitas vezes, a história quilombola não é valorizada. Assim, pode restituir o orgulho por sua comunidade e por si mesmo.
EF07GE04	Analisar a distribuição territorial da população brasileira, considerando a diversidade étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática), assim como aspectos de renda, sexo e idade nas regiões brasileiras.	Ao buscar informações sobre a comunidade e sobre sua família, o estudante pode analisar como se formou a comunidade em que vive, respeitando a diversidade étnico-cultural existente na mesma.
EM13LGG102	Analisar visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias como forma de ampliar suas possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade.	Ao responder perguntas como quem sou, o que eu gosto, quais são as minhas habilidades e minha visão de mundo, o estudante começa a compreender que ele está inserido em uma sociedade que possui diferentes visões de mundo. Desse modo, ao compreender essas visões, consegue analisar criticamente as situações individuais e sociais.
EM13LGG202	Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), para compreender o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias.	A arte pode ser um importante espaço de expressão da subjetividade, das emoções e dos sentimentos, possibilitando, assim, o descobrimento de eu. As práticas de linguagem podem contribuir com a construção do projeto de vida do estudante.
EM13LGG203	Analisar os diálogos e conflitos entre diversidades e os processos de disputa por legitimidade nas práticas de linguagem e suas produções (artísticas, corporais e verbais), presentes na cultura local e em outras culturas.	O estudante, ao reconstituir sua genealogia e a trajetória da sua comunidade, pode compreender os processos de disputa geográficos, econômicos e/ou sociais.
EM13MAT201	Propor ações comunitárias, como as voltadas aos locais de moradia dos estudantes dentre outras, envolvendo cálculos das medidas de área, de volume, de capacidade ou de massa, adequados às demandas da região.	Um dos aspectos que o projeto de vida busca é que o estudante consiga desenvolver ações efetivas para si e para o coletivo, ou seja, para as comunidades quilombolas. Essa habilidade estimula o estudante a propor ações que contribuam com a melhora do seu espaço.
EM13CNT207	Identificar e analisar vulnerabilidades vinculadas aos desafios contemporâneos aos quais as juventudes estão expostas, considerando as dimensões física, psicoemocional e social, a fim de desenvolver e divulgar ações de prevenção e de promoção da saúde e do bem-estar.	O processo de autoconhecimento implica em um profundo mergulho no eu. Esse processo desenvolve as dimensões física, psicoemocional e social. A partir do autoconhecimento, o estudante pode atuar ajudando outros estudantes a desenvolverem o autoconhecimento e a autoestima.
EM13CHS104	Analisar objetos da cultura material e imaterial como suporte de conhecimentos, valores, crenças e práticas que singularizam diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.	O campo é um espaço rico em práticas simbólicas. No projeto de vida o aluno busca os significados de tais práticas. Dessa forma, valoriza o que já foi produzido por sua comunidade, consequentemente, por fazer parte dessa comunidade, valoriza a si mesmo.
EM13CHS206	Compreender e aplicar os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, entre outros, relacionados com o raciocínio geográfico, na análise da ocupação humana e da produção do espaço em diferentes tempos.	Ao estudar seu passado, principalmente através das histórias orais, o estudante pode compreender os movimentos humanos de migração e ocupação da terra, percebendo como a sua comunidade se organiza.

EM13CHS501	Compreender e analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a autonomia e o poder de decisão (vontade).	Ao encontrar-se com a sua ancestralidade, o estudante identifica como se constituem seus valores e passa a compreender as diferenças entre ele e o outro. O professor deve, assim, motivar o respeito a diferença e a história do outro.
EM13CHS503	Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.	O estudante, ao compreender que faz parte de uma grande rede de relações humanas, no projeto de vida pode identificar problemas sociais e propor a resolução desses problemas, encontrando propósito ao atuar na modificação da sociedade.
EM13MAT312	Resolver e elaborar problemas que envolvem o cálculo de probabilidade de eventos em experimentos aleatórios sucessivos.	O estudante pode fazer um plano de ação para que alcance uma meta desejada. Nesse plano, o estudante pode elencar os objetivos, metas, estratégias e ações. Assim, pode calcular os riscos, as probabilidades e como alcançar a meta estabelecida.
EF89EF21.3MT	Compreender os diversos paradigmas contemporâneos do ser humano e sua corporeidade, a partir das discussões sobre as questões da saúde, do lazer e do exercício físico, oportunizando a formação de hábitos e estilos de vida saudáveis.	Essa habilidade pode ser desenvolvida aliada ao projeto de vida à medida que busca ressignificar a corporeidade do ser humano. Desenvolver a consciência corporal pode ajudar o estudante a desenvolver todas as suas potencialidades.
EF06GE11.1MT	Explicar o conjunto das relações entre os seres humanos e a natureza na organização do espaço geográfico Mato-grossense.	Ao compreender a relação dos seres humanos e da natureza com o espaço, o estudante compreende como ele se relaciona com seu espaço e com a sua comunidade. Ao entender essas relações, pode desenvolver mudanças que contribuam para a melhora dessas relações.



**Elas tecem
Sem Saber
Elas tecem
Sabendo
Elas tecem
Sem querer
Elas tecem
Querendo
Elas tecem
Ao longo da vida
Elas tecem
Vivendo
Elas tecem
O fio da vida
Elas tecem
Como mães que geram suas crias
Elas tecem
Uma música suave
Elas tecem
Uma só cantiga, em uma só nota
Elas tecem
Juntas, há anos
Elas tecem
Sabedoria, experiência e ousadia
Elas tecem
Uma colcha de retalhos que vem de longa data
Elas tecem
Com amor, carinho e dedicação
Elas tecem
Com tecidos diversos, por isso a colcha é firme
e cabe sempre mais uma e mais uma
Elas tecem
E tecerão até a eternidade
Com arte, com sensibilidade e grandeza
De espíritos que vêm de longe data
Ao encontro de novos pedaços
Para se unirem
A esta colcha de retalhos
Feita de tecida com a maior emoção
Da vida
Delas.**

Elaine Marcelina - A colcha de retalho tecida por elas



SUGESTÕES

Abaixo elencamos alguns textos, livros e filmes que podem ser utilizados nas atividades escolares. Esse material pode ser trabalhado por diferentes áreas do conhecimento, mas, vale lembrar, que sugestões devem ser adaptadas ao contexto de cada escola quilombola.

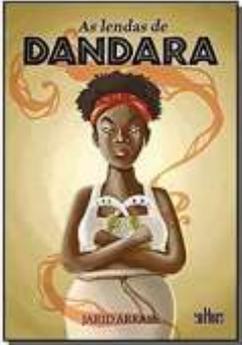
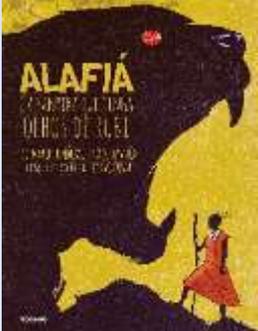
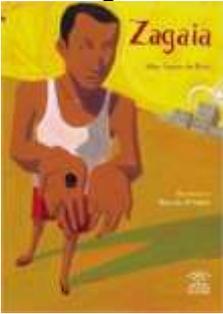
Esses textos não devem ser um pretexto para o ensino de um objeto de conhecimento. Eles devem ser utilizados como instrumento de desenvolvimento da subjetividade e da construção do sujeito. Os poemas, romances, contos, músicas e pinturas estão recheados de vozes e de significados. Precisamos explorar esse material extraindo os possíveis sentidos de cada texto e buscando como se relacionam com a história e a realidade, lincando-as às questões étnicas raciais.

A Educação Quilombola deve fortalecer as produções artísticas negras africanas e da diáspora, a fim de que as populações quilombolas fortaleçam seus laços ancestrais e identitários. Esperamos que essa lista contribua com o processo de aprendizagem, proporcionando novos significados à existência dos estudantes nas unidades escolares. Optamos por também trazer referências do nosso Estado, como forma de valorizar o que tem sido produzido aqui. Ao final, recomendamos alguns textos teóricos (livros, artigos, teses e dissertações) que podem auxiliar o professor na compreensão e aprofundamento de alguns conceitos e assuntos.

É importante salientar que as reflexões da parte diversificada da educação escolar quilombola estão, de alguma maneira, atreladas às questões raciais. Portanto, trabalhar a negritude, aliada as práticas da comunidade, deve ser uma constante na sala de aula.

Vale lembrar que colocamos apenas SUGESTÕES! Cada professor pode escolher seus próprios livros e filmes que se relacionem à parte diversificada. Nossas listas servem apenas como ponto de partida de uma reflexão que deve ser feita pelos professores de cada unidade escolar.

LIVROS LITERÁRIOS PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

TÍTULO/AUTOR	COMENTÁRIO
<p>As lendas de Dandara</p>  <p>Jarid Arraes</p>	<p>As Lendas de Dandara é um livro que mistura ficção, história e um toque de fantasia, onde são narrados dez contos sobre a guerreira quilombola Dandara dos Palmares, companheira de Zumbi dos Palmares. Escrito por Jarid Arraes e ilustrado por Aline Valek, o livro conta sobre a vida de Dandara desde o seu nascimento, explicando sua origem, suas conquistas e suas lutas.</p> <p>Disponível em: http://www.aslendasdedandara.com.br/</p>
<p>Aláfia e a pantera que tinha os olhos de Rubi</p>  <p>Marcel Tenório, Olavo Costa e Theo De Oliveira</p>	<p>A menina Alafiá vive em uma aldeia perto do mar e se diverte brincando com seu papagaio Odidé. Seu povo se alimenta de plantas, raízes e peixes crus, os seus anciãos se reúnem durante a lua cheia para contar histórias. Uma noite Alafiá se esconde atrás de um grande cesto para escutar a conversa dos mais velhos e ouviu a lenda do Grande Trovão. Um dia, a pantera-negra, encarnação do Trovão, traria um presente que mudaria o destino do mundo e uma criança de coração doce seria escolhida para recebê-lo. Os autores Marcel Tenório e Theo de Oliveira se inspiraram em uma lenda do povo congolês que explica a origem do fogo para aproximar as crianças da cultura africana. Os autores destacam a importância das lendas e mitos não apenas para explicar acontecimentos reais e sobrenaturais, como histórias que alimentam a imaginação e se transformam com o tempo. As ilustrações de Olavo Costa enriquecem a narrativa, explorando os contrastes entre o dia e a noite, assim como as transformações trazidas pelo fogo para a humanidade. Alafiá e a pantera que tinha olhos de rubi vai cativar as crianças e despertar seu interesse pelas lendas e o folclore.</p> <p>Disponível em: https://www.carrefour.com.br/Alafia-E-A-Pantera-Que-Tinha-Olhos-De-Rubi/p/MP16206493</p>
<p>Zagaia</p>  <p>Allan da Rosa</p>	<p>Zagaia é um moleque-rapaz que saiu de Minas Gerais com a família e foi viver em São Paulo. Ao chegar aqui se depara com cantos, seres e perguntas nunca imaginadas. É na cidade grande que Zagaia passa por duras provas, amadurece e alimenta o espírito com 'chás amargos' e 'frutos de casca grossa'. Para escrever Zagaia o autor utilizou-se da literatura de cordel.</p> <p>Disponível em: http://literarua.commercesuite.com.br/autores-marginais/allan-da-rosa/zagaia-allan-da-rosa</p>
<p>Diário de Bitita</p>	<p>Obra póstuma, o Diário de Bitita, apelido da menina Carolina, apresenta a singularidade de ter sido publicado primeiramente em francês, em 1982, sob o título de Journal de Bitita - resultado da decisão da autora de entregar, em 1975, seus cadernos a duas jornalistas francesas, que se deslocaram ao Brasil para entrevistá-la. O manuscrito original permanece inédito até 1986, quando a editora Nova Fronteira lança o diário, o qual comporia com Quarto de despejo (1960) e Casa de alvenaria (1961) a trilogia autobiográfica carolineana.</p>



Carolina de Jesus

Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2316-40182019000300402&script=sci_arttext

Nós matamos o cão Tinhoso!

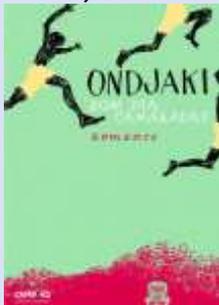


Luís Bernardo Honwana

Nós matamos o Cão Tinhoso!, da série “Vozes da África”, de Luís Bernardo Honwana, é um clássico da literatura moçambicana, lançado em 1964. É composto por sete contos emocionantes que denunciam a realidade sufocante vivida pelos trabalhadores colonizados e suas famílias durante a opressão colonial portuguesa em Moçambique, sendo a maior parte das narrativas do ponto de vista das crianças. Esta edição também traz o conto “Rosita, até morrer”, nunca antes publicado em livro.

Disponível em: <http://www.kapulana.com.br/produto/nos-matamos-o-cao-tinhoso/>

Bom dia, Camaradas



Ondjaki

Assumidamente de fundo autobiográfico, em um texto marcado pela nostalgia, Ondjaki, jovem autor angolano, nos conduz no romance Bom dia camaradas (2006), pela Luanda de sua memória, recorrendo a um autor-narrador adulto que percebe o mundo pelo olhar infantil, segundo Mia Couto, "desengaiolar sentimentos". Sob esta lente, as lembranças são orientadas pelas experiências na família, pelos "ecos" da guerra civil angolana (estão lá direta ou indiretamente indicados a MPLA, a UNITA, os "tugas" etc.) e principalmente pela experiência escolar.

Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602011000100020

A avó dezanove e o segredo do soviético



Ondjaki

A PraiaDoBispo é um bairro tranquilo de Luanda: o VelhoPescador cuida de sua rede, o VendedorDeGasolina espera um cliente que nunca chega, AvóAgnette e AvóCatarina conversam com a vizinha e ralham com os miúdos. As obras de um mausoléu, porém, transformam e ameaçam o cotidiano: soldados soviéticos comandam os trabalhos de construção do monumento, e o projeto de revitalização do local ameaça desalojar os moradores. As crianças da PraiaDoBispo assistem a tudo com seus olhos inocentes mas agudos, e divertem-se com as brincadeiras de rua e com a presença extravagante dos estrangeiros.

Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=12719>

A bicicleta que tinha bigodes



Ondjaki

Esse livro é um verdadeiro abraço de amizade e de solidariedade. A Rádio Nacional de Angola promove um concurso e oferece como grande prêmio uma bicicleta para a criança que escrever a melhor história. Esse é o pano de fundo para a ficção emocionante de Ondjaki, que nos remete à fantasia presente na infância – amizade, ternura, descobertas –, mas também ao reflexo nas crianças do processo político do país. Nos damos conta, entre outras tantas coisas, que a busca por algo pode ser mais valiosa que a própria conquista. E que viver boas histórias pode ser tão, ou mais emocionante, que saber inventá-las.

Disponível em: http://www.pallaseditora.com.br/produto/A_bicicleta_que_tinha_bigodes/234/

Cabelo ruim?



Neusa Baptista

A primeira obra infantojuvenil da autora conta a história de três meninas negras que sofrem preconceito devido ao cabelo crespo, mas que, aos poucos, aprendem a gostar e se orgulharem de seus penteados. Assim, a escritora discute os valores de beleza tradicionais e busca a admiração da estética negra desde a infância.

Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/estudante/ensino_educacaobasica/2012/11/20/ensino_educacaobasica_interna,334830/autora-debate-preconceito-a-cabelos-crespos-em-livro-infantojuvenil.shtml

Meu crespo é de rainha

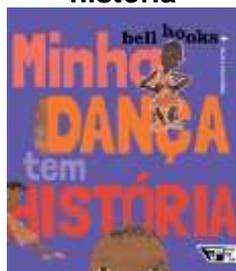


Bell Hooks

Político sem ser panfletário e com uma linguagem simples e afetuosa no texto e nas imagens, o livro aproxima das crianças negras e não negras uma reflexão fundamental: a busca pela identidade em um mundo em que a diversidade é tão pouco valorizada. Com ilustrações de Chris Raschka e tradução da poeta Nina Rizzi, o livro é apresentado na forma de um poema rimado que são uma ode à liberdade. “Cachinhos, crespinhos, birotos, coquinhos. Ou quem sabe um turbante. Todas as meninas brincando livres”.

Disponível em: <https://lunetas.com.br/meu-crespo-e-de-rainha/>

Minha dança tem história

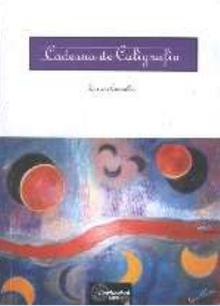
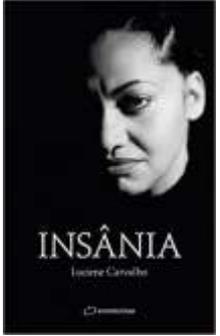
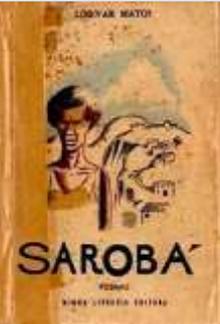


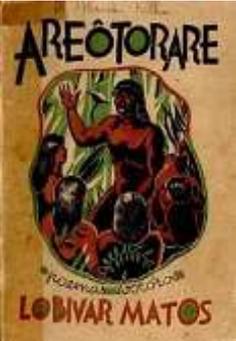
Bell Hooks

Bell Hooks traz uma história vibrante que capta a energia do que é ser um menino dentro da cultura do hip-hop. Mostrando de forma sensível todas as contradições que permeiam a vida dos pequenos em busca da própria masculinidade, a autora amplia o leque de possibilidades para o que significa ser um menino”, publica a editora Boitá.

Disponível em: <https://lunetas.com.br/minha-danca-tem-historia/>

LIVROS LITERÁRIOS PARA O ENSINO MÉDIO

TÍTULO/AUTOR	COMENTÁRIO
<p>Dona</p>  <p>Luciene Carvalho</p>	<p>Ao assim fazer a poeta joga para o leitor as perguntas: qual é a ideia de corpo que permeia nossa relação com a vida, suas dores, amores e prazeres? O que significam juventude e velhice do ponto de vista do corpo considerado como capacidade de afetar e ser afetado? O que acontece quando dois ou mais corpos se encontram? Essas perguntas partem do pressuposto que os corpos não se definem do ponto de vista de sua essência e sim do ponto de vista de sua potência.</p> <p>Disponível em: https://pensarcultura.com.br/escritora-luciene-carvalho-lanca-a-obra-dona-no-sesc-arsenal/</p>
<p>Caderno de Caligrafia</p>  <p>Luciene Carvalho</p>	<p>Em Caderno de Caligrafia, livro de poemas publicado em 2003, a partir de uma personalidade fluida, polivalente e multifacetada, o eu lírico desconstrói as bases históricas que por muito tempo motivaram o discurso de sua submissão. Por outro lado, para empreender essa desconstrução de estereótipos, foi preciso que antes ressignificasse seus próprios paradigmas autorizantes, foi preciso que se fizesse desmoronar para enfim projetar-se como sujeito no mundo.</p> <p>Disponível em: http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2491/pdf_78</p>
<p>Insânia</p>  <p>Luciene Carvalho</p>	<p>Em Insânia, a poeta Luciene Carvalho propõe um novo olhar para a 'loucura', e se desnuda, expondo a própria história com episódios psiquiátricos e a luta para controlá-los. O fio condutor deste livro é um conjunto de poemas escritos quando a autora estava internada e sedada em hospital psiquiátrico, logo após um surto diagnosticado como transtorno afetivo bipolar de humor. Para ampliar a dimensão da discussão e registrar sua visão sobre o tema, Luciene apresenta as cartas que escreveu à sua psiquiatra e as respostas que recebeu. O resultado da sua proposição poética desperta além das emoções e interessa a todos que se deprimem e sofrem para sobreviver ao cotidiano de uma sociedade completamente perdida no caminho – em busca da felicidade.</p> <p>Disponível em: http://www.entrelinhaseditora.com.br/produtos/autor.asp?id=71&autor=luciene_carvalho</p>
<p>Sarobá</p>  <p>Lobivar Matos</p>	<p>(...) Sarobá (1936), foi publicado pela Minha Livraria Editora, do Rio de Janeiro. Na introdução dessa obra, Lobivar explica que Sarobá é “a macha negra bulindo na cidade mais branca do mundo” (1936, p. 6). Este livro contém 30 poemas, dentre eles o poema homônimo que abre o livro. Explicado pelo poeta, Sarobá representa um bairro de negros existente na cidade de Corumbá do começo do século XX.</p> <p>Disponível em: https://www.todasasmusas.com.br/09Juliano_Antunes.pdf</p>

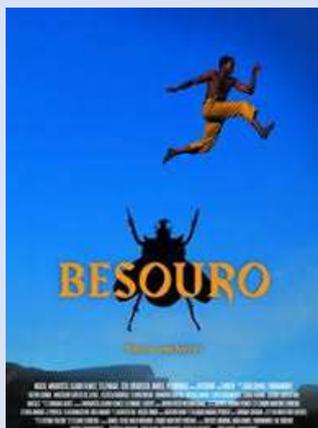
<p>Areotorare</p>  <p>Lobivar Matos</p>	<p>Areôtorare, subtintulada “poemas boróros”. Areôtorare significa, na cultura indígena dos bororos, “o índio sábio da tribo”. Esse livro possui vinte e nove poemas dentre os quais se destaca “Destino do Poeta Desconhecido”.</p> <p>Disponível em: https://www.todasasmusas.com.br/09Juliano_Antunes.pdf</p>
<p>Quarto de despejo</p>  <p>Carolina de Jesus</p>	<p>Quarto de despejo tem sido alvo de contestações por diferentes gerações de leitores. Nos primeiros meses de seu lançamento, o livro foi ovacionado por seu conteúdo inédito e, em especial, pela marca pessoal de que era investido: a escrita original de uma mulher, negra, de escolaridade regular mínima e moradora da favela que era exposta nas páginas do diário. Tão inusitada era a força expressiva daquele texto que, durante muito tempo, o editor dos manuscritos, o jornalista Audálio Dantas, foi acusado de ter forjado o diário. O debate em torno dos problemas levantados por Carolina de Jesus grassou rapidamente na imprensa da época, o livro recebeu quatorze traduções ainda na década de 1960, mas, em contrapartida, a leitura do diário foi proibida por pais zelosos de preservar o espírito dos filhos de conteúdo tão incendiário.</p> <p>Disponível em: file:///C:/Users/03632147124/Downloads/Dialnet-APropostaEsteticaEmQuartoDeDespejoDeCarolinaDeJesu-5821925.pdf</p>
<p>Karingana ua Karingana</p> 	<p>Esta obra foi originalmente publicada em 1974, um ano antes da libertação de Moçambique. (...) A expressão <i>karingana ua karingana</i> é um termo que inicia os contos orais e assemelha-se a expressão ocidental “era uma vez”. (...) O resgate das tradições orais, que se expressa tanto no título da obra quanto ao longo dos poemas, reflete o engajamento poético e político do poeta-militante que atuou nas lutas pela independência do país e fez parte da FRELIMO. A militância e o desejo pela construção de uma nova sociedade estarão entre os temas de seus poemas.</p> <p>Disponível em: https://ri.ufmt.br/bitstream/1/347/1/DISS_2014_Luana%20Soares%20de%20Souza.pdf</p>
<p>Sangue Negro</p>  <p>Noémia de Sousa</p>	<p>Sangue negro, único livro de Noémia de Sousa, chamada “Mãe dos poetas moçambicanos”, é composto por 46 poemas, escritos entre 1948 e 1951, que representam a resistência da mulher africana e dos povos da África.</p> <p>Disponível em: http://www.kapulana.com.br/produto/sangue-negro/</p>
<p>Contos escolhidos</p> 	<p>A forma literária à qual melhor se adaptou o gênio criador de Machado de Assis foi, sem dúvida alguma, o conto. Este volume reúne alguns dos principais contos de sua vasta produção. Eles retratam a sociedade brasileira daquela época (séc. XIX), mostrando ao leitor os costumes e pensamentos de uma sociedade — contradição, inveja, ciúme, traição.</p> <p>Disponível em: https://www.travessa.com.br/contos-escolhidos-1-ed-2012/artigo/ffa4feac-e338-4e01-ac31-d21e7a5080d1</p>

<p>Machado de Assis Sagrada Esperança</p>  <p>Agostinho Neto</p>	<p>O mais icônico livro de Agostinho Neto também é uma referência para as literaturas africanas de língua portuguesa daquele período, pois tratou de temas específicos à época e produziu imagens e cenários bastante realistas como os criados no poema “Sábado nos musseques”, por exemplo. Além disso, “Sagrada Esperança” ainda traz um sujeito poético bastante comprometido com a humanidade das ações e dos pensamentos, tendo o modelo colonial como paradigma negativo, mas sempre afirmando tais convicções pelo viés racial que aquele processo de dominação colonial havia intensificado na primeira metade do século XX.</p> <p>Disponível em: https://conselhodeclasse.com/agostinho-neto-e-uma-sagrada-esperanca/</p>
<p>As andorinhas</p>  <p>Paulina Chiziane</p>	<p>Em As Andorinhas a escritora moçambicana Paulina Chiziane (2009) convida para seu texto, narrativas de tradição oral que circulam em diferentes espaços e tempos. As Andorinhas, obra constituída de três contos, sendo o primeiro “Quem manda aqui?”, “Maundlane, o Criador” e “Mutola”. O livro é dedicado à memória de Ricardo Chiziane e conta, ao final, com um pequeno glossário com termos da cultura Chope.</p> <p>Disponível em: http://circuitomt.com.br/editorias/artigos/130026-as-andorinhas-de-paulina-chiziane.html</p>
<p>Olhos d’água</p>  <p>Conceição Evaristo</p>	<p>Desigualdade social é um tema comum na literatura brasileira, mas na maioria das vezes o assunto é retratado sob a ótica de homens, principalmente brancos. Em busca de maior representatividade no mercado literário, mulheres têm conquistado mais espaço nas livrarias e ganhado mais voz nas histórias. Uma das autoras que quebram esse padrão na literatura é Conceição Evaristo, que recentemente anunciou que vai se candidatar à Academia Brasileira de Letras (ABL). Em Olhos d’água, lançado em 2014, a escritora reúne 15 contos que evidenciam a violência urbana que atinge negras. Nas histórias, a autora expõe o cotidiano de mulheres que sofrem com a miséria e a exclusão social.</p> <p>Disponível em: https://blog.estantevirtual.com.br/2018/05/30/resenha-a-sensibilidade-de-conceicao-evaristo-em-olhos-daqua/</p>
<p>Não vou mais lavar os pratos</p>  <p>Cristiane Sobral</p>	<p>Os poemas que compõem Não vou mais lavar os pratos tratam de assuntos sérios e que devem ser urgentemente abordados. Há a relação com a negritude, o racismo, a maternidade, a escravidão, a liberdade e o ser mulher. Mas não apenas isso e não de uma forma simples, banal. A escrita poética de Sobral dilacera e fere, não se guardando para um meio puritano ou querendo abafar o medo e a verdade.</p> <p>Disponível em: https://sonhandoatravesdepalavras.com.br/2019/10/18/resenha-nao-vou-mais-lavar-os-pratos-cristiane-sobral/</p>
<p>Tudo nela brilha e queima</p>	<p>Livro de estreia de Ryane Leão, mulher negra, poeta e professora, criadora do projeto onde jazz meu coração, com mais de 150 mil seguidores nas redes.</p> <p>“a poesia é minha chance de ser eu mesma diante de um mundo que tanto me silencia. é minha vez de ser crua. minha arma de combate. nossa voz ecoada. nossa dor transformada. nela eu falo sobre amor, desapego, rotina, as cidades que nos atravessam, os socos no estômago que a vida dá, o coração desenfreado, a pulsação que guia as estradas, os recomeços, os dias, as noites, as madrugadas, os fins, os jeitos que a gente dá, as</p>

 <p>Ryane Leão Reza de mãe</p>	<p>transições, os discos, os tropeços, as partidas, as contrapartidas, os pés firmes que insistem em voar, e tudo isso que é maluco e lindo e nos faz ser quem somos.” - Ryane Leão</p> <p>Disponível em: https://loja.taglivros.com/livro-tudo-nela-brilha-e-queima-ryane-leao</p>
 <p>Allan da Rosa</p>	<p>Os contos enfeitados no livro assomam diante de nós uma impressionante versatilidade, que abarca desde poemas narrativos como o conto que dá título ao livro, a fábulas anímicas como “O Barco”. Os estilhaços cotidianos vazam dos lábios dos personagens, que muitas vezes têm o boletim de ocorrência na pele e no CEP, sejam frutos da opressão policial em “O Iludido”, do tratamento dado às esposas, mães e amásias na visita dominical ao presídio, como em “Três Cocorinhas”, ou ainda do atavismo da história de vingança contra os barões escravocratas e suas madames de vestido de cambraia e casimira branca em “Costas Lanhadas”.</p> <p>Disponível em: https://www.geledes.org.br/lancamento-de-reza-de-mae-contos-de-allan-da-rosa/</p>

LISTA DE FILMES E DOCUMENTÁRIOS	
TÍTULO	COMENTÁRIO
 <p>TIA CIATA</p>	<p>Nascida na Bahia em 1854, a jovem Ciata chegou ao Rio de Janeiro devido ao movimento conhecido como diáspora baiana. Fez história na Praça XI como líder comunitária, religiosa e empreendedora, juntamente com outras tias baianas. Chamada de Pequena África, a casa de Tia Ciata foi verdadeiro núcleo de resistência cultural, servindo de polo de integração de vários grupos que difundiam e mesclavam ritmos e costumes, afirmando a presença da diversidade e riqueza da cultura negra, sendo o lugar responsável pelo desenvolvimento e consolidação do samba no Brasil.</p> <p>Disponível em: https://mundonegro.inf.br/tia-ciata-estreia-no-encontro-de-cinema-negro-zozimo-bulbul-brasil-africa-e-caribe/</p>

BESOURO***



Besouro é um filme brasileiro que conta a vida de Besouro Mangangá (Ailton Carmo), um capoeirista brasileiro da década de 1920, a quem eram atribuídos feitos heroicos e lendários. A escravidão foi abolida. Mas o preconceito fez com que os negros fossem tratados como escravos para ganhar um pouco de dinheiro para sobreviver. A palavra capoeirista assombrava homens e mulheres, mas o velho escravo Tio Alípio nutria grande admiração pelo filho de João Grosso e Maria Haifa. Era o menino Manoel Henrique que, desde cedo aprendeu, com o Mestre Alípio, os segredos da Capoeira na Rua do Trapiche de Baixo, em Santo Amaro da Purificação, sendo batizado com Besouro Mangangá por causa da sua flexibilidade e facilidade de desaparecer quando a hora era para tal.

Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Besouro_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Besouro_(filme)) acesso em: 20/03/2020

O PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA



O que sabemos sobre outras pessoas? Como criamos a imagem que temos de cada povo? Nosso conhecimento é construído pelas histórias que escutamos, e quanto maior for o número de narrativas diversas, mais completa será nossa compreensão sobre determinado assunto. É propondo essa ideia, de diversificarmos as fontes do conhecimento e sermos cautelosos ao ouvir somente uma versão da história, que Chimamanda Ngozi Adichie constrói a palestra (...)

Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=14734> acesso em: 20/03/2020

KIRIKU



Kiriku (ou Kirikou) conta a história de um recém-nascido superdotado que sabe falar, andar e correr. Ele é o salvador de sua aldeia, ameaçada pela feiticeira Karabá. A criança é bem pequena e nem sequer chega aos joelhos de um adulto, mas a sua coragem parece ser maior do que a de todos os adultos juntos.

Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/kiriku-a-lenda-do-bebe-guerreiro-que-salvou-a-aldeia-da-feiticeira> acesso em: 20/03/2020

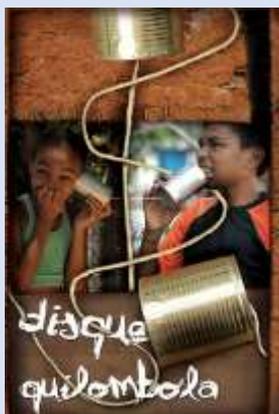
12 ANOS DE ESCRAVIDÃO***



O filme “12 Anos de Escravidão” é baseado na história real de Solomon Northup, um homem negro nascido livre no norte dos Estados Unidos que lutou arduamente durante mais de uma década pela sobrevivência e pela liberdade. A história se passa em 1841, época pré-Guerra Civil (1861-1865) e portanto alguns anos antes da abolição oficial da escravatura no país.

Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/12-anos-de-escravidao-saiba-como-utilizar-o-filme-no-vestibular/> acesso 20/03/2020

DISQUE QUILOMBO



Crianças do Espírito Santo conversam de um jeito divertido sobre como é a vida em uma comunidade quilombola e em um morro na cidade de Vitória. Por meio de uma genuína brincadeira infantil, os dois grupos falam de suas raízes e desvelam o quanto a infância tem mais semelhanças do que diferenças.

Disponível em: <https://www.videocamp.com/pt/movies/disque-quilombola/> acesso em: 20/03/2020

O PAPEL E O MAR



O filme narra o encontro imaginário entre João Cândido, líder da Revolta da Chibata, e a catadora de papel e escritora Carolina Maria de Jesus, autora do livro Quarto de Despejo, em pleno centro do Rio de Janeiro.

Disponível em: http://focusportalcultural.blogspot.com/2015/12/o-papel-e-o-mar-um-filme-de-luiz_27.html acesso em: 20/03/2020

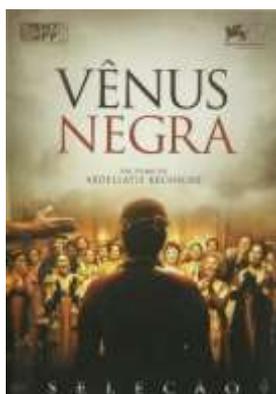
NEGRITUDES BRASILEIRAS



O documentário Negritudes Brasileiras foi produzido em 2018 e procura explicar, por meio de homens e mulheres, negros e especialistas, a descoberta da identidade negra no Brasil.

Disponível em: <https://www.ufn.edu.br/site/detalhes-noticia/psicocine-realiza-debate-sobre-racismo-a-partir-de-documentario> acesso em: 20/03/2020

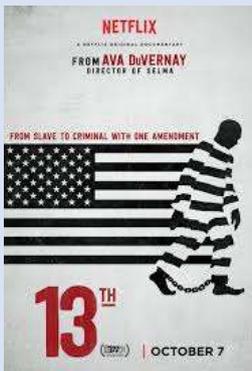
VENUS NEGRA***



O filme conta a história de Saartjie Baartman, uma mulher sul-africana da etnia hotentote, que deixa a África do Sul rumo à Europa, acompanhada por Caezar, seu mestre. Caezar promete a Saartjie um emprego fixo em um circo, onde ela facilmente ficaria rica, mas na verdade ela vê-se obrigada a exibir seu corpo para curiosos em Londres. Devido à sua aparência e seus traços corporais de uma hotentote, Saartjie é vista como uma mulher exótica pelos europeus.

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%A9nus_noire acesso em: 20/03/2020

13ª EMENDA***

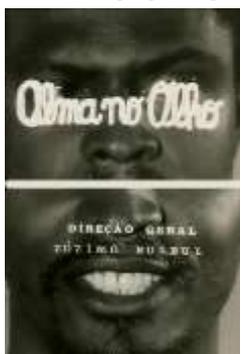


O longa examina os estágios da construção histórica do preconceito e aponta como a formulação racista contribuiu para associar os negros ao mundo do crime e, por consequência, cancelar o aprisionamento deles nas cadeias cada vez em maior quantidade através de um processo de encarceramento em massa. A tese de engorda dos presídios embasa a referência, no título do filme, à 13ª emenda da Constituição norte-americana, por meio da qual ninguém pode ser submetido à escravidão ou ao trabalho forçado, “salvo como punição de um crime”.

Disponível em:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/10/24/interna_diversao_arte,554406/documentario-a-13-emenda-mostra-as-consequencias-da-escravidao-nos.shtml acesso em 20/03/2020

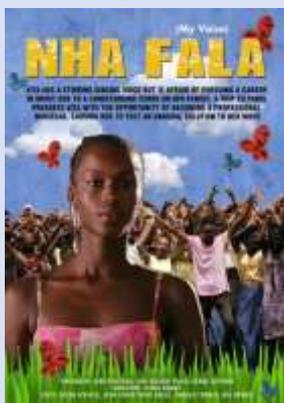
ALMA NO OLHO***



Metáfora sobre a escravidão e a busca da liberdade através da transformação interna do ser, num jogo de imagens de inspiração concretista.

Disponível em: http://portacurtas.org.br/filme/?name=alma_no_olho acesso em: 20/03/2020

NHA FALA



O filme *Nha fala* (2002), uma comédia-musical, do cineasta Flora Gomes, narra parte da história de Vita, uma jovem guineense, que carrega uma maldição familiar, que proíbe que as mulheres de sua família cantem e, caso essa lei seja descumprida, elas morrerão. No entanto, ao viajar para estudar na França e apaixonar-se por Pierre, canta, conhece o sucesso e resolve voltar para a Guiné-Bissau, para realizar o seu próprio funeral.

Disponível

em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/4986> acesso em: 20/03/2020

DOCUMENTÁRIO: A SÚSSIA



Ao som de caixas, pandeiros e bumbos, mulheres e homens de todas as idades cantam, tocam, batem palmas, dançam, recriam as tradições e recontam sua própria história na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra.

Disponível em: <https://mimofestival.com/brasil/filme/a-sussia/> acesso em: 20/03/2020

NARRADORES DE JAVÉ

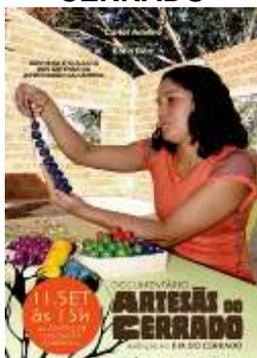
Narradores de Javé, um filme sobre memória, História e exclusão. O longa, dirigido por Eliane Caffé, reúne tantos elementos interessantes para discussão, que é difícil eleger os que devem ocupar o espaço de uma resenha. Além disso, os oito prêmios recebidos pelo filme apontam a qualidade com que foram abordados esses elementos. Muitos temas relacionados com a História estão presentes: a história oral, a oficial, sua



cientificidade, o limiar com a literatura, o vídeo e o próprio cinema, diferentes suportes para a História, diferentes olhares e intercâmbios, a busca de uma "verdade", teoria e método. Esse segundo filme da cineasta (o primeiro foi Kenoma-1998), trata de um povoado fictício (Javé), que está prestes a ser inundado para a construção de uma hidrelétrica. Para mudar esse rumo, os moradores de Javé resolvem escrever sua história e tentar transformar o local em patrimônio histórico a ser preservado. O único adulto alfabetizado de Javé, Antônio Biá (José Dumont) é o incumbido de recuperar a história e transpor para o papel de forma "científica" as memórias dos moradores.

Disponível em: <http://www.comciencia.br/dossies-1-72/resenhas/memoria/narradores.htm> em: 20/03/2020

DOCUMENTÁRIO: ARTESÃS DO CERRADO



De 2005 para cá, o trabalho desenvolvido pelas artesãs da Associação Caliandra tem encantado o mundo. As peças em capim-dourado e sementes nativas do cerrado ganharam design diferenciado despertando novos olhares. O que antes servia apenas de comida e refúgio para animais, agora é cuidadosamente coletado, armazenado e transformado em biojóia. Hoje, as veredas são a principal alternativa de renda das artesãs do Assentamento Rio de Ondas em Luís Eduardo Magalhães, e cenário do documentário "Artesãs do Cerrado", dirigido pelo produtor de vídeo, Carlos Adelino Loiola Rosa, que há 12 reside no oeste e pela jornalista, Cátia Andreia Dörr, roteirista do curta-metragem.

Disponível em: <https://www.falabarreiras.com/sem-categoria/documentario-retrata-trabalho-sustentavel-desenvolvido-em-luis-eduardo-magalhaes//acesso> em: 20/03/2020

DOCUMENTÁRIO: VALE DOS QUILOMBOS



A região do Vale do Ribeira concentra a maior parte do que restou de Mata Atlântica no país. Em seu interior vivem várias comunidades de povos tradicionais. São indígenas, caiçaras, quilombolas e pequenos agricultores tradicionais. A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 68, garantiu a propriedade da terra ocupada pelas comunidades quilombolas. No entanto, de 1988 até hoje poucas comunidades no Brasil receberam o título de propriedade de suas terras. Este documentário conta um pouco da luta dos quilombolas na região do Vale do Ribeira, uma história que começou há mais de trezentos anos.

Disponível em: <https://www.videocamp.com/pt/movies/o-vale-dos-quilombos> /acesso em: 20/03/2020

DOCUMENTÁRIO: SEMENTES DA EDUCAÇÃO

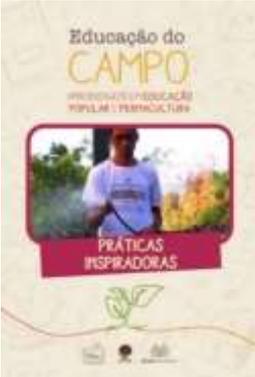
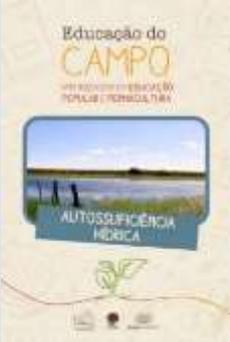


Este episódio irá visitar a escola Janela localizada na Chapada dos Veadeiros, em Cavalcante (GO). Preocupada em repensar o papel da educação, a escola propõe o diálogo e o trabalho comunitário como meio de construir uma nova educação adequada às necessidades dos alunos.

Disponível em: <https://www.videocamp.com/pt/movies/ep-12-sementes-da-educacao-escola-janela> /acesso em: 20/03/2020

SER TÃO RESISTENTE

Três mulheres que combatem o machismo. Larissa é uma jovem quilombola simpática e aventureira. Raimunda Inês é líder comunitária e ocupou e

	<p>conquistou a terra onde mora. Isabel é a mais experiente e faz poesias e dança forró todos os sábados.</p> <p>Disponível em: https://www.videocamp.com/pt/movies/sertao-resistente/acesso em: 20/03/2020</p>
<p>DOCUMENTÁRIO: EP. 5 - EDUCAÇÃO DO CAMPO: PRÁTICAS INSPIRADORAS</p> 	<p>Criada pelo CPCD e produzida pelo Canal Sempre, com apoio da Brazil Foundation, a série Educação no Campo é dedicada aos jovens estudantes do campo e às suas comunidades. O último episódio é dedicado a um exemplo que merece ser conhecido: a caminhada da Casa Familiar Rural Josino Tavares, que fica em Bom Jesus das Selvas, no Maranhão, na direção de ser um “centro de excelência”. Inspirados por eles, mostramos propostas que fazemos para que toda escola do campo possa implementar para ser um ponto luminoso vibrante para suas comunidades.</p> <p>Disponível em: https://www.videocamp.com/pt/movies/serie-educacao-do-campo-episodio-5-praticas-inspiradoras/acesso em: 20/03/2020</p>
<p>DOCUMENTÁRIO: EP. 6 - AUTOSSUFICIÊNCIA HÍDRICA</p> 	<p>Este episódio traz tecnologias que servem para usar de modo eficiente, reusar, armazenar, purificar e até monitorar a água. Afinal, água de qualidade é ouro! Tecnologias como a cisterna de placas, o cercamento de nascentes, tecnologias de monitoramento e de melhoria de qualidade da água para consumo e até técnicas produtivas que aproveitam literalmente cada gota de água disponível estão presentes aqui.</p> <p>Disponível em: https://www.videocamp.com/pt/movies/serie-educacao-do-campo-episodio-4-autossuficiencia-hidrica/acesso em: 20/03/2020</p>
<p>GESTOS DO CHÃO</p> 	<p>Gestos do Chão discute a relação do elemento terra com o corpo e a imaginação da criança. A partir de depoimentos de um permaculturista, um arquiteto e um coreógrafo, o filme aborda como a paisagem, a matéria e o gesto do brincar fundamentam na criança noções matriciais de pertencimento e identidade.</p> <p>Disponível em: https://www.videocamp.com/pt/movies/gestos-do-chao/acesso em: 20/03/2020</p>
<p>AGRICULTURA TAMANHO FAMÍLIA</p>	<p>Em nosso país, dos quase 5 milhões de estabelecimentos rurais, 4,5 milhões são ocupados por um outro tipo de agricultura: a agricultura familiar, que utiliza estratégias de produção que respeitam o meio ambiente e produzem a maior parte do alimento que chega à mesa dos brasileiros. O filme mostra as diversas formas de agricultura familiar e o quanto ela cria e impulsiona a cultura, a produção, as relações sociais e os afetos no interior brasileiro. Agricultura familiar é a afirmação da vida no campo. Agricultura Tamanho Família revela que o agronegócio não é a única modalidade de</p>



produção existente no campo, nem é o mais importante para o abastecimento interno e a garantia da segurança e soberania alimentar do povo brasileiro.

Disponível em: <https://www.videocamp.com/pt/movies/agricultura-tamanho-familia> /acesso em: 20/03/2020

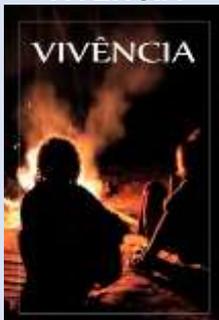
PARA ONDE FORAM AS ANDORINHAS?



O clima está mudando, o calor aumentando. Os índios do Xingu observam os sinais que estão por toda parte. Árvores não florescem mais, o fogo se alastra queimando a floresta, cigarras não cantam mais anunciando a chuva porque o calor cozinhou seus ovos. Os frutos da roça estão se estragando antes de crescer. Ao olhar os efeitos devastadores dessas mudanças, eles se perguntam como será o futuro de seus netos.

Disponível em: <https://www.videocamp.com/pt/movies/para-onde-foram-as-andorinhas>/acesso em: 20/03/2020

VIVÊNCIA



Uma casa é construída coletivamente utilizando materiais naturais. As donas da casa participam dessa grande descoberta e do mergulho nesse universo de Bio construção e Permacultura, que vai além do processo de construção e se estende para a alimentação, os rituais de relaxamento, a troca entre as pessoas, a relação de trabalho e conexão com o interior e o exterior de cada uma ali.

Disponível em: <https://www.videocamp.com/pt/movies/vivencia>/acesso em: 20/03/2020

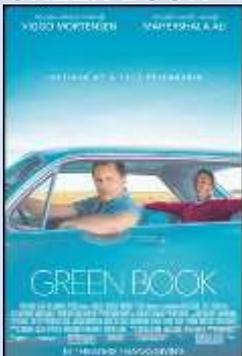
ESTRELAS ALÉM DO TEMPO



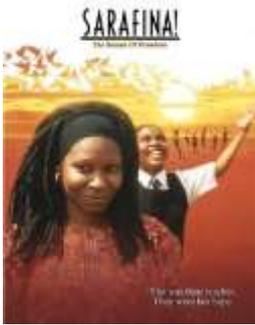
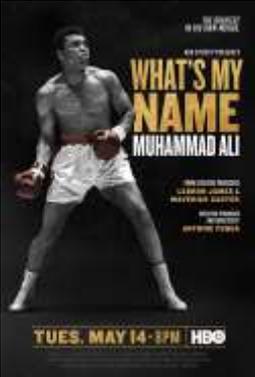
O drama conta a trajetória de transformação e inovação de três negras que, na época da guerra fria, ajudaram os Estados Unidos a levar o homem para o espaço. O tema central do filme traz a quebra de barreiras que elas enfrentaram bravamente contra o machismo e o preconceito racial daquela época, na década de 1960. Conhecidas como “computadores humanos”, Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson foram as responsáveis pelos cálculos que levaram o astronauta John Glenn a orbitar em redor da Terra, em 1962. A contribuição de cada uma delas foi fundamental na corrida espacial americana. É impossível assistir ao filme e não admirar a garra e a força de vontade dessas mulheres em vencer os desafios que encontravam todos os dias no trabalho.

Disponível em: <https://www.hsm.com.br/3-licoes-para-aprender-com-o-filme-estrelas-alem-do-tempo>/acesso em: 20/03/2020

GREEN BOOK***



A trama se passa em 1962, quando Tony Lip (Viggo Mortensen), um dos maiores fanfarrões de Nova York, precisa de trabalho após sua discoteca fechar as portas. É quando conhece Dr. Don Shirley (Mahershala Ali), um pianista que lhe dá a oportunidade de ser seu motorista durante uma turnê. Enquanto os dois se chocam no início, um vínculo bonito e sincero cresce à medida que eles viajam. Desde o início até a última cena, entre algumas situações superficiais e outras mais agressivas, o longa percorre sobre o preconceito dos anos 60, quando os afro-americanos que viajavam ao Sul dos Estados Unidos corriam risco de apanhar ou morrer. É época em que os banheiros também eram separados e os restaurantes limitavam o acesso entre brancos e "pessoas de cor". Assim, para evitar a humilhação dos afro-americanos, o carteiro Victor Hugo Green criou o Green Book (Livro Verde), livro que listava restaurantes e hotéis onde eram bem-vindos. É com um

	<p>desses livros em mãos que Tony aceita o trabalho e confronta e, confrontando o racismo e o perigo, nos faz refletir sobre questões importantes até os dias de hoje.</p> <p>Disponível em: https://www.guiadasemana.com.br/cinema/galeria/motivos-para-assistir-ao-filme-green-book-o-guia/acesso em: 20/03/2020</p>
<p>SARAFINA</p> 	<p>Em pleno Apartheid, numa escola de Soweto, em que o exército faz a patrulha com armas em punho e as crianças gritam "Libertem Mandela", uma professora ensina história de uma forma censurável, fugindo ao currículo aprovado pelo regime. Neste contexto, Sarafina é uma adolescente negra, que relata a história sob a forma de uma carta dirigida a Nelson Mandela e que, como tantos outros adolescentes, sente-se revoltada diante das injustiças do sistema.</p> <p>Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=12594</p>
<p>QUAL É O MEU NOME: MUHAMMAD ALI***</p> 	<p>Considerado uma das figuras mais simbólicas do século XX, o lutador Muhammad Ali possui uma história repleta de superação, reviravoltas e lutas sociais. Sob a perspectiva de diversas imagens de arquivo inéditas, o seu lado ativista ganha voz e seu passado torna-se a principal referência para o início da mudança que causou no mundo do esporte.</p> <p>Disponível em: http://www.adorocinema.com/filmes/filme-274575/</p>
<p>O QUE ACONTECEU, SENHORITA SIMONE?***</p> 	<p>Nina Simone era na verdade Eunice Kathleen Waymon, tendo adotado o pseudônimo em 1954 e nos 49 anos de carreira se tornou um dos maiores nomes da música negra dos Estados Unidos. Ela começou a aprender piano aos três anos de idade e seu primeiro sucesso foi o disco "Little Girl Blue", de 1958.</p> <p>Disponível em: https://www.geledes.org.br/documentario-sobre-a-vida-de-nina-simone-chegara-ao-brasil-via-netflix/</p>
<p>O GRANDE DESAFIO</p> 	<p>Melvin Thompson (Denzel Washington) é um brilhante professor e amante das palavras. Embora tenha convicções políticas que possam atrapalhar sua carreira, ele decide apostar nos seus alunos para formar um grupo de debatedores e colocar a pequena Wiley College, do Texas, no circuito dos campeonatos entre as universidades. Mas o seu maior objetivo é enfrentar a tradição de Harvard diante de uma enorme platéia. Inspirado em fatos reais.</p> <p>Disponível em: http://www.adorocinema.com/filmes/filme-57931/</p>
<p>KBELA***</p>	<p>KBELA é um curta-metragem de gênero experimental que se ramifica em diferentes linguagens artísticas, como literatura, teatro, e uma de suas inspirações é o filme "Alma no Olho" (1974) de Zózimo Bulbul.</p>



Representatividade, empoderamento, autoestima e reconhecimento são disputas que o KBELA se insere, onde o desafio é, a partir da criação de novas narrativas sobre a mulher negra, garantir alguma visibilidade que possa interferir, e quem sabe, alterar efetivamente a realidade.

PANTERA NEGRA



Em Pantera Negra, após a morte do rei T'Chaka (John Kani), o príncipe T'Challa (Chadwick Boseman) retorna a Wakanda para a cerimônia de coroação. Nela são reunidas as cinco tribos que compõem o reino, sendo que uma delas, os Jabari, não apoia o atual governo. T'Challa logo recebe o apoio de Okoye (Danai Gurira), a chefe da guarda de Wakanda, da irmã Shuri (Letitia Wright), que coordena a área tecnológica do reino, e também de Nakia (Lupita Nyong'o), a grande paixão do atual Pantera Negra, que não quer se tornar rainha. Juntos, eles estão à procura de Ulysses Klaue (Andy Serkis), que roubou de Wakanda um punhado de vibranium, alguns anos atrás.

Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-130336/>

O RITMO DO N'GOLA RITMOS



Grupo musical formado no final dos anos 40, com base na cultura popular e no processo de libertação de Angola da colonização portuguesa, o N'gola Ritmos conseguia unir festa e mobilização política em um ritmo contagiante. Realizando suas apresentações em festas, principalmente no Bairro Operário, conhecido como B.O., o grupo surge de um chão popular e de luta. "É preciso contar a história de novo. É preciso contar a história do princípio e no princípio era o ritmo". Assim tem início o documentário intitulado "O Ritmo dos N'gola Ritmos", produzido em Angola em 1978, com direção de António Ole, texto de Luandino Vieira e narração de Rui Mingas.

Disponível em: <http://cinafrica.letas.ufri.br/index.php/filmes/angola/111-antonio-ole>

CARNAVAL DA VITÓRIA



O documentário de António Ole data de 1978 e registra imagens do primeiro Carnaval na Angola após a sua independência, em 27 de março de 1976, nas ruas de Luanda, Lobito e Benguela. Com a independência, os angolanos encontraram nas manifestações populares motivos de reencontro com tradições e identidades das populações. É neste período que o primeiro presidente do país, o médico e poeta Agostinho Neto, anunciou que seria realizada a primeira grande festa da Angola Independente: o "Carnaval da Vitória". Desta forma, o filme tenta demonstrar a união, a alegria e a confiança do povo angolano na nova nação recém-libertada.

Disponível em: <http://cinafrica.letas.ufri.br/index.php/filmes/angola/111-antonio-ole>

NO CAMINHO DAS ESTRELAS



No Caminho das Estrelas é um filme dos primórdios do cinema angolano e uma resposta imediata à morte de Agostinho Neto em 1979. Traçando a vida do primeiro presidente angolano - um homem de poesia que chefiou o MPLA durante a guerra de libertação e perseguiu seu compromisso após a independência do país -, o filme inicia sua jornada através de seu relacionamento com outras figuras intelectuais importantes em Angola: António Jacinto, Arnaldo Santos, Luandino Vieira e David Mestre. Ligando inseparavelmente poesia e política, luta e cultura, terra e povo, é essencialmente esse espírito de coesão coletiva e estruturante que nutre o movimento interno de No Caminho das Estrelas, assim como em Carnaval da Vitória.

Disponível em: <http://cinafrica.letas.ufri.br/index.php/filmes/angola/111-antonio-ole>

BEM VINDO A MARLY-GOMONT

Seyolo Zantoko (Marc Zinga) é um médico que acabou de se formar em Kinshasa, capital do seu país natal, o Congo. De lá, ele decide partir para uma pequena aldeia francesa, um vilarejo que lhe deu uma imperdível



oportunidade de trabalho. Com a sua família ao seu lado, Zantoko embarca na maior jornada de sua vida, onde precisará vencer o preconceito e as barreiras culturais para vencer.

Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-243573/>

ADU***



Numa cidade autônoma de Melilla no norte da África pertencente à Espanha, um Guarda Civil chamado Mateo tem a tarefa de proteger o arame farpado que divide a cidade do resto da África, evitando a entrada de imigrantes. Coincidentemente, em uma reserva de Mbouma no Senegal, um consultor externo chamado Gonzalo deve impedir a matança de elefantes por caçadores ilegais, mas falha ao tentar salvar o mais importante da reserva. Com isso, o jovem Alika e seu irmão mais novo Adu são forçados a fugir de sua pequena cidade em Mbouma e precisam lidar com a perseguição por testemunharem acidentalmente o assassinato.

Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-271885/>

***Recomendado para o Ensino Médio



AGRADECIMENTOS

Caro leitor,

Esperamos que você tenha gostado de ler esse caderno pedagógico. Esse material foi construído por muitas mãos com o objetivo de contribuir com a melhoria do ensino-aprendizagem das escolas quilombolas de Mato Grosso. Esperamos que esse material colabore com a prática pedagógica na área de Ciências e Saberes do Quilombolas.

A Coordenadoria de Educação do Campo e Quilombola busca auxiliar as escolas quilombolas com relação a todas as dúvidas que possam surgir. Sabemos dos desafios enfrentados pelos profissionais que atuam no campo, mas temos certeza que todos buscam formas e estratégias coletivas e individuais para fortalecer as nossas escolas, possibilitando a construção de novos caminhos para os estudantes.

Pedro Tierra, no poema “Inventar o fogo”, fala que é preciso “Preparar a pólvora e o sonho, inventar o fogo na casa da escuridão e ensinar às nossas bocas reunidas uma canção de Libertar”. A Educação Quilombola deve viabilizar caminhos para que nossa sociedade possa finalmente entoar uma “canção de libertar”. Esperamos, portanto, que todos os esforços na Educação Quilombola preparem nossos estudantes para exercerem a liberdade de forma autônoma e responsável. E no momento em que transformamos os caminhos que nossos estudantes trilham, também nos transformamos, pois conforme diz Paulo Freire, quanto mais ensinamos, mais aprendemos: “não há docência sem discência”.

A Coordenadoria de Educação do Campo e Quilombola, a Superintendência de Políticas de Diversidades Educacionais, a Secretaria Adjunta de Gestão Educacional, a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso e o Governo do Estado de Mato Grosso agradece a todos os profissionais da Educação Quilombola por construírem e fortalecerem uma educação pública de qualidade!

A collection of various woven baskets and bowls, some containing small objects, arranged on a patterned tablecloth. The items are made of natural fibers and feature different weaving techniques and patterns. The background is a light, textured surface.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Adrianny de Arruda. **Uma escola no Quilombo: a história da educação, lutas e resistências na Comunidade Quilombola de Mata Cavalo**. Dissertação - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2019. Disponível em: <https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/a3c50aef07dfad17a208494c49fae032.pdf>

AREVAL, Amanda Martins de Espíndula. **Entre linhas e nós: um olhar da educação ambiental sobre o currículo na comunidade quilombola de Mata Cavalo**. Dissertação - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2018. Disponível em: <https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/82b0fcf8089698fff0b2e836da2a9f10.pdf>

CAMPOS, Jocimar Jesus de. **As narrativas míticas da comunidade quilombola de Morrinhos, Poconé/MT e os fazeres escolares**. Dissertação - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2017. Disponível em: <https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/b6901eeecb8de763b3c49fc3a15172d8.pdf>

CARVALHO, Francisca Edilza Barbosa de Andrade. **Educação escolar quilombola na comunidade Baixo - Barra do Bugres/MT: avanços e desafios**. Dissertação - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2016. Disponível em: <https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/231b14dc65ae6e80097bcc675512f5c2.pdf>

CARVALHO, Luciene. **Caderno de caligrafia**. Cuiabá: Cathedral Unicen Publicações, 2003.

COSTA, Benedita Rosa da. **Comunidade Quilombola Tanque do Padre: Memórias, Narrativas e Vivências**. Dissertação - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2017. Disponível em: <https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/6232a3230660cf26ee1077776d25261a.pdf>

COSTA, Janaina Santana da. **Espaços de Esperança: a produção associada da vida na Comunidade São Benedito Remanescente dos Quilombos – Poconé-MT**. Tese - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2017. Disponível em: <https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/9b1ce383f5f49ea32187de7a1932420d.pdf>

CRAVEIRINHA, José. **Karingana ua Karingana**. Maputo: Alcance Editores, 2008.

DIAS, Maria Helena Tavares. **Entre memórias e narrativas dos festeiros das festas de santo do território quilombola Vão Grande**. Dissertação - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2017. Disponível em: <https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/146eaf9252ee3dd4a08c4e00c68a9daf.pdf>

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Augusta Eulália. **Educação escolar quilombola: uma perspectiva identitária a partir da Escola Estadual Maria de Arruda Muller**. Dissertação - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2015. Disponível em: <https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/96c160236ace964141b7140b42c11ab4.pdf>

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34, 2012.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Revista Currículo sem fronteiras, v. 12, n. 1, p. 98-109, janeiro/abril, 2012. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/11/curr%C3%ADculo-e-rela%C3%A7%C3%B5es-raciais-nilma-lino-gomes.pdf>

GUERINO, Mariana de Fátima. **O movimento dos saberes na produção da vida na comunidade quilombola Campina de Pedra**. Dissertação - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2013. Disponível em: <https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/3669bc24b620ba8c567bbd3dc8d55d41.pdf>

LIMEIRA, José Carlos. **Quilombos**. Literafro, UFMG. Disponível em <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/11-textos-dos-autores/784-jose-carlos-limeira-quilombos>

MANFRINATE, Rosana. **Fontes do imaginário e da educação ambiental: cartografia e justiça climática nas águas e sentidos das mulheres pantaneiras, quilombolas e mariscadoras**. Tese - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2018. Disponível em:

<https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/fc4bd15b3eb60a69d0b4682a7a0e1f80.pdf>

_____. **Histórias femininas: Poder, Resistência e Educação no Quilombo de Mata Caval**. Dissertação - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2011. Disponível em:

<https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/1cc821199fb41e128f30cb2c0b270d19.pdf>

MARCELINA, Elaine. **A colcha de retalho tecida por elas**. Literafro, UFMG. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/24-textos-das-autoras/1079-elaine-marcelina>

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Portugal: Antígona, 2014.

_____. **Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada**. Luanda: Edições Mulemba, 2014.

_____. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MORAIS, Vanesa Alves de. **Educação escolar quilombola: saberes e fazeres docentes no contexto da escola Verena Leite de Brito, Vila Bela/MT**. Dissertação - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2018. Disponível em:

<https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/cad5735a9d927f34a4fa66e4c8251ee7.pdf>

MOREIRA, Nilvaci Leite de Magalhães. **"(...) Nós aqui é o espaço dos sem vez" - Quilombolas e educação em Poconé/MT**. Tese - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de pós-graduação em Educação, Cuiabá, 2019. Disponível em:

<https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/2304efdc048da831287b03414af32820.pdf>

MUNANGA, Kabengele. **Redescutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

NETO, Agostinho. **Sagrada esperança**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1974.

NJERI, Aza; RIBEIRO, Katiúscia. **Mulherismo africana: práticas na diáspora brasileira**. Revista Currículo sem fronteiras. v. 19, n. 2, p. 595-608, maio/agosto, 2019. Disponível em:

<https://www.curriculosemfronteiras.org/vol19iss2articles/njeri-ribeiro.pdf>

OLIVEIRA, Bruna Maria de. **Práticas corporais e os afazeres pedagógicos: perspectivas da educação escolar quilombola**. Dissertação - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2017. Disponível em:

<https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/8e292de9ce45825bb6de9ecf7a48b64e.pdf>

PEREIRA, Luciano da Silva. **Trajetória de vida, estratégias de resistência e protagonismo de professoras quilombolas da comunidade de Chumbo/Poconé/MT**. Dissertação - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2017. Disponível em:

<https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/3d4dc1717f865ef345cc92c844bbc6a8.pdf>

SANTANA, Gonçalina Eva Almeida de. **Saberes e fazeres quilombolas: um olhar sobre as práticas pedagógicas da área de ciências humanas da escola de Mata-Caval**. Dissertação - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2019. Disponível em:

<https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/5e220660ecfca7a131695bdfd18726ed.pdf>

SANTANA, Júnia Auxiliadora. **Aprendizagens da terra nas narrativas das mulheres guerreiras do quilombo Mata Cavalo**. Dissertação - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de pós-graduação em Educação, Cuiabá, 2019. Disponível em: <https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/206f63f73c6169ed7beda22b558e67b5.pdf>

SANTANA, Ronaldo Henrique. **Serpentes e Educação Ambiental: Mediatizando saberes no Quilombo de Mata Cavalo/MT**. Dissertação - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2011. Disponível em: <https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/52a27facf6e0990723b864cae9b6ef1e.pdf>

SANTOS, Angela Maria dos. **Quilombos na fronteira oeste mato-grossense: memória social e processos educativos não-escolares nas Comunidades Exu e Pita Canudo**. Tese - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de pós-graduação em Educação, Cuiabá, 2019. Disponível em: <http://www.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/3fa31faf5783769e309f40ec4a19a0f2.pdf>

SANTOS, Déborah Luíza Moreira Santana. **Território, luta e educação: dimensões pulsantes nos enfrentamentos dos conflitos socioambientais mapeados no Quilombo de Mata Cavalo**. Dissertação - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2017. Disponível em: <https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/4d06ba7378f30198de8e4461fe98e2b2.pdf>

SANTOS, Elizete Gonçalves dos. **Labirinto de Gênero e Ambiente: diálogos com alguns jovens quilombolas da comunidade de Mata Cavalo**. Dissertação - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2015. Disponível em: <https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/f157701175b96c564590456297055bc2.pdf>

SANTOS, João Almeida dos. **Territórios quilombolas em livros didáticos de geografia do PNLD/2015**. Dissertação - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2019. Disponível em: <https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/1459cfa8c6ecf15e6c77760902a44923.pdf>

SANTOS, Silvana Alves dos. **Saberes e fazeres dos professores da área de linguagem, códigos e suas tecnologias, em uma escola do quilombo ITAMBÉ/MT**. Dissertação - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2018. Disponível em: <https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/b34f7d08e8c36c4e76a53710c30326dd.pdf>

SANTOS, Zizele Ferreira dos. **Situações juvenis: Juventudes e Políticas Públicas no Quilombo Morrinho em Poconé-MT**. Dissertação - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação em Cuiabá, 2016. Disponível em: <https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/54b545b78086683d607d848eea8a4ac9.pdf>

SOARES, Cristiane Carolina de Almeida. **Educação ambiental na comunidade quilombola de Mata Cavalo: diálogos da arte, cultura e natureza**. Dissertação - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2018. Disponível em: <https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/712c30fed316093e25131b41d8618884.pdf>

NOVAES, Regina. **Juventudes faixas C, D e E-perfil, demandas e imaginário**. In: Seminário Juventude e Teledramaturgia. São Paulo, 2008.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude—alguns contributos**. In: Análise Social, vol. XXV (105-106), 1990 (1º. e 2º) 139 -165

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador, Fundação Odebrecht, 2000.

LEGISLAÇÃO E ORIENTATIVOS:

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

____. **Base Nacional Comum Curricular** - Brasília: MEC/SEB. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf

____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm

____. **Lei nº 10.639/03, de 09 de janeiro de 2003. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm

____. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o plano nacional de educação – PNE e dá outras providências**. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei13005-25-junho-2014-778970-publicacaooriginal-144468-pl.html>

____. **Orientações e ações para Educação das Relações Étnico-raciais**. Brasília: SECAD, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_eticoraciais.pdf

____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília: 2001.

____. **Resolução CNE/CEB nº 4, de 10 de junho de 2010. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Brasília: 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>

____. **Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11963-rceb008-12-pdf&category_slug=novembro-2012-pdf&Itemid=30192

MATO GROSSO. **Documento de Referência Curricular para Mato Grosso (DRC/MT)**. Disponível em: <https://sites.google.com/view/bnccmt/educa%C3%A7%C3%A3o-infantil-e-ensino-fundamental/documento-de-refer%C3%Aancia-curricular-para-mato-grosso>

____. **Orientações curriculares - Diversidades Educacionais**. Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, Cuiabá, 2010. Disponível em: <http://www2.seduc.mt.gov.br/documents/9418783/9589638/LIVRO+ORIENTACOES+CURRICULARES+DAS+DIVERSIDADES+EDUCACIONAIS+com+ficha+catalografica-t6SXF86A.pdf/08fde3af-308c-5105-712c-f14918b65a8e>



LISTA DE SIGLAS

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

COCQ: Coordenadoria de Educação do Campo e Quilombola

CNE: Conselho Nacional de Educação

DCN: Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica

DCNEEQ: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica

DRC: Documento de Referência Curricular

E.E.Q: Escola Estadual Quilombola

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC: Ministério da Educação

NEPRE: Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre relações raciais e educação

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais

PD: Parte Diversificada

PEE: Plano Estadual de Educação

PNE: Plano Nacional de Educação

PPP: Projeto Político Pedagógico

SEDUC: Secretaria de Estado de Educação

SUDE: Superintendência de Diversidades Educacionais

UFMT: Universidade Federal de Mato Grosso

UNEMAT: Universidade do Estado de Mato Grosso

ANEXOS



SUGESTÃO PARA ORGANIZAÇÃO DO PLANO DE AULA

UNIDADE EDUCACIONAL:	
PROFESSOR (A)	
TURMA/ANO:	PERÍODO/DURAÇÃO/DATA:
ÁREA DO CONHECIMENTO E/OU COMPONENTE CURRICULAR:	
HABILIDADES:	
OBJETOS DO CONHECIMENTO: (processos, conteúdos, conceitos)	
RECURSOS DIDÁTICOS:	
PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS (descrever como ocorrerá a ação pedagógica, atividades propostas – tempo comunidade/tempo escola e as possibilidades interdisciplinares entre a Base Comum e a Base Técnica do Curso de Agroecologia).	
INDICAÇÕES AVALIATIVAS (descrever como serão coletadas as evidências das aprendizagens construídas pelos estudantes durante a execução da aula).	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	



Atividades Escolares

6º ano do Ensino Fundamental



Ciências e Saberes Quilombola	
Códigos das Habilidades	Objetos de conhecimentos
EF06GE11 EF06GE05	Biojoias; Plantas medicinais; Conhecimentos e práticas ancestrais.

Nome da Escola: _____

Nome do Professor: _____

Nome do estudante: _____

Período: () vespertino () matutino Turma 6º ano ____

No mês passado estudamos a importância da economia solidária para muitas comunidades tradicionais. Nesse mês vamos trabalhar a importância das biojoias e das plantas medicinais. Lembre-se que todas as atividades devem ser feitas dentro de casa.

TEXTO I: AS PLANTAS COMO “REMÉDIOS”



Fonte:

<https://esteticderm.com.br/?p=6635>

O uso de plantas como cura para males e doenças é um conhecimento tradicional, datado de centenas de anos. Ao procurar plantas para o seu sustento e alimentação, o ser humano, desde a pré-história, acabou descobrindo espécies de plantas com ação tóxica ou medicinal, construindo assim um conhecimento das suas ações medicinais a partir da experimentação. Dessa forma, os seres humanos se alimentavam de determinadas plantas pelo instinto de sobrevivência e observavam que algumas tinham efeitos de minimização de enfermidades. O acúmulo das informações sobre os efeitos das plantas nos organismos levou ao nascimento da cultura da arte de curar, que pode ser considerada a base para o nascimento da medicina. Até meados do século XX, a medicina popular que é pautada nas experiências cotidianas, não tinha em seu uso qualquer comprovação científica.

Texto com adaptações. Disponível em:

http://www.institutoaqualung.com.br/info_plantas43.html

TEXTO II: BIOJOIA – DEFINIÇÃO

Biojoia é o resultado da união de elementos vegetais com metais nobres como o ouro, a prata, pedras preciosas, gemas coradas, pérolas e que transformam sementes, palha, pedaços de madeiras e outros materiais em verdadeiras joias naturais, tirando partido do que a natureza generosamente nos oferece e realçando com materiais de joalheria verdadeira.



Fonte:

<https://jornalpovo.com.br/2019/03/23/as-joias-sagradas-e-a-religiao-de-matriz-africana>

As biojoias geradas a partir da criatividade de artesãos são joias que aliam a nobreza do ouro, da prata e até mesmo do metal ou arame e das pedras brasileiras, que misturadas artisticamente com sementes de tucumã, açaí, jarina, babaçu, moroto, pau-brasil, coco, couro, penas, ossos, fibras naturais, madeiras e escamas revelam o milagre do imaginário brasileiro. São criações artísticas e ecologicamente corretas, tipicamente brasileiras, que se utilizam das cores, formas e texturas da riquíssima flora brasileira para tornarem mais belas e acessíveis as joias e os adornos destinados a embelezar as mulheres de todo o mundo.

Texto adaptado. Disponível em: <http://www.comocriarbijuterias.com.br/>



TAREFA SEMANAL

- 1. Após a leitura do texto: As plantas como “remédios”, converse com seus familiares sobre as plantas medicinais que são usadas tradicionalmente na sua família/comunidade que foram sendo repassados de geração em geração. Anote o nome das plantas em seu caderno.**
- 2. Após anotar o nome das plantas medicinais mais utilizadas por seus familiares, escolha uma para fazer um texto sobre ela (peça mais uma vez a ajuda aos familiares), dizendo como pode ser cultivada, as características da planta (se cresce muito, se é uma árvore, se gosta de sol ou sombra, se precisa molhar todos os dias, por exemplo) e quais são seus benefícios para a saúde.**
- 3. A produção de biojoias, por povos e comunidades tradicionais, constitui-se numa forma de manifestação da cultura popular, de sua capacidade criativa, de preservação/valorização cultural e atualmente vem se apresentando como uma importante ferramenta econômica, que gera trabalho, renda e inclusão social. Neste sentido, JUNTO COM SEUS RESPONSÁVEIS você deve produzir uma biojoia que representa a história e a cultura de sua comunidade. Para isso siga os seguintes passos:**
 - a) Reveja todo seu estudo sobre a história da sua comunidade.
 - b) Faça uma lista de materiais disponíveis na natureza aí perto de sua comunidade.
 - c) Escolha alguns materiais para produzir uma biojoia.
 - d) Escolha um modelo de biojoia para produzir.
 - e) Desenhe em seu caderno a biojoia que você quer produzir e logo abaixo faça um pequeno texto explicando a escolha dos materiais e o modelo da biojoia para representar a cultura e a história da sua comunidade.
 - f) Agora junto com seus responsáveis faça a biojoia.

g) Guarde sua biojoia e entregue para seu professor de Práticas em Cultura e Artesanato Quilombola quando as aulas retornarem.

4. Agora encontre no caça palavras abaixo algumas palavras relacionadas às plantas medicinais e às biojoias. As palavras são: ALECRIM, ARTE, BABOSA, BIOJOIA, ECOLOGIA, PLANTAS.

C	D	W	O	E	O	W	E	T	S	B	R
E	R	N	N	E	H	C	S	W	I	M	S
B	A	A	C	N	O	L	T	O	A	L	I
A	O	U	A	L	Y	I	J	Z	R	O	F
B	E	O	O	A	P	O	H	U	T	R	I
O	E	G	D	S	I	L	S	H	G	T	N
S	I	Y	F	A	Y	E	A	O	E	B	R
A	L	E	C	R	I	M	A	N	N	H	L
R	A	K	S	L	A	M	T	T	T	A	M
T	B	A	I	S	R	S	D	S	E	A	M
E	S	N	I	A	S	E	H	I	L	E	S
A	A	O	E	I	T	A	I	D	T	R	U

MODELO DE ATIVIDADE PARA ENSINO MÉDIO



Atividades Escolares 1º ano do Ensino Médio



Ciências e Saberes Quilombola	
Códigos das Habilidades	Objetos de conhecimentos
EM13CNT105 EM13CNT206 EM13CHS301	Biojoias; Plantas medicinais; Conhecimentos e práticas ancestrais.

Nome da Escola:

Nome do Professor:

Nome do estudante:

Período: () vespertino () matutino Turma 1º ano ____

No mês passado estudamos a importância da economia solidária para muitas comunidades tradicionais. Nesse mês vamos trabalhar a importância das biojoias e das plantas medicinais. Lembre-se que todas as atividades devem ser feitas dentro de casa.

TEXTO I: ENTRELAÇADOS DA SOBREVIVÊNCIA

As comunidades quilombolas sobreviveram à discriminação, injustiças, invisibilidade e abandono da sociedade e do poder público, mantendo, mesmo assim, a integridade das suas origens. Com o lento reconhecimento da diversidade que compõe o mosaico cultural do Brasil, percebe-se que este resiste graças às populações tradicionais. Que, isoladas ou não, conservaram a cultura dos antepassados. O patrimônio cultural e a contribuição do povo negro no Brasil, enfim começa a ser reconhecido. Os quilombolas retiram, transformam, cultivam e produzem o que necessitam em convívio harmônico com a natureza. O artesanato desperta o agricultor artista, suas mãos tocam a matéria bruta e a convertem em coisas úteis e belas. Na sua simplicidade, são guardiões de parte do patrimônio histórico cultural do país. Mas, além do trabalho tradicional com a palha de milho, cipó, madeira, eles olharam para fora e perceberam novas oportunidades e potencialidades. Sem descuidar das próprias referências, passaram a trabalhar com materiais recicláveis, incluindo nas suas matérias primas retalhos de tecido, tecido de algodão e o plástico. Juntar o passado e o presente sem perder o movimento correto do entrelaçado é um dos grandes desafios da preservação dos saberes. Para isso, é preciso apoiar a troca de experiências, o regate da memória e os contatos entre diferentes comunidades – fortalecendo a continuidade da prática artesanal.

DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO: O CICLO DOS SABERES TRADICIONAIS

As comunidades quilombolas foram transmitindo, de geração em geração, o conhecimento das técnicas artesanais. Ainda hoje, materiais como o cipó e a taquara são respeitosamente retirados da natureza para a produção de cestas e peneiras, entre outros objetos. Utilizados historicamente na agricultura, transformam-se em possibilidade de ampliação de renda para quem luta arduamente pela sobrevivência. Outro ponto fundamental: a preservação dos saberes tradicionais

transformou-se em foco de resistência de uma gente que não quer passar despercebida e, ao mesmo tempo, busca conservar firmes suas raízes.

Texto adaptado. Artesanato Quilombola – Rio Grande do Sul. https://capa.org.br/wp-content/uploads/2018/11/Cata%CC%81logo_ artesanato_quilombola.pdf



TEXTO II: EXPOSIÇÃO "A OUTRA ÁFRICA", MUSEU DE ARTE SACRA DE SÃO PAULO

Jóias: As jóias africanas, desde os mais leves ornamentos produzidos com elementos simples da natureza até os mais intrincados e por vezes pesados objetos elaborados pela imaginação e pela inteligência humanas, manipulam técnicas, valores e saberes que são conservados, modificados e transmitidos comunitariamente de geração a geração. Sendo objetos de prestígio, de proteção ou de “poderes”, as jóias da África conectam sensibilidades através de uma compreensão tácita do intercâmbio entre a finalidade prática do ornamento, o rigor exato da crença mágico-protetora e a noção de imersão, pelo olhar do outro, na totalidade do cosmos social. Assim, os objetos selecionados pelo curador seriam apenas pequenos exemplos dinâmicos de culturas particulares desta grande força motriz da adornagem que é universal.

Fonte: <http://museuartesacra.org.br/a-outra-africa-2/#:~:text=Na%20exposi%C3%A7%C3%A3o%20s%C3%A3o%20apresentados%20centenas,que%20readaptou%20do%20seu%20pr%C3%B3prio>



TEXTO III: USO DE PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA MATA CAVALO EM NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO – MT, BRASIL

As plantas medicinais têm sido utilizadas com finalidades terapêuticas desde os primórdios da humanidade e continuam tendo o seu valor não apenas nas comunidades tradicionais como também são objetos de estudos interdisciplinares na busca de novos fármacos (MACEDO et al., 2002).

O uso popular de plantas medicinais é uma prática antiga, que tem sido propagada oralmente por sucessivas gerações. Esse conhecimento é transmitido em todos os níveis da vida diária e não apenas no formal. A sua comunicação por meio da oralidade é uma das diferenças que o separa do científico, que é transmitido por meio da escrita. Nesse sentido, o conhecimento tradicional somente pode ser interpretado dentro do contexto cultural em que foi gerado. E em muitas comunidades tradicionais, o cultivo de plantas medicinais constitui-se como uma alternativa para os cuidados primários de saúde.

Sabe-se que os quilombolas carregam consigo e ainda praticam os costumes de seus antepassados, entre esses costumes encontra-se a prática do uso das plantas medicinais como uma alternativa para as curas e tratamentos de suas enfermidades. Os habitantes da comunidade conhecem perfeitamente as ervas que utilizam, sabendo inclusive as enfermidades para a qual a planta é utilizada (SALES et al., 2009).

Diante disso, observa-se que as comunidades tradicionais apresentam modos de vida e cultura diferenciados, devido à forte influência do meio natural, a qual seus hábitos estão diretamente submetidos aos ciclos naturais, e a forma como aprendem a realidade e a natureza é baseada não só em experiências e racionalidades, mas em valores, símbolos crenças e mitos (MONTELES & PINHEIRO, 2007).

Texto adaptado. FERREIRA, Andre. BATISTA, Caio. PASA, Maria. Fonte: <https://core.ac.uk/download/pdf/229915447.pdf>

TABELA 2. Representação das famílias botânicas e suas espécies consideradas potencialmente medicinais em Nossa Senhora do Livramento. MT. 2014.

Família	Nome científico	Nome vulgar	Indicações de usos
Acanthaceae	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Anador	Dor, bronquite, aftas, azia, gripe
Alismataceae	<i>Echinodorus macrophyllus</i> Kunth	Chapéu-de-couro	Cálculo renal
Amaranthaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	Vermífugo
	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Terramicina	Antibiótico, antiinflamatório
Anacardiaceae	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Aroeira	Antibiótico, cicatrizante
	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajú	Anti-inflamatório, antidiarreico, diurético

Tabela adaptada. FERREIRA, Andre. BATISTA, Caio. PASA, Maria. Fonte: <https://core.ac.uk/download/pdf/229915447.pdf>

TEXTO IV: MEDICINA TRADICIONAL AFRICANA: O MUNDO MÁGICO DAS PLANTAS

Há cerca de meio século, Rosa, uma cabo-verdiana da ilha de São Nicolau, testemunhou algo que a fez passar a acreditar nos benefícios da medicina natural. Na época as comunidades viviam mais isoladas, nos vales e no sopé das montanhas.

Havia poucos médicos com que podiam contar. Certo dia, o tio apareceu com uma perna inchada. Deixou de poder andar. Durante semanas, seguiu as indicações do farmacêutico e engoliu todos os comprimidos que este lhe vendeu. Mas a perna não parava de inchar, acabando mesmo por levá-lo à cama.

A solução foi mandar chamar Nhô Zé Eugénio, curandeiro da Fajã, a poucos quilómetros a norte. Homem de fama na terra por ter "muita fé", Nhô Zé Eugénio deslocava-se de mula pela ilha, visitando os pacientes depois de cair a noite. De dia nunca era visto.

Era conhecido por curar olhos inchados e lacrimejantes, com ervas, meia dúzia de rezas e uma esmola de 3 escudos na caixa da igreja da Vila. Homem santo - dizia-se.

Uma vez por semana, às sextas-feiras, descia até à Vila. Nessa noite, observou bem a perna entumescida do paciente, escutou as suas dores e mandou de imediato que lhe fossem buscar um pouco de cana-de-carriço verde, palha-teixeira, alecrim, arruda, contra-erva e enxofre.

Pediui que colocassem tudo numa panela a ferver; trouxeram-lhe uma bacia de água quente e, enquanto untava bem a perna doente com a pasta de ervas, iniciou algumas rezas. Depois, fez-lhe uma ligadura com um pedaço de lençol e saiu pela noite.

No dia seguinte, quando ele regressou, o doente sentia-se muito melhor. Tinha apenas uma impressão húmida na perna, confessou-lhe. Nhô Zé Eugénio tornou a lavar a perna. Rosa seguia tudo com atenção, mas o curandeiro mandou-a sair do quarto. Minutos depois, ela viu-o sair com o pano da ligadura enrolado na mão. Disse para Rosa, Vai lá atrás da casa, cava um buraco bem fundo e enterra este pano, mas não o abras, entendeste?

Rosa assim fez. Mas, no momento em que colocava o pano na terra abriu-o com a ponta da enxada, e viu dezenas, centenas de larvas amarelas, pequenas, grandes, numa pasta fétida escura.

Apesar de fazer parte da vida de milhões de pessoas, a medicina africana tradicional, especialmente na zona dos trópicos, ainda é mal conhecida e pouco documentada, para além dos próprios curandeiros. Ao contrário das suas congéneres europeia e asiática, existem poucos estudos e análises científicas destas "mesinhas", ervas e plantas com resultados extraordinários na cura de várias doenças humanas.

Muitas são as plantas utilizadas diariamente com efeitos eficazes no tratamento de hepatites, cirroses, infecções bacterianas, infecções renais, pulmonares, etc. Desde a famosa e multifuncional babosa (Aloe Vera: o conquistador Alexandre o Grande conhecia os poderes cicatrizantes da babosa e tinha sempre plantas suficientes para curar os ferimentos dos seus soldados após as batalhas), à figueira-do-inferno, à ameixoeira-africana, munjibe-ndende (nome angolano em kimbandu: diminui os problemas miccionais associados ao edenoma benigno da próstata), passando pelos raminhos verdes da arruda, do alecrim, aliados às forças protectoras, sejam elas dos santos católicos ou de ilustres antepassados.

Texto adaptado. Fonte: <https://noticias.sapo.ao/sociedade/artigos/medicina-tradicional-africana-o-mundo-magico-das-plantas>



Fonte:

<https://noticias.sapo.ao/sociedade/artigos/medicina-tradicional-africana-o-mundo-magico-das-plantas>



TAREFA SEMANAL

1. As biojóias produzidas pelas comunidades quilombolas possuem relações com as joias de diversas comunidades africanas. De acordo com os seus conhecimentos, assinale a alternativa INCORRETA:

- (A) As explorações arqueológicas mostram que as joias são muito antigas e datam dos períodos pré-históricos, fazendo parte de inúmeras culturas.
- (B) As joias mais antigas possuíam um grande valor simbólico para as comunidades. Muitas vezes eram consideradas amuletos e talismãs.
- (C) Ao longo da história é possível perceber que as joias são marcas de um tempo histórico e carregam memórias e símbolos.
- (D) As joias, historicamente, são adornos utilizados apenas por mulheres e não possuem valor simbólico ou sagrado.

2. A partir da leitura dos textos sobre biojoias, faça uma pesquisa bibliográfica (na internet e/ou nos livros) a respeito da história das joias. Identifique onde surgiram, quais são seus significados em diferentes culturas e como as biojoias são importantes símbolos para comunidades tradicionais. Em seguida, produza um texto com as informações da sua pesquisa, analisando aspectos culturais e políticos que envolvem a produção de biojoias.

3. Um estudo realizado no bairro Jardim das Colinas, em Itajubá (MG) mostra o número de plantas consumidas pelos moradores. Veja o gráfico abaixo:

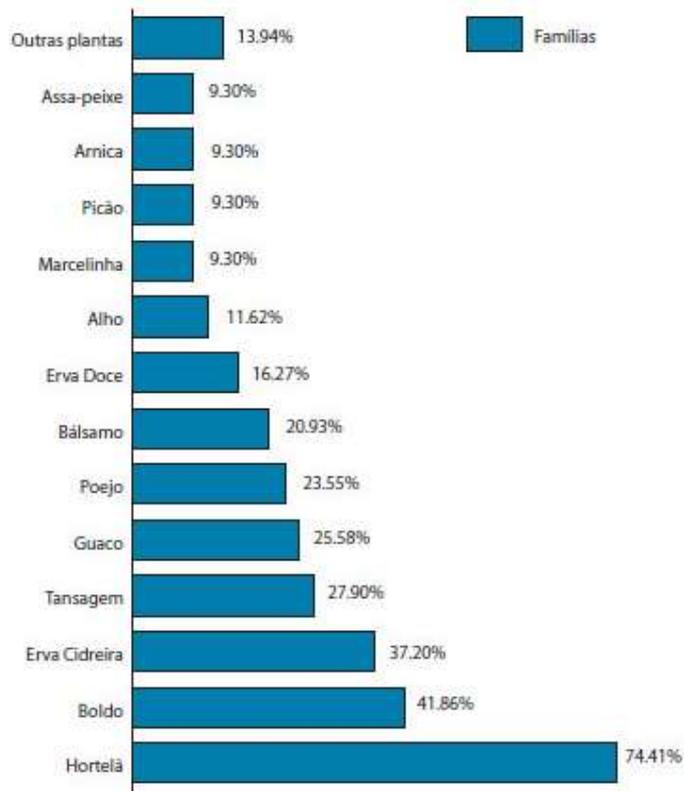


Gráfico 2 - Porcentagem da incidência das plantas medicinais mais utilizadas.

Fonte: <http://rmmg.org/artigo/detalhes/260>

Esse gráfico mostra que a planta mais utilizada no bairro Jardim das Colinas é a hortelã. Para chegar a esses dados foi necessário desenvolver uma pesquisa com os moradores. Partindo desse gráfico, **elabore o gráfico de plantas medicinais mais consumidas em sua comunidade**. Lembre-se que não é necessário sair de casa. Peça ajuda às pessoas moram com você para fazer o levantamento dos dados e crie seu gráfico. Depois de fazer o gráfico, **crie uma tabela**, como vimos no texto “Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola Mata Cavalo em Nossa Senhora do Livramento – MT, Brasil”, **mostrando a família da planta, seu nome científico, o nome vulgar e indicações de usos na sua comunidade**.

4. A partir da leitura do texto e das respostas às perguntas abaixo, faça um breve relato.

- a) Sua família/comunidade tem tradição em produzir plantas medicinais?
- b) Quais plantas são cultivadas?
- c) Como as plantas são cultivadas? São comercializadas? Tem alguma feira/loja/cooperativa/ ou cada produtor vende isoladamente?
- d) Qual a importância do repasse dos saberes para a preservação e valorização da cultura de uma comunidade quilombola?



**RELATOS DE
EXPERIÊNCIA DE
ESCOLAS EXITOSAS**

CABO VERDE

**E.E.Q. MARIA ARRUDA
MULLER**

ESCOLA ESTADUAL QUILOMBOLA MARIA DE ARRUDA MULLER

Nome do Projeto/Atividade (interdisciplinar/transdisciplinar)

Arte da Capoeira na Escola

Período de Realização

Abril a Dezembro 2019

Coordenadores (as) do Projeto

Profissionais que Participaram das Atividades Desenvolvidas no Projeto/Atividade

O professor de educação física Jonas Inocência da Silva Neto.

Turmas envolvidas

Todas as turmas da unidade escolar.

Justificativa

A capoeira...é dança? É jogo? É luta? É tudo isso ao mesmo tempo? Parece que sim, e é isso que a torna tão complexa, tão rica e tão surpreendente. É luta, dissimulada, disfarçada em "brinquedo", jogo de habilidade física, astúcia, beleza... e muita malícia! A capoeira é uma manifestação da cultura popular brasileira que reúne características bem peculiares: mista de luta, jogo, dança, praticada ao som de instrumentos musicais (berimbau, pandeiro e atabaque), palmas e cânticos. É um excepcional sistema de autodefesa e treinamento físico, destacando-se entre as modalidades desportivas por ser a única originalmente brasileira e fundamentada em nossas tradições culturais

Objetivo Geral

Desenvolver nos alunos uma *práxis* de capoeira sob o enfoque da cultura corporal, enquanto campo de conhecimento elaborado e reelaborado a partir de experiências concretas dos homens

Objetivos Específicos

Produzir conhecimento científico da capoeira aplicável à nossa realidade;

Capacitar os alunos para participarem de eventos, que envolvam apresentações;

Contribuir para a formação da autoestima pessoal oferecendo subsídios relacionados à *práxis* da capoeira na escola, a fim de fazer com que os alunos conheçam e pratiquem exercícios de maneira criativa.

Metodologia

O processo de estudo envolve uma series de etapas sequenciadas através de vivencias e jogos rítmicos vocais, apreciação musical da capoeira, valores afro-brasileiros, as relações de gênero, a mestiçagem cultural, conhecimento da origem e história da capoeira no repertório representativo na História brasileira, o reconhecimento e identificação dos instrumentos que compõe a arte da capoeira praticas musicais utilizando os instrumentos apresentação musicais em eventos alusivos à pátria, e comemorativos na unidade escolar.

Recursos (materiais e humanos)

Berimbau, Atabaque, Pandeiro, Roupas Brancas, Abadás, Reco-reco, Caxixi de junco.

Avaliação (como os estudantes foram avaliados ao longo do desenvolvimento das atividades)

A avaliação aconteceu bimestralmente na verificação dos seguintes fatores: frequência dos alunos no projeto, interação com os demais membros do projeto, desempenho nas áreas da base comum (se houve melhora significativa no desempenho do educando(a)), interação com a comunidade escolar como um todo (educadores, colegas de sala pais), predisposição do educando para participar das atividades que for convocado pelo projeto, desempenho nas atividades de oralidade no projeto e nas demais áreas de conhecimento.

Resumo descritivo das atividades desenvolvidas e registro fotográfico com legenda (fonte – se foi pesquisada em algum site ou se é arquivo próprio)

1ª Atividade

Conhecendo a Capoeira, as suas regras, como surgiu, porque surgiu.





Figura 1 e 2: Apresentação da Capoeira nos eventos da Escola. Fonte: Arquivos do autor

2ª Atividade

Iniciando os primeiros movimentos corporais e conhecendo os instrumentos e os seus sons.





Figura 3 e 4: Apresentação da Capoeira nos eventos da Escola. Fonte: Arquivos do autor

Resultados (pontos positivos e desafios a serem superados)

Através da capoeira os alunos puderam trabalhar a disciplina, a força, trabalho em grupo, o respeito, a lateralidade, concentração, foco, perseverança etc. Os alunos refletiram em sala de aula pontos positivos com a participação no projeto pois se tornaram mais focados, participativos e prestativos tanto em sala como fora dela, ajudando na organização e conservação do espaço escolar. Os resultados se tornaram cada vez mais significativos e gratificantes para os alunos envolvidos quando, foram convidados a participarem de desfiles e levarem a apresentação da capoeira. No ano de 2019, no Encontro Nacional de Escolas Quilombolas que aconteceu na Escola Estadual Tereza Conceição Arruda, localizada no município de Nossa Senhora do Livramento, na comunidade de Mata Cavalu, o projeto da Capoeira também se fez presente.

De modo geral, o projeto foi rico de cultura e crescimento para os envolvidos, além de fortalecer a cultura africana.

Santo Antônio do Leverger, MT

14/02/2020.

ESCOLA ESTADUAL QUILOMBOLA MARIA DE ARRUDA MULLER

Nome do Projeto/Atividade (interdisciplinar/transdisciplinar)

Conhecendo o continente Africano

Período de Realização

Julho a Dezembro

Coordenadores (as) do Projeto

A escola promoveu o estudo com todo o corpo docente da unidade.

Profissionais que Participaram das Atividades Desenvolvidas no Projeto/Atividade

Todos os professores e funcionários da unidade escolar.

Turmas envolvidas

Todas as turmas desde a educação infantil ao 3º ano do ensino médio.

Justificativa

O ensino da cultura africana é complexo e exige muita desenvoltura dos docentes para ultrapassarem as barreiras da resistência dos pais e alunos, do racismo e em como lidar com ele no âmbito educacional, dos estigmas e em como desenvolver trabalhos gradativos que mudem a visão, a percepção e a ação dos seus alunos perante as temáticas que envolvam tal cultura.

Objetivo Geral/Específico

Promover, através de um olhar pedagógico, ações que viabilizem o ensino da cultura africana no âmbito educacional. Abordar a forma como a cultura africana foi difundida nas escolas ao longo dos anos.

Elaborar ações pedagógicas que direcionem o ensino da cultura africana na sala de aula.

Metodologia

Foram trabalhados através de pesquisas, debates, filmes que trabalham a cultura, pesquisas em site

Recursos (materiais e humanos)

Recurso utilizados foram pesquisas, recortes, impressões, tesoura, cola, data show, telão, internet computador, caixa de som, tinta, pincel, telhas, isopor, TNT, EVA.

Avaliação (como os estudantes foram avaliados ao longo do desenvolvimento das atividades)

Foi realizada de forma continua de acordo com a participação e desenvolvimento dos alunos nas atividades. Avaliou-se também o trabalho em grupo, com descobrimentos de grandes talentos no desenvolvimento das atividades propostas.

Resumo descritivo das atividades desenvolvidas e registro fotográfico com legenda

1ª Atividade

Reunião com o corpo docente e funcionários, divisão de grupo de estudos, estudando a cultura e tradições, escolhas dos países que foram eles: Guiné, Guiné Bissau, Marrocos, República Democrática do Congo, Nigéria, Egito, Tanzânia, Moçambique, Cabo Verde, República de Camarões, Angola e Madagascar.







FIGURA 1 MOSTRA DAS ATIVIDADES E TRABALHOS REALIZADOS NO DECORRER DO PROJETO.
FONTE: ARQUIVO DO AUTOR.

2ª Atividade

Desenvolvendo trabalhos manuais com os alunos: construção de máscaras, turbantes, pinturas, vestuários. Apresentação do trabalho a toda comunidade escolar.

Resultados (pontos positivos e desafios a serem superados)

A valorização dos penteados afros e das vestimentas, através de atividades de cunho artístico, acaba por envolver e chamar a atenção dos pais, os quais também recebem uma parcela do conhecimento da cultura africana, desde quando a maioria não teve a possibilidade de conhecer esta cultura da maneira devida.

Quando a criança tem a possibilidade de ter acesso à cultura africana, já há um espaço para que esta cultura possa ser ainda mais enraizada no seu conhecimento. A educação é um instrumento de formação de opiniões, consciência crítica e viabilização de mudanças na sociedade. Certamente tais mudanças não ocorrerão em curto prazo. No entanto, o conhecimento da cultura africana, quando eficientemente explorada e difundida, terá êxito no alcance dos objetivos educacionais, os quais visam a atribuição do valor devido a esta cultura, redução significativa de preconceito de qualquer natureza, principalmente os que englobam cor de pele e a religiosidade, a identificação satisfatória da influência desta cultura na nossa e formação da identidade livre de estigmas e senso de inferioridade.



FIGURA 2: MOSTRA DAS ATIVIDADES E TRABALHOS REALIZADOS NO DECORRER DO PROJETO.
FONTE: ARQUIVO DO AUTOR.

Santo Antônio do

Leverger, MT

14/02/2020

ESCOLA ESTADUAL QUILOMBOLA MARIA DE ARRUDA MULLER

Nome do Projeto/Atividade (interdisciplinar/transdisciplinar)

Jogos e Brincadeiras Africanas

Período de Realização

Agosto a novembro

Coordenadores (as) do Projeto

Benedita Rodrigues do Prado e Silva e Esmeraldino Pereira.

Profissionais que Participaram das Atividades Desenvolvidas no Projeto/Atividade

Benedita Rodrigues do Prado e Silva e Esmeraldino Pereira.

Turmas envolvidas

Turma da Unidocência do 5ano A e 5 ano B.

Justificativa

O comportamento e o desempenho em sala de aula, muitas vezes não está restrito à didática do professor. Dá-se também às questões mais peculiares, como o comportamento do aluno dentro e fora da sala de aula. Isso pode ser relacionado à sua personalidade, a questões sociais, psicológicas entre outros, onde esses fatores podem ser prejudiciais a sua aprendizagem. Partindo da concepção de que a aprendizagem pode ser definida como uma modificação do comportamento do indivíduo em função da experiência e, baseando na chamada pedagogia inovadora, onde o aluno é visto como a peça fundamental para a construção do conhecimento que ele próprio absorve, notou-se a necessidade de uma intervenção pedagógica, na qual os alunos pudessem construir a partir da vivência e prática, o seu conhecimento e também, desenvolver outras habilidades, como a expressão corporal e artística através das atividades diferenciadas. Portanto, diante da realidade e ambiente escolar que nos encontramos, ou seja, uma Escola Quilombola, utilizamos a riqueza da cultura africana como ferramenta de intervenção. Unimos a amarelinha africana com a canção Escravos de Jó, realizando adaptações e interdisciplinaridade que propiciassem a interação entre os envolvidos através do pensar, agir e fazer.

Objetivo Geral/ Objetivos Específicos

Ressignificar nas séries iniciais jogos e brincadeiras africanas. Trabalhar lateralidade e noções espaciais. Aprender as regras e a dinâmica dos jogos e brincadeiras africanas sabendo diferenciar jogo de brincadeira. Apresentar a importância da utilização dos jogos no processo de ensino e aprendizagem, como instrumentos motivadores de imenso potencial de sociabilidade e integração, bem como os cuidados que se deve ter ao levar um jogo para a sala de aula, possibilitando resgatar a cultura africana e afro-brasileira, bem como minimizar o preconceito e da segregação étnico-racial existente ainda no Brasil. Desenvolver de acordo com Fonseca (2005) os componentes cognitivos: input (responsável pelas informações recebidas pelos sentidos visual e auditivo) a cognição (responsável pelos processos de memorização,

consistência e processamento simultâneo e sequencial de informações), o output (responsável pelos processos motores como desenhar, ler, escrever, ou resolver problemas) e a retroalimentação (responsável pela repetição, organização, controle e realização das atividades). Valorizar a cultura africana bem como conhecer a sua riqueza e as suas contribuições e influências em nossa cultura.

Metodologia

As atividades foram desenvolvidas em rodas de conversas, realizando o levantamento dos conhecimentos prévios que os discentes têm a respeito do tema da aula seguindo o questionário a seguir: Vocês gostam de brincar? Quem ensinou as brincadeiras? Quais as brincadeiras preferidas? Onde costumam brincar? Tem muito tempo para brincar? Qual o horário que brincam? Quais são os tipos de brincadeiras que vocês costumam fazer?

Aula prática: Exposição e regras do jogo que será desenvolvido. Construção e demarcação do limite da abertura dos bambus e finalmente a execução do jogo.

Nome do jogo: Amarelinha africana com a música escravo de Jó com bambu.

Serão necessários quatro pedaços de bambu de aproximadamente dois metros cada, os jogadores se posicionarão no centro da quadra poliesportiva. Quatro componentes manuseiam o bambu, abrindo e fechando seguindo o ritmo da música Escravo de Jó, conforme a ritmo da música for aumentando, aumenta-se também a velocidade no manuseio do bambu. O jogo segue de acordo com as regras onde duas crianças começam, em seguida poderá entrar mais crianças na brincadeira sendo no máximo quatro componentes.

Recursos (materiais e humanos)

Os recursos utilizados foram bambu, barbante, papel, tesoura, atividades impressas, data show, internet, computador, caixa de som, telão, tinta guache, pincel, alunos do 5 ano A e 5 ano B e o Professores.

Avaliação (como os estudantes foram avaliados ao longo do desenvolvimento das atividades)

A avaliação foi realizada de forma continua de acordo com a participação e desenvolvimento dos alunos nas atividades propostas, desde a contextualização histórica até a prática. Avaliou-se também o trabalho em grupo, coordenação motora, expressão artística e corporal

Resumo descritivo das atividades desenvolvidas e registro fotográfico com legenda (fonte – se foi pesquisada em algum site ou se é arquivo próprio)

1ª Atividade

Pesquisa de campo, internet, livros e estudo para desenvolvimento do projeto.



FIGURA 2: AULA DE CAMPO: COLHEITA DO MATERIAL QUE SERÁ UTILIZADO PARA A AMARELINHA. FONTE: ARQUIVO DO AUTOR.

2º Atividade

Estudo da história da amarelinha africana, sua origem, linguagem, a origem do bambu para que serve, suas utilidades. A história da música Escravo de Jó. Trabalhando espaço, tempo, concentração, lateralidade.







FIGURA 3: APRESENTAÇÃO DA AMARELINHA AFRICANA. FONTE: ARQUIVO DO AUTOR.

Resultados (pontos positivos e desafios a serem superados)

A finalização da intervenção pedagógica se deu com a apresentação do projeto para a comunidade escolar, seguida da execução do jogo. Foi perceptível o envolvimento dos alunos com o projeto, e o que mais nos chamou a atenção, foram os alunos que em sala de aula apresentam dificuldades de concentração, participação e envolvimento, ou que de um modo geral são mais agitados, estes foram os que mais tiveram resultados positivos e se destacaram nas atividades diferenciadas. Dessa forma, percebe-se que as atividades lúdicas e extraclasse não devem ser esquecidas ou deixadas de lado, pelo contrário, estas quanto mais presentes no ensino, maiores serão os resultados de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. Foi notório também a evolução de alguns alunos no relacionamento interpessoal, no trabalho em equipe, no desenvolvimento da lateralidade e da coordenação motora, o respeito com a ordem e regras do jogo, noções de espaço e tempo, memorização, ritmo, expressão corporal, etc. As atividades desenvolveram várias habilidades dos alunos, além de conhecerem a história e a cultura por trás desse jogo. É um projeto que nos rendeu grandes resultados, podendo ter seguimento explorando e aprofundando mais nas tradições africanas, as quais poderão desenvolver ainda mais a aprendizagem dos envolvidos, seja como aluno ou como professor, pois ensinando também se aprende.

Santo Antônio do Leverger- MT

14/02/2020

A group of young women in athletic wear are huddled together on a beach, holding hands in a circle. The scene is captured in a soft, slightly desaturated light, suggesting a late afternoon or early morning setting. The women are wearing various styles of athletic tops and shorts, and their expressions are focused and engaged. The background shows the gentle waves of the ocean and a sandy beach.

**E.E.Q TEREZA
CONCEIÇÃO ARRUDA**

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DA DANÇA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Lucilene de Pinho Ferreira (ESCOLA ESTADUAL QUILOMBOLA TEREZA CONCEIÇÃO ARRUDA) –

lulu2658@hotmail.com

Resumo:

O presente trabalho procura demonstrar as vantagens da atividade de dança na Educação Física escolar. Justifica-se uma vez que a atividade proporciona fundamentalmente a integração dos estudantes com as diferentes realidades nas quais se veem inseridos, bem como por auxiliar no desenvolvimento físico, mental e psicológico do educando. Metodologicamente para este trabalho foi utilizada a abordagem qualitativa, o método etnográfico proposto por Geertz e o instrumento de coletas de dados foi a observação participante. A partir do resultado obtido, o desafio que se coloca aos educadores é a busca por conhecimentos e vivências que possibilitem e os auxiliem a estarem preparados para proporcionar às crianças a oportunidade de desenvolvimento físico e mental com liberdade e alegria.

Palavras-chave: Dança. Educação Física escolar. Inserção social. Integração.

1 Introdução

Dentro do universo escolar o docente se depara diariamente com diversas dificuldades a serem trabalhadas e vivenciadas no dia a dia. Uma destas é quanto ao processo da incorporação da dança nas aulas de Educação Física, uma vez que devido as inúmeras modalidades musicais e tipos de danças existentes, o docente deverá buscar qual a melhor maneira para inclusão desse instrumento de ensino, que deve e pode ser aproveitado nas mais variadas disciplinas, incorporando os saberes e fazeres de todos, fazendo com que tal experiência além de servir como ferramenta de inserção e integração social, se torne significativa ao educando.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais a dança é abordada como Tema Transversal, assim como os esportes, as lutas e a ginástica. De acordo com Barros (2009), a dança se fez presente nas aulas de Educação Física no Brasil em meados de 1920, a partir de movimentos da ginástica nas suas formas mais básicas. Na década de 1940 passou a integrar os conteúdos na formação de professores de educação física, e, a partir de 1980, após reformulações nos currículos do ensino superior, integrou a matriz curricular dos cursos de licenciatura e bacharelado, considerando a necessidade dos docentes de educação física desenvolverem saberes e competências em relação à dança e suas diferentes manifestações no contexto escolar (BARROS, 2009). Todavia, a utilização da dança nas atividades da Educação Física ainda é incipiente, diferente das outras formas de expressão mencionadas.

O que se percebe é que a dança é tratada como um componente folclórico nas escolas, seja pela Educação Física ou pela Educação Artística/Arte Educação. Raramente é valorizada pelo que oferece, pelo seu conhecimento próprio e expressividade, ficando à margem das demais práticas metodológicas como uma atividade extracurricular.

Busca-se, pois, com este relato, demonstrar que a dança é um conteúdo essencial a ser incorporado na escola, uma vez que conforme nos ensina Silveira (2008), a dança deve ser entendida como uma das

práticas mais adequadas e divertidas para ensinar todo o potencial de expressão do corpo ao educando, pois, independentemente de sua modalidade, seu objetivo é buscar a expressão individual de pensamentos e sentimentos, desenvolvendo a psicomotricidade, que influenciam os fatores intelectuais, afetivos e culturais do aluno.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é o de relatar a experiência da dança com estudantes da Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda nas aulas de Educação Física, pautada no referencial da abordagem dos Etnosaberes, evidenciando que, aos professores, cabe adequar a ferramenta da dança aos tipos físico/mental de seus educandos, respeitando as suas diferenças, período histórico, localização, crença e valores; e no quesito relevância, desmistificar o entendimento de que essa modalidade seja vista (utilizada) apenas como um lazer e recreação, em que pese que desde o advento da Lei de Diretrizes e Bases n.º 9.394/1996 e a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o ensino da arte (dança) passe a ser reconhecido oficialmente nos documentos oficiais da educação nacional.

Para Castilho e Santana (2019, p. 47) “A etnociência confronta, e ao mesmo tempo, contempla o conhecimento acadêmico e o conhecimento popular, este último nascido e perpetuado em comunidades tradicionais.”. Nesse sentido, ancorados em Fernandes (2016) as autoras afirmam que os etnosaberes servem como referencial para fundamentar a revisão das construções teóricas, práticas e dos saberes, balizadas nas concepções advindas do processo colonial, procurando, com isso, o reconhecimento, a importância dos dizeres, dos pensares, e dos fazeres de comunidades tradicionais, que sofreram os (com os) processos do colonialismo. Busca-se, ainda, o reconhecimento dos saberes e fazeres tradicionais, de forma igualitária aos demais existentes e o consequente fortalecimento da comunidade quilombola.

2 Descrição da Experiência

O ensino da arte sofre consequência de posturas racionalista ao pensamento pedagógico brasileiro, ainda, mas quando se diz se trata da dança afro. Não obstante tais barreiras, a Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda está fundada em valores que há séculos vem valorizando o conhecimento sintético, sistêmico, corporal e intuitivo, prestigiando os saberes e fazeres da cultura tradicional quilombola.

Nessa perspectiva, entende-se a dança como uma arte associada ao trabalho manual de superar as marcas negativas da história, a visão ingênua que se tem a respeito do seu ensino e alguns preconceitos existentes em relação a ela na Educação Física. O fazer sentir na dança, enquanto arte, nos permite um tipo diferenciado de percepção, engajada ao sentimento cognitivo e afetivo, trazendo dessa forma maior significado e prazer ao educando.

Diante a tantas lutas perpassadas pelo povo quilombola, assim como aquelas comunidades firmadas na resistência, se faz necessárias fazer memória da história vivenciada na comunidade Mata-Cavalo, recontadas nas aulas da disciplina de Educação Física, por meio da dança, junto aos alunos da Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda. Tal prática, além de municiar o educando com o empoderamento oriundo desses saberes, reforça os valores daqueles que sempre foram exemplo de respeito ao diferente na luta por uma sociedade igualitária, contra o preconceito e a discriminação racial.

A atividade foi desenvolvida com os alunos do ensino fundamental dos 6º e 7º anos, como uma intervenção pedagógica. Por meio do estudo dos Etnosaberes, pudemos desenvolver, como proposta educativa, um Plano de Aula com o tema *Folia Curraleiras*³ e conteúdo, *Influência Africana*.

Na prática, a atividade desenvolvida foi uma adaptação de um artigo intitulado: *Folia Curraleira* em grupo, utilizando a música *Escravo de Jó*⁴ (ver figuras 1 a 4). Foi explicada a história da música, envolvendo o cotidiano dos alunos, seus significados e conhecimentos. Ao final foi aplicado um questionário cujas perguntas e algumas das respostas seguem a seguir transcritas. Os nomes dos alunos foram substituídos e representados por espécies de vegetação do cerrado do Quilombo Mata-Cavalo.

FIGURA 4 - APRESENTAÇÃO DA ATIVIDADE E DA HISTÓRIA DA MÚSICA E DANÇA



Fonte: Acervo da autora (2019).

FIGURA 5 - ALUNOS EXECUTANDO A ATIVIDADE 1

³ Dança que vem acompanhada de palmas, sapateados, cirandas etc.

⁴ Letra e melodia disponível em: <https://www.letras.mus.br/temas-infantis/782539/>.



Fonte: Acervo da autora (2019).

FIGURA 6 – ALUNOS EXECUTANDO A ATIVIDADE 2



Fonte: Acervo da autora (2019).

FIGURA 7 - GRUPO DE ALUNOS AO FINAL DA ATIVIDADE



Fonte: Acervo da autora (2019)

2.1 Questionário

1) O que acharam da atividade?

Estudante Jatobá: interessante, e sempre bom ter algo diferente para brincar na educação física.

Estudante Ipê amarelo: disse que foi divertido, além de agora ficar sabendo da história a respeito da música Escravo de Jó.

Estudante Cumbaru: relatou que já tinha brincando e ouvido há música, mas não sabia sua história nem seu significado, brincava por brincar.

Estudante Flor do cerrado: relatou que agora já sabia contar a história, e que chegaria em casa e iria contar para os pais também.

2) Já tinham visto alguém praticar a brincadeira na comunidade?

Estudante Cumbaru: relatou que sim, mas não era da forma como ele tinha aprendido na aula de educação física hoje.

3) Vocês já conheciam a música e sua história?

Todos relataram que não, cantavam, brincavam, até dançavam, mas nunca tinham ouvido falar sobre a história da letra da música ou dessa história dos escravos. A aula acabou sendo tão interessante que os alunos sugeriram algumas adaptações que poderiam também ser executadas com a música, por exemplo, a dança da cadeira (figura 3).

3 Considerações finais

Percebe-se com a experiência vivida que a dança é uma manifestação cultural que ao ser inserida no conteúdo da Educação Física escolar, carrega consigo um variado grau de conhecimentos que podem e devem ser explorados no contexto escolar. Por meio da dança o educando conhece e respeita o outro,

bem como a si próprio, explorando o seu imaginário e os conhecimentos internalizados que possui, para tanto, faz uso das suas emoções, sentidos e movimentos, tornando a atividade prazerosa e significativa.

Nesse sentido, a dança como uma das práticas regulares na disciplina Educação Física é de fundamental importância para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, pois envolve tanto a perspectiva cognitiva, como as: emocional, social, psicossocial, dentre outras. Todavia, para que tal metodologia se torne uma prática efetiva, regular e eficiente, a formação docente deve ser voltada para o ensino de práticas que favoreçam o professor ao lhe permitir a novas oportunidades de estar levando aos educandos uma prática que permite, a partir do movimento do corpo, a inserção e integração do aluno no âmbito social de sua comunidade, auxiliando e transformando o educando, de forma a prepará-lo para enfrentar e lutar pelas melhorias na sua realidade social.

Referências

BARROS, Juçara de. **Dança**. 2009. Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/artes/danca.htm>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

CASTILHO, Suely Dulce; SANTANA, Gonçalina Eva Almeida de . Etnosaberes e Formação de Professores Quilombolas: reflexão a partir do olhar de docentes. **Expressa Extensão** , v. 24, p. 40-54, 2019.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Interculturalidade e Etnossaberes. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 39-65, jul./dez., 2016.

SILVEIRA, Marília Balbi. **Dança como ferramenta pedagógica na escola**. Iniciação Científica da Universidade Metodista de São Paulo. Congresso Científico de 2008, Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: Práticas artesanais com frutos de Cumbaru no currículo escolar da EJA.

Prof. Elton Flavio Figueiredo de Oliveira (E.E.Q Tereza Conceição Arruda) email:
eltondefigueiredo@hotmail.com

Prof. Ms^a Gonçalves Eva Almeida de Santana (E. E.Q Tereza Conceição Arruda) email:
evaquilombola77@gmail.com

Resumo:

Este trabalho objetiva relatar a experiência de diversas aulas realizadas na disciplina de artes, onde foi trabalhado o tema Práticas artesanais com sementes de Cumbaru, realizadas com estudantes do 1º segmento 2º ano da EJA, da Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda, localizada no Município de Nossa Senhora do Livramento/MT, bem como evidenciar as contribuições da abordagem dos etnosaberes como possibilidade na melhoria do processo de ensino aprendizagem. Metodologicamente para este trabalho foi utilizada a abordagem qualitativa, o método etnográfico proposto por Geertz e o instrumento de coletas de dados foi a observação participante. O resultado a partir das observações das aulas nos permitiu constatar que são possíveis as aproximações dos saberes locais da comunidade, no caso as práticas de artesanatos a partir da semente do cumbaru com os saberes científicos estabelecidos no currículo escolar de artes, estratégia essa defendida pelos pressupostos dos Etnosaberes.

Palavras-chave: Etnosaberes. Artes. Educação escolar quilombola. Práticas pedagógicas.

1 Introdução

Este trabalho objetiva relatar a experiência de diversas aulas realizadas na disciplina de artes, realizadas com estudantes do 1º segmento 2º ano da EJA, da Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição Arruda, localizada no Município de Nossa Senhora do Livramento/MT, bem como evidenciar as contribuições da abordagem dos etnosaberes como possibilidade na melhoria do processo de ensino aprendizagem no que tange a aquisição da leitura e da escrita.

As turmas da modalidade da Educação de jovens e adultos, geralmente são formadas por pessoas que fazem parte de um grupo bastante heterogênea, situação que não foge da realidade dos estudantes da EJA da Escola Estadual Tereza Conceição arruda, tanto em relação às necessidades formativa quanto às experiências e formas de participação na sociedade.

São cidadãos, em sua maioria, moradores da zona rural, que não puderam terminar seus estudos, ou passaram por experiências escolares malsucedidas e que atualmente estão em busca de oportunidades para terminarem seus estudos. Para atender às necessidades desse público, que trazem uma ampla experiência de vida, é necessário trabalhar conteúdos diversificados e que consideram o processo de conhecimento e as histórias de vida desses sujeitos.

O Documento de Referência Curricular do estado de Mato Grosso - DRC, publicado em 2018, salienta que mais do que elevar a escolaridade desses jovens e adultos, é preciso garantir-lhes o desenvolvimento intelectual, de modo a lhes possibilitar uma nova compreensão do mundo e de si mesmo no mundo.

Nesta direção, conforme a DRC, além das atividades em sala-de-aula, é importante que grandes temas do rol dos conteúdos estabelecidos para EJA possam ser trabalhados/desenvolvidos a partir do que esses sujeitos já conhecem ao nível do senso comum (MATO GROSSO, 2018). Nessa perspectiva, situa-se a trajetória de luta e resistência vivenciada pelas comunidades quilombolas, protagonizada também por esses estudantes da EJA.

Para atender os desígnios da legislação referente à educação específica, Santana (2019, p. 89) ancorada em Castilho (2016) afirma que:

A educação escolar quilombola se inscreve em um pressuposto que transcende os objetivos formais da educação escolar tradicionalmente conhecida, mas abarca a finalidade de reescrever e afirmar as tradições ou traduções culturais dos quilombos; recuperar suas histórias suprimidas e reprimidas; reunir estilhaços de suas identidades; reinscrever sua comunidade e libertar as pessoas das amarras calcificantes dos estereótipos e de todos os negativismos impostos, resgatando sua autoestima e autoconfiança.

Baseados nos pressupostos do Documento de Referência Curricular do estado e nas legislações específica da modalidade da educação escolar Quilombola e da EJA, iniciamos o trabalho com artesanatos na disciplina de artes coma turma da EJA citada anteriormente. Pois essa atividade, ou seja, a confecção de artesanatos a partir do fruto do cumbaru faz parte do cotidiano dos estudantes daquela turma e da comunidade da qual eles fazem parte. Conforme Amaral (2009, p. 63) “o artesanato constitui-se uma prática fundamental no processo de aprendizagem e educativo de grupos sociais”.

A atividade realizada com a turma da EJA foi a confecção de colares de frutos do cumbaru. Inicialmente fez-se uma roda de conversa com a finalidade de fazer um levantamento de peças artesanais produzidos a partir do fruto do cumbaru, a importância desses artesanatos na geração de renda e na manutenção da cultura quilombola. Como e quando é feita a colheita do fruto. Como ele é armazenado. Com quem aprenderam tal ofício.

A partir da audição, foi apresentado aos estudantes um texto adaptado pelo Professor Elton Flávio, a partir de um Artigo intitulado: Artesanato Quilombola: identidade e etnicidade na Amazônia, de autoria de Assunção José Pureza Amaral no ano de 2009. A partir do texto, organizaram-se grupos de 02 estudantes para pesquisarem no texto palavras com significados desconhecidas do cotidiano dos mesmos.

Posteriormente foi proposta uma reflexão a partir do texto lido e a realidade da Comunidade de Mata Cavalo e cada um opinaram sobre a mensagem que o texto quer transmitir e se os estudantes concordam com a mensagem trazida pelo autor. Posterior às discussões, os estudantes foram fazer aula no campo, com o objetivo de identificar os pés de cumbaru e coletar os frutos dos mesmos. Após a coleta dos frutos, os estudantes partiram para a confecção dos colares, utilizando os frutos coletados durante a aula de campo.

Os resultados apresentados durante as aulas de artes na turma da EJA 1º segmento 2º ano, que culminou com a confecção de colares de frutos de cumbaru, desvelaram o conhecimento tradicional acumulado por dezenas de anos, repassados de gerações, que nos permitem afirmar a importância de se trabalhar os etnosaberes no contexto escolar e que são possíveis as aproximações dos saberes locais da comunidade com os saberes universais.

Considerações finais

Os Matacavalenses desenvolvem práticas e relações com os recursos naturais do seu território que contribuem para a manutenção e fortalecimento do grupo. Conhecimentos tradicionais que se transforma

em ensino não incluído na história oficial, nos livros didáticos e conseqüentemente não discutidos e ensinados no ambiente escolar.

A experiência relatada neste trabalho aponta para a importância e as possibilidades da inserção dos saberes locais da comunidade quilombola na construção de um currículo específico para a modalidade da EJA quilombola, em que a proposta seja a valorização dos saberes desses sujeitos em conformidade com o conhecimento científico.

Referências

AMARAL, Assunção José Pureza. *Cadernos do CEOM* “Espaço de Memória: Abordagens e Práticas” – Ano 23, nº 31, Santa Catarina, ano 22/2009.

Diversidades na Educação: implicações curriculares/orgs. Alipio casali/ Suely Dulce de Castilho. São Paulo: EDUC, 2016

MATO GROSSO, Documento de Referência Curricular para Mato Grosso: Concepções para a Educação Básica, 2018.

SANTANA, Gonçalina Eva Almeida de. Saberes e Fazeres Quilombolas: um olhar sobre as Práticas Pedagógicas da área de Ciências Humanas da Escola de Mata-Cavalo. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2019.



Foto 1: Colares a partir do cumbaru



Foto 2: material utilizado na confecção dos colares



Foto 3: árvore cumbaru

Foto 4: Alunos da EJA coletando o cumbaru



Foto 5: Roda de conversa



**E.E.Q JOSÉ MARIANO
BENTO**

PROJETO DERIVADOS DO COCO DE BABAÇU NO TERRITÓRIO QUILOMBOLA VÃO GRANDE. ENTRE A CIÊNCIA E OS SABERES.

Período de Realização

DE ABRIL A JULHO DE 2016

Coordenadores (as) do Projeto

PROFESSORES: DINALVA ARAUJO DE CAMPOS

MARIA HELENA TAVARES DIAS

NEIDE DOMINGAS BENTO

Profissionais que Participaram das Atividades Desenvolvidas no Projeto/Atividade

MARIA DA GLORIA DE LIMA- CLARICE VENANCIA FERREIRA BENTO

EVANICE TERESA DA SILVA – MARIA LOURENÇA DAVINA DA COSTA

BENEDITO ILINO DA SILVA – HELENICE CONCEIÇÃO DA SILVAMARLI MARIA BENTO –
JOÃO BATISTA DA SILVA – JOACIL JORGE DA COSTA – ACELINA SILVA DA COSTA – JESUINA
CONCEIÇÃO BENTO.

Turmas envolvidas

ENSINO MÉDIO- EJA – ENSINO FUNDAMENTAL

Justificativa

Pensando num projeto que envolva todas as pessoas da E.E. José Mariano Bento pais e moradores e que fosse um projeto que respeitasse a biodiversidade local, que fosse sustentável e que valorizasse os saberes dos pais, funcionários e alunos quilombolas, sabendo-se que hoje não se concebe mais essa educação que exclui e que não evidencia os saberes tradicionais quilombolas que não valoriza seu entorno, sua crença e sua identidade. O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira descreve o acesso à educação nas comunidades quilombolas da seguinte forma: “Nas comunidades remanescentes de quilombos, o acesso à escola para as crianças é difícil, os meios de transporte são insuficientes e inadequados, e o currículo escolar está longe da realidade desses meninos e meninas. Raramente os alunos quilombolas veem sua história, sua cultura e as particularidades de sua vida nos programas de aula e nos materiais pedagógicos”.

Por isso em círculo de conversa com funcionários de apoio, TAE, docentes e alunos, fizemos opção por esse trabalho e pelo coco de babaçu, por já existir na natureza e em abundância, pois não será preciso degradar os espaços preservados, por ser fontes de vitaminas e pelo seu histórico nas comunidades em já ter

sido um produto que no passado fez parte da alimentação de muitos moradores das comunidades. Assim o presente projeto se justifica pela importância de nos tempos atuais redescobrirmos novas fontes de subsistência e geração de renda com a produção dos derivados do coco de babaçu.

A Lei 10.639/03 e as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira reconhece escolas das comunidades quilombolas como espaços importantes e diferenciados, onde deve ser praticada uma educação que respeite as especificidades que envolvem o território, como: organização do local; os conhecimentos e saberes locais; as práticas religiosas; e a cultura local de identidade negra e ancestralidade. Dessa forma o projeto também poderá atender alguns dispositivos legais que garantem esse fazer pedagógico, intermediando no espaço escolar experiências que perpassa nas questões identitárias dos sujeitos que aqui se encontram e que reinventaram novas formas de viver e interagir com o meio ambiente.

Objetivo Geral

Conhecer, pesquisar e produzir derivados a partir do coco de babaçu na E.E. José Mariano Bento com alunos, professores e o apoio para fazerem uso desses derivados na escola e comunidade.

Objetivos Específicos

- *possibilitar a unidade escolar desenvolver trabalhos com plantas nativas que valorize a cultura e identidade local;
- *proporcionar possível geração de renda aos alunos, funcionário e pais;
- *fortalecer a merenda com o uso dos derivados do coco de babaçu;
- *fazer uso do produto de limpeza extraído do coco de babaçu na escola pelos funcionários de apoio;
- *intermediar os saberes científicos com saberes tradicionais passados de geração a geração para dar continuidade aos saberes produzidos no quilombo.

Metodologia

O projeto nasceu da necessidade da escola localizada num território quilombola dos funcionários e seus alunos em desenvolver trabalhos que visassem revitalizar, descobrir, aprender, conservar, ressignificar, valorizar e preservar a cultura e a identidade local, contribuir com a construção de conhecimentos advindos da ancestralidade negra e local quilombola.

Partindo dessa necessidade, a docente da disciplina das ciências e saberes quilombola das Práticas e Cultura e Artesanato Quilombola, Tecnologia Social e a de Geografia, trouxeram a ideia ao coletivo e dessa forma todos os atores se envolveram, pensaram e discutiram quais elementos poderiam ser utilizados como peças fundamentais para a realização e sucesso do projeto. Dessa forma o projeto em questão foi idealizado, após pensado e construído a várias mãos, alunos, professores, apoio (AAE), TAE e moradores contribuíram na formatação do projeto desde o início da escrita e desenvolvimento. A disciplina, de tecnologia social

coube à elaboração passo a passo do projeto, com os diversos olhares, e busca de experiências e teorias que trará para a escola a descoberta da produção dos seguintes derivados do coco de babaçu: carvão vegetal, óleo da castanha, leite da castanha, mesocarpo do coco de babaçu, sabão em barra, líquido e sabonete, farinha da castanha, e artesanato.

Porém esse ano somente 03 derivados do coco de babaçu serão pesquisados e fabricados: o carvão, sabão, e um alimento. Isso para que todos os envolvidos descubram a importância em sua totalidade como: geração de renda, preservação da cultura local, fortalecimento da identidade e do território quilombola, construção de conhecimentos científicos e valorização dos saberes locais.

O projeto primeiramente passará pelo crivo e aval da coordenação pedagógica e aprovação do CDCE que dirá se o projeto é viável e terá possibilidade de ser desenvolvido e se tem relevância pedagógica podendo contar com recursos financeiros para execução do projeto pela escola e pelos sujeitos envolvidos no projeto, mediante sua aprovação pelo CDCE às atividades em seguida será nas disciplinas de Práticas em Cultura e Artesanato Quilombola e Tecnologia Social e na disciplina de Geografia a partir daí realizar as oficinas dos derivados do coco de babaçu contextualizando desde a localização, as escolas dos espaços e comunidades para colheita do coco de babaçu, seu beneficiamento e suas várias utilidades.

A Educação Quilombola tem um importante papel, que é mediar o saber escolar com o saber local, herdado da ancestralidade que formou a cultura afro-brasileira. Por isso, os conhecimentos e saberes quilombolas, como a sua história, formas de luta e resistência, afirmação da identidade nacional deve ser garantida no currículo escolar.

As práticas pedagógicas junto à população quilombola devem propiciar a valorização da identidade negra e sua ancestralidade africana, através de ações educativas que levem alunas e alunos a identificar e conhecer suas origens, sua história, cultura, seu ambiente. Produzir e fazer uso dos derivados para confeccionar algum tipo de merenda escolar, fazer uso dos produtos de limpeza pelos profissionais de apoio AAE também é uma forma de coletivamente envolver todos os atores envolvidos com a educação escolar quilombola.

Seguirá com várias oficinas ministradas por professores, moradores e alunos que detém em partes de algum saber sobre o coco de babaçu, e em todas as oficinas serão feitos registros fotográficos e escritos de todas as etapas para que a escola possa ter um acervo imagético e concreto dos trabalhos desenvolvidos na escola com professores, TAE, AAE, grupo gestor, alunos (as), pais e moradores das comunidades quilombolas.

Recursos

- * Tambor de ferro
- * Triturador
- * Roteador-braço
- * Garrafas vidros

- * Rolhas /tampas
- * Formas silicones para sabonetes
- * Forma para sabão em barra
- * Garrafas plásticas para sabão líquido
- * Papel seda para sabonete
- * Saco organza com fitas
- * Glicerina /corante
- * Soda / óleo/ álcool
- * Sacos para armazenar o carvão produzido
- * Etiquetas para descrever os produtos

Avaliação

Na avaliação do projeto também esperamos contar com o CDCE e com as famílias quilombolas, para que saberes científicos e locais venham ser indissociáveis e permanentes na escola, para que possamos contemplar as diferentes formas de construir e valorizar saberes, dessa forma ela será contínua e finaliza com culminância no final do projeto, onde poderemos identificar falhas e avanços no fazer pedagógico e na interação da escola, comunidade e território para um bem viver.

Resumo descritivo das atividades desenvolvidas

O Projeto aqui desenvolvido consiste na descoberta de algumas das finalidades do coco de Babaçu, seus derivados e utilidades visando com isso o fortalecimento das comunidades com produto que já existe nas comunidades e que pode vir servir como fonte de renda.

Fazer com que os sujeitos envolvidos percebam que fazem parte desse território e dessa vegetação de cerrado em que vivem e que suas atitudes influenciam os modos de ser, perceber e agir no meio ambiente e na vida social de todos. Levá-los a repensar seus fazeres, saberes, e atitudes, tornando-se mais conscientes da relação entre os seres vivos com o meio ambiente e tudo a sua volta.

1ª Atividade

- A coleta do coco do babaçu nas comunidades vizinhas.



2ª Atividade

Preparação dos frutos para a extração dos derivados existentes no fruto do coco do babaçu.





3ª atividade

- iniciou – se a fabricação dos produtos extraídos do coco do babaçu.







4ª - empacotamento e engarrafamento dos produtos feitos com o coco do babaçu.





Resultados esperados:

O fortalecimento das comunidades com produto que já existe nas comunidades e que pode vir servir como fonte de renda;

Que todos os envolvidos descubram a importância em sua totalidade como: geração de renda, preservação da cultura local, fortalecimento da identidade e do território quilombola, construção de conhecimentos científicos e valorização dos saberes local;

Conseguir possível geração de renda aos alunos, funcionário e pais;

Fortalecer a fabricação e o uso dos derivados do coco de babaçu;

ANEXOS

Fotos de registros dos trabalhos realizados com o coco do babaçu











PRODUTOS FABRICADOS COM O COCO DO BABAÇU.

- EXTRAÇÃO DO LEITE DO COCO DO BABAÇU;
- CARVÃO FEITO COM A CASCA DO COCO DO BABAÇU;
- FABRICAÇÃO DE SABÃO;
- CONFECCÃO DE BOLO COM A FARINHA DO BABAÇU;

BARRA DO BUGRES, MT

16/03/2020